COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LUÍS DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

COM PREFÁCIO
E NOTAS DO PROF.
HERNÂNI CIDADE.

VOLUME I
REDONDILHAS E SONETOS

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

Livraria
Civilização
Brasileira
7 de Setembro 97
Rio de Janeiro
(Brasil)
LIVROS
NACIONAIS E
ESTRANGEIROS

OBRAS COMPLETAS
DE
LUIS DE CAMÕES

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses Autores estrangeiros

A venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÊVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *5 volumes*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *12 volumes*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *3 volumes*

A seguir:

Outras obras em preparação.

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00

Retrato de Camões que o Pintor «Fernando Gomes fez em Lisboa» provàvelmente em 1570 e porventura tirado do natural. (Vid. «História da Literatura Portuguesa Ilustrada», de A. F. de Sampaio, Tomo II, «hors-text»).

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

●

Luís de Camões

OBRAS ESCOLHIDAS

---

com prefácio e notas do
prof. **Hernâni Cidade**

●

VOLUME I

REDONDILHAS E SONETOS

(A lição das primeiras edições e variantes)

2.ª edição

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

Desta obra tiraram-se 200 exemplares em papel Leorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.

Todos os exemplares são autenticados com a rubrica dos editores

PROPRIEDADE DA
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

1954
Composto e impresso na
GRÁFICA SANTELMO
Rua S. Bernardo, 84
LISBOA

PREFÁCIO

I

Escorço biográfico de Camões

O que se sabe, de real interesse, da biografia de Luís de Camões não dá para muito mais do que uma escassa meia dúzia de páginas. E se o mais devotado e paciente esforço biográfico até agora feito — o do Dr. Storck — ocupa volume de mais de 700 grandes páginas, na tradução portuguesa de D. Carolina Michaëlis, é porque a imaginação quase capaz de criar do nada largamente colaborou com a erudição de miuçalhas e as conjecturas amplamente esplanadas e justificadas substituem as certezas simples.

Os contemporâneos do Poeta parece terem-no deixado no esplêndido isolamento *do génio. Os confrades do Parnaso, sobretudo os*

que constituem a plêiade mirandina, *uns aos outros se incensam e garantem a imortalidade, mas a respeito de Camões, se é que se lhe faz referência na* Écloga III, *de Ferreira, o tratamento que lhe é dado de* rústico Magálio sem brandura, *explicará suficientemente que dele mais se não diga...*

A vida do Poeta, aliás, passa-se em boa parte no Oriente, em subalternidade social e em âmbito moral nada propícios a triunfos literários. Quando volta para Portugal, o desgaste dos anos e das dificuldades da vida não tardariam a removê-lo como obstáculo à glória alheia, subtraindo-o pela morte às invejas e malquerenças que se adivinham no silêncio que o envolve. Só depois dela surgem, mas ainda rápidas e raras, as referências dos amigos àquele que nos tinha legado o que logo Cervantes chamou o Tesouro do Luso. *Diogo do Couto, Luís Franco (Correia), o licenciado Manuel Correia falam-nos do Poeta, ou recolhem os seus versos, mas o que nos dizem que interesse à sua biografia pouco mais é que nada. E assim, haverá de ser reconstituída com os elementos que a pesquisa dos biógrafos tem conseguido encontrar lá onde ninguém pensou em destiná-los a tal fim, e aqui e além confirmados pelos informes que em seus versos ele próprio nos dá.*

A sua árvore genealógica parece estabelecida (1).

Oriundo da Galiza, do solar de Camones, hoje Camos, (2) no vale de Miñor, perto de Baiona, o progenitor da família dos Camões, Vasco Pires de Camões imigrou para Portugal em 1370, como parcial de D. Fernando nas lutas por este sustentadas com o reino vizinho. Com o nome de Vasco Lopes de Camões figura este fidalgo entre os colaboradores do Cancioneiro de Baena, *mas outro livro lhe dá celebridade — a* Crónica de D. Fernando, *de Fernão Lopes, que nos conta como, por virtude de se haver bandeado com D. João I de Castela contra o Mestre de Avis, foi de novo obrigado a atravessar a fronteira, mas desta vez em sentido contrário.*

---

(1) Vid. *Instituto*, de 1855, onde o cónego Miguel Ribeiro de Vasconcelos publica os documentos que se lhe referem. E ainda: *Novos subsídios para a biografia de Camões*, dados à luz na mesma ocasião (1935); *Rol dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz*, de D. Gabriel de Santa Maria, editado por Pedro de Azevedo, no *Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências*, documento que é preciso corrigir com o abaixo citado, estudado pelo Dr. Pinto Loureiro; o *Testamento de Simão Vaz de Camões, almotacé de Coimbra*, que o Prof. Eugénio de Castro revelou na *Biblos* (vol. III); um documento encontrado pelo Dr. Magalhães Basto e aparecido na *Águia*, vol. X, 3.ª série, 1927.

(2) Vid. J. Silveira, artigo sobre Camões, *in Biblos*, vol. III.

Tinha, porém, deixado descendentes, e entre eles João Vaz de Vila Franca, de quem se conhecem três filhos: Pero Vaz, que viveu em Lagos, escudeiro do Conde de Monsanto; João Vaz de Vila Franca, muito honrado[...] cavaleiro desta cidade *(Coimbra) — diz um documento, outro o inculcando como escolar na mesma cidade —, e Antão Vaz, casado com D. Guiomar Vaz da Gama, da família do grande navegador. Foi este o pai de Simão Vaz, de quem nasceu o Poeta. A mãe, diz o seu primeiro biógrafo, Mariz, chamar-se Ana de Macedo,* mulher nobre de Santarém.

Provàvelmente, estanciando por Coimbra, como se deduz dos seus versos, aí teria convivido com o tio avô João Vaz de Vila Franca, e com os primos, filhos deste fidalgo: Simão Vaz, a quem suas doidices de escalador de conventos não impediram as melhores relações com o Príncipe D. João, pai de El-Rei D. Sebastião; o frade crúzio D. Bento de Camões, que se não deve confundir com o cancelário da Universidade, do mesmo nome, e D. Isabel Tavares, filha dum segundo matrimónio, entre quem e o Poeta os biógrafos têm tecido uma intriga amorosa. Seria ela a Menina dos olhos verdes...

Como se vê, Luís de Camões tem ascendência que, não lhe evitando o infortúnio

da subalternidade penurienta, lhe facilita uma fecunda escolaridade, provàvelmente decorrida em Coimbra, e depois lhe franqueia, em Lisboa, os salões dos Paços régios e aristocráticos. Assim se infere da parte da Lírica que se relaciona com personalidades ou incidentes áulicos e ainda do próprio teor da restante, quase toda de finos conceitos e requebros de forma que implicam as exigências literárias próprias de tais ambientes.

Onde e quando nasceu o Poeta? Impossível responder com mais do que hipóteses. Disputam-no Coimbra e Lisboa, cidades que ambas canta. Todavia, Mariz, que é de Coimbra, não o reivindica como conterrâneo, nas breves notas biográficas em que se não esquece de nos informar que o pai do Poeta era natural de Lisboa e a mãe pertencia aos Macedos, de Santarém — e na mesma edição do poema comentado por Manuel Correia, que se inculca amigo do Poeta e afirma ser Lisboa a sua terra natal.

*O mesmo mistério quanto à data do nascimento. Mas não andará longe da verdade quem a situe no 3.º decénio do século XVI. Diz ele, n*Os Lusíadas X-9:

> *Vão os anos descendo, e já do Estio*
> *Há pouco que passar até o Outono.*

Sabendo que o poema foi publicado em 1572, tinha perto dos cinquenta anos nesta data. E claro que admitimos que o Poeta não deixaria passar tais versos, se em 1572 tivessem perdido a actualidade. E como na Carta de Perdão, *passada em 1553, é chamado* mancebo, *parece haver o direito a julgá-lo nascido pelos meados da terceira dezena do século XVI (1).*

Não tem sido possível, por mais suavemente que se haja pronunciado o Abre-te, Sésamo!, *penetrar nos versos da Canção —* Vinde cá, meu tão certo secretário:

Quando vim da materna sepultura
De novo ao Mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado.
Foi minha ama uma fera; que o destino
Não quis que mulher fosse a que tivesse
Tal nome pera mim...

---

(1) Já se recorreu às referências astrológicas, numerosas nos versos camoneanos, para de sua exegese deduzir qual a ocorrência astronómica com que o Poeta assinala a data do seu nascimento. Fê-lo, primeiro, T. Braga, mas com mais minuciosa documentação e agilidade mental Mário de Sá, no livro recente — *Memórias Astrológicas de Camões*. Sobre fundamentos inseguros, dado o discutível da camonianidade dos versos e o discutível da sua exegese, estabeleceu o A. uma data — 27 de Janeiro de 1522 — mas logo comprometeu o processo, pela facilidade com que a substituiu pela de 23 de Janeiro de 1524...

Como para a imaginação dos biógrafos-romancistas não pode haver mistérios, a mãe do Poeta teria morrido ao dá-lo à luz e já chegou a escrever-se que o leite que lhe nutriu a infância, em tal hipótese decorrida no Ribatejo, seria de vaca brava...

O que se depreende do conjunto dos versos em que ele se refere à sua infância é o intuito de demonstrar estendida a ela a influência das estrelas infelices, *a ferida do* Menino sem olhos. *As lágrimas que chorava no berço já* manavam com uma saudade namorada, *os gritos já* soavam como suspiros, *e só os versos de amor que lhe cantavam ao embalá-lo o faziam adormecer. E para que de menino assim se fosse habituando ao* veneno amoroso,

Que na maior idade beberia
E por costume não me mataria,

podia lá ser uma mulher a sua ama de leite! Só uma fera o seu destino lhe consentiria. Ainda assim — singular mistura da ficção com a realidade — a fera embalava-o *e* cantava-lhe, *o que não é prova de grande ferocidade...*

O Poeta, como se vê, está em plena ficção, ou atribua a seus vagidos de infante

o significado de saudades namoradas, *ou fale do veneno que lhe infiltrou desde o berço a que lhe foi ama. Não peçamos a tal trecho revelações biográficas, pois apenas contém* encarecimentos *e* fingimentos *da fantasia, empenhada em ver na infância o prenúncio da idade juvenil e em dar, no desmedido da expressão, o desmedido do infortúnio.*

Avancemos, porém, para época pouco menos misteriosa, mas infinitamente mais interessante — a da sua formação intelectual. As suas referências ao Mondego, a estância em Coimbra de nobres parentes do Poeta, habilitam a supor que nesta cidade tenha formado o seu espírito. Dirigiu-lhe ou vigiou-lhe a educação o tio D. Bento de Camões, prior do Convento de Santa Cruz e Cancelário da Universidade? É provável (1). O que é certo é que tal formação espiritual fez dele o humanista acabado sobre que o Prof. Storck pôde escrever, com aplauso unânime de

---

(1) Este D. Bento de Camões fora apeado da categoria de tio do Poeta, de prior de Santa Cruz e de cancelário da Universidade por um documento publicado por Pedro de Azevedo — *O Rol dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz*. O Dr. Pinto Loureiro, porém, encontrou na *Crónica do Mosteiro de Santa Cruz*, de Fr. Timóteo dos Mártires, provas da existência de D. Bento de Camões, Prior e Cancelário, distinto do outro do mesmo nome, da idade do Poeta.

quantos especialistas têm estudado a obra camoneana:

> *A quantidade e densidade do saber científico, manifestado nas obras de Camões, causa admiração, principalmente se considerarmos a raridade de bibliotecas volumosas e o alto valor dos códices impressos e manuscritos, que naquelas eras dificultava aos estudiosos a aquisição e até mesmo o uso dos livros. Mas admiração muito mais intensa desperta a fidelidade e segurança da memória do Poeta* [...] *em toda a parte* [na Metrópole ou no Ultramar] *dispõe dos seus multíplices e vastíssimos conhecimentos, em história universal, geografia, astronomia, mitologia clássica, literaturas antigas e modernas, poesia culta e popular, tanto da Itália como das Espanhas, aproveitando-os com a mais perfeita exactidão, como filho legítimo do período do Renascimento e humanista dos mais doutos e distintos do seu tempo...*
>
> «Vida e Obras de Luís de Camões»,
> *(Trad. de C. Michaëlis).*

Se Coimbra formou o humanista e teria oferecido ao Poeta as primeiras imagens e emoções, Lisboa deveria ter operado nele, por quanta emoção épica, sonho de aventura, anseio de horizonte vibravam na sua atmosfera, a aliança da mente às Musas dada *com o* braço às armas feito *que o levou ao Oriente — e à realização do* Tesouro do Luso, *só*

a ele possível, precisamente por esta fecundação do honesto estudo *pela* longa experiência. *Ao convívio com escritores clássicos — Lívio, Eutrópio e Justino, Ptolemeu e Plínio, Cícero e Plutarco; sobretudo com poetas, como Homero, Virgílio, Horácio, Lucano e Ovídio, além de Petrarca, Bembo, Sannazzaro, Bernardo Tasso, Ariosto, Boscan e Garcilaso — a este convívio, dizíamos, sucedia o conhecimento menos indirecto dos feitos e heróis que desde muito novo lhe deviam ter feito bater fortemente o coração. São do seu tempo as vitórias, de certo retumbantes, dos Silveiras, do Vice-Rei Nuno da Cunha, de Martim Afonso de Sousa, a todos os quais empresta o relevo imortal das suas estrofes. A defesa de Diu, o 2.º cerco, sobretudo, ocorrido em 1546, em que assumira proporções de herói de Plutarco* o Castro forte, *não podia deixar de o abalar no estremecimento de entusiasmo que repercutiu em movimento de certa admiração por várias cortes da Europa, entre as quais a pontifícia.*

Era, pois, ainda possível no Ultramar a glória, tanto como a fortuna, e isso não podia deixar de tentar um coração forte, na idade das ambições e das esperanças teimosas, que no ambiente português de modo nenhum podia realizar.

Frequentava a corte, na sua qualidade de moço fidalgo — e dos seus versos se vê que é nesse mundo alto e brilhante que tem algumas da suas relações e encontra o estímulo de boa parte da sua actividade poética. Mas esta circunstância mais lhe fazia sentir o desnível entre o que tinha e o que desejava, entre a miséria mal dourada da sua pobreza e o magnífico esplendor dos seus sonhos.

Estimularia esses sonhos alguma mulher de estirpe inacessível, pela audaciosa requesta da qual lhe fossem infligidos os desterros *a que se têm referido os biógrafos? E seria ela a própria Infanta D. Maria, irmã de D. João III, como o concebeu e renitentemente o defendeu o saudoso Prof. José Maria Rodrigues?*

Cumpriria, para o afirmar, assentar com inteira certeza:

Em primeiro lugar, que as referências do Poeta a desterros *sofridos só pode entender-se no sentido de penas impostas aos atrevimentos do namorado e não de ausências inevitáveis nas andanças do soldado. E é muito provável que sejam tais referências, todas interpretáveis em conformidade com a segunda hipótese, que tenham originado a lenda dos desterros como castigo, de que mesmo o seu primeiro biógrafo não tem a certeza, pois*

se lhes refere sob a vaguidade da expressão: ou como alguns dizem...

Em segundo lugar, importava assentar que só a Infanta possuía categoria hierárquica para provocar tais excessos do poder.

Não nos parece que tais premissas venham um dia a ser estabelecidas de molde a obrigar a aderir àquela conclusão. E também nos não parece que a lírica amorosa do Poeta seja interpretável sòmente à luz dessa hipótese, antes se nos afigura que se tem atribuído à ficção poética porção de realidade que nem abona a dignidade da Infanta nem a do seu apaixonado. Haja em vista o aproveitamento para a tese infantista da Ode IV. *(ed. de 1932) e do* Auto de Filodemo, *em que à falta da princesa da Dinamarca, que se entrega ao cavaleiro português, o Poeta encontra justificação por demais comprometedora para ser biográfica — e por demais escabrosa para ser digna dele. O Poeta refere-se à situação da mulher, sempre encerrada, sem outro enfadamento que não o da agulha e almofada, e acrescenta:*

Então isto vem parir
Os grandes erros da gente,
Em que já antigamente

Foram mil vezes cair
Princesas de alta semente.

Lembra-me que ouvi contar
De tantas, afeiçoadas
Em baixo e pobre lugar,
Que as que agora vão errar
Podem ficar desculpadas.

V. 959-968

O que em meio da névoa de tantas dúvidas podemos considerar como certo é a sua estada em Ceuta. *A Elegia* — Aqueles que de amor descomedido... *confirma este capítulo da sua biografia, com sua referência*

...ao monte que Hércules tebano
Do altíssimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao Mar Mediterrâneo.

Voltou daquela praça africana cego de um olho — dizem os biógrafos — e mais de uma composição sua se refere a este defeito.

Entre o regresso de Ceuta e a partida para a India, um documento descoberto pelo Visconde de Juromenha coloca o incidente que nos dá a alegria rara de uma certeza: é a

sua rixa com Gonçalo Borges, que tinha cargo dos arreios do Rei. *Feriu-o com um golpe de espada, em dia de procissão do Corpo de Deus; e agravada a agressão pela circunstância do tempo e porventura do lugar, o Poeta não pôde deixar de ser detido na cadeia do Tronco. Foi, porém, poupado a justiça mais rigorosa pelo perdão do ferido e ainda porque se propunha naquele ano de 1553 ir servir na Índia. O pagamento de «4$000 para piedade» foi a formalidade única com que a justiça ofendida se desagravou.*

Esta data da partida para o Ultramar consta do documento descoberto por Juromenha. Faria e Sousa encontrara duas: A primeira dum registo da Casa da Índia, onde, na lista relativa a 1550, se inseria: «Luís de Camões, filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá, moradores em Lisboa, à Mouraria, escudeiro, de 25 anos. Tomou por fiador a seu pai; vai na nau de S. Pedro dos Burgaleses». *A segunda é de outro registo, de 1553. Entre os relativos a gente de guerra insere-se este assento:* «Fernando Casado, filho de Manuel Casado e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro. Foi em seu lugar Luís de Camões, filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá, escudeiro; e recebeu 2$400 reis, como os demais».

A má fama de Faria e Sousa explica o reduzido crédito que se dá a estes documentos. Contudo, aos que o dão a Juromenha deve seguramente impressionar esta coincidência da data de 1553, e também será muito para ponderar que o patranheiro *tenha fornecido para a partida de Camões duas datas em vez de uma, ou seja, dois documentos contraditórios, quando um bastava. Forjar um segundo documento com dados divergentes do primeiro é muito mais difícilmente acreditável do que a veracidade de ambos, tanto mais que não são incompatíveis os seus dados. Camões por qualquer circunstância podia não ter partido, depois de registado como tripulante. Aliás, um desses documentos corrige dados com que F. e S. havia construído a biografia de Camões. Por virtude de tais documentos, muda de 1517 para 1524 a data do nascimento do biografado; faz seu fiador, ao partir para a Índia, o pai, que tinha inculcado morto quando o filho* era de pouca idade; *muda-lhe o nome da mãe de* Ana de Sá *para* Ana de Sá de Macedo... *É força confessar que quem inventa costuma ser mais cauteloso, guardando um pouco mais de coerência.*

Seja como for, Luís de Camões partiu para a Índia. O facto projecta-se na sua obra lírica — e não é preciso dizer que, de modo

bem nítido, no poema. Da sua passagem pelo cabo da Boa Esperança dá testemunho a Elegia — O poeta Simónides, falando... *As suas andanças pelo Oriente deixaram vestígios na Canção* — Junto de um seco, duro, estéril monte... *escrita perto de cabo Guardafu, que nela reflete a imagem da sua desolação, pelo Poeta povoada das saudosas recordações da amada; na Canção* — Com força desusada... *escrita talvez em Ternate, a* ilha das partes do Oriente que com força desusada o eterno fogo aquenta, *e finalmente nas estrofes* d-Os Lusíadas, *em que alude ao seu naufrágio na foz do Mecon (X. 128) e naquelas que nos dão o impressionante resumo dos seus infortúnios, da sua dramática,* longa experiência,

Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos mavórcios inumanos,
Qual Cánace que à morte se condena,
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena;

Agora com pobreza avorrecida,
Por hospícios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida
De novo mais que nunca derribado;
Agora às costas escapando a vida,
Que de um fio pendia tão delgado,

Que não menos milagre foi salvar-se,
Que pera o Rei judaico acrescentar-se.

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louros que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram
Com que em tão duro estado me deitaram.
VII-79-81

É preciso conjugar estas estrofes tão cheias de amargura com as sátiras, já graciosas já pungentes, que na sua lírica se inserem entre os poemas de carácter amoroso, para sentir, em toda a sua profundeza e riqueza, a múltipla experiência e dolorosa desilusão que foi para ele aquela

...Babilónia donde nasce
Matéria a quanto mal o mundo cria.

Todavia, o Poeta era de coração forte e espírito alto, e como, em sua ficção, o Gama do cimo do monte da Ilha dos Amores vê a vastidão do planeta e a imensidade dos Céus, consegue o seu génio contemplar, de

muito para além das suas desiluções de homem e tristezas de patriota, a grandeza da epopeia realizada por quantos,

Por mares nunca dantes navegados
Passaram inda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

E através de errores e infortúnios, em sucessivos anos e estados de vária sorte, vai escrevendo um poema onde estremece toda a vida moral da Pátria naquele grande momento da sua história e da história do Mundo. Tudo quanto houve de grandioso na ambição da glória, na capacidade de servir, na aceitação do sacrifício, no alvoroço dos triunfos como na amargura dos sofrimentos, na euforia de confiança do Homem em luta contra as fatalidades físicas, como na consciência da sua humildade de bicho da terra tão pequeno — *tudo no poema tem a expressão forte da verdade vivida. E todo este complexo, tumultuário mundo moral é ordenado na unidade robusta e elegante, sólida na coerência e harmoniosa nas proporções, que a razão sabe imprimir às criaturas de arte que concebe em sua maior serenidade.*

Regressa o Poeta a Portugal em 1569, pobre ao ponto de, segundo refere o seu companheiro Diogo de Couto, viver de amigos em Moçambique, onde o historiador o encontrou organizando o seu Parnaso. *Na metrópole, talvez lhe fosse Mecenas D. Manuel de Portugal, a quem se referem estes versos:*

Imitando os espritos já passados,
Gentis, altos, reais,
Honra benigna dais
A meu tão baixo quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho,
E sacro o nome vosso
Farei, se algũa cousa em verso posso.

O rude canto meu, que ressuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas,
Os belicosos nossos Lusitanos,
Pera tesouro dos futuros anos
Convosco se defende
Da lei leteia, à qual tudo se rende.

Publicado o poema em 1572, recebe o Autor uma tença de quinze mil reis anuais, pelo espaço de três anos, *em* «respeito ao serviço que Luís de Camões, cavaleiro fidalgo da minha casa, me tem feito na India por

muitos anos, e aos que espero que ao diante me fará, e à informação que tenho do seu engenho e habilidade, e à suficiência que mostrou no livro que fez das cousas da Índia».

D. Sebastião, que lhe concede a tença, parece querer justificar por todo um complicado somatório de serviços, quantia que acharia excessiva para a suficiência do livro que fez das cousas da Índia... *Por outro lado, o confronto da tença dada a Camões com as que, quase na mesma data, concede ao filho de João de Barros pelos serviços do pai (150$000) e a quem casasse com uma das filhas do historiador (a renda da capitania de uma das naus da carreira da Índia, por duas vezes), mais evidência dá à incompreensão do monarca perante o* Tesouro do Luso.

Aliás, a tença por tal forma ratinhada, não é paga em dia, segundo o mostram os documentos que se lhe referem. E assim, não há dificuldade em acreditar o historiador Diogo do Couto, na Década VIII, Cap. 28:

«Deixei-o no Reino pobre e sem remédio e estado, que quando morreu o enterrou a Companhia dos Cortesãos e o depositaram à porta do mosteiro do Convento de Santa Ana, da banda de fora, chãmente». *E no manuscrito que da mesma Década existe na Biblioteca do Porto, depois de se referir à campa*

e epitáfio que lhe mandou fazer D. Gonçalo Coutinho, termina:

«Lá no Reino correu a mesma fortuna que na Índia, e não é de espantar, que quem nasceu triste não pode ser contente».

Por seu turno Diogo Bernardes escreveu o soneto que vem inserto na 1.ª edição das Rhythmas *e que termina por esta discreta condenação:*

Honrou a Pátria ; em tudo imiga sorte
A fez com ele só ser encolhida,
Em prémio de estender dela a memória.

Os laudatores aevi acti, *os que expulsaram o Diabo de certos sectores da História, clamam que 15$000 reis era pensão suficiente e o Rei não teria culpa da má cabeça do Poeta. Parece, todavia, que entre os vários juízos devem ser mais seguros os dos contemporâneos que os que se formulem à distância de perto de quatro séculos, mais do que suficientes para atenuar, até completa reabilitação, quanto no Mundo fizeram a maldade, a injustiça, a estupidez ou simplesmente a desatenção a quanto o interesse imediato não imponha às cobiças de egoísmo ou possa converter-se em alimento da vaidade.*

II

O cânone das «Rimas»

Uma edição de toda a obra de Camões, destinada a esta colecção, é bem claro que não pode ter o carácter de uma edição crítica, mas também se compreende não deixe de constituir seguro ponto de partida de estudos mais aprofundados, que excedam o mero interesse estético. A série de volumes camonianos que este inicia dará assim aos leitores o objecto de leitura com as facilidades exigidas pelo vasto público dos não iniciados, que podem por ela conviver com o Poeta, sem ter de a cada passo recorrer ao dicionário da Mitologia ou se deter perante as dificuldades de sentido, e não deixará de pôr nas mãos dos mais curiosos um instrumento de trabalho que os familiarize com os problemas suscitados pela obra do Poeta e com as soluções tentadas ou obtidas pelos seus estudiosos.

E não é a sua obra, como a sua vida, das menos variadas e ricas em problemática. Começa logo pelas incertezas e dificuldades respeitantes ao estabelecimento do cânone das Rimas.

É sabido, na verdade, que, quase sem

excepção, elas foram pòstumamente recolhidas e publicadas. Como vindas a lume em vida de Camões, apenas se apontam: a Ode — Aquele único exemplo *inserta no livro* Colloquios dos Simplices e Drogas — de *Garcia de Orta, publicado em 1563; a Elegia* — Depois que Magalhães teve tecida — *e o Soneto* — Vós, ninfas da gangética espessura — *dedicados a D. Leonis Pereira e vindos a lume na* História de Santa Cruz, *de Pedro de Magalhães Gandavo (1576). O Soneto* — Ditosa pena como a mão que a guia — *ao calígrafo, gravador e poeta Manuel Barata, publicado anónimo no seu* Tratado de Caligrafia *é por Faria e Sousa atribuído a Camões.*

Cremos ter provado que não é impossível admitir a atribuição (1). Se o livro de Barata só pòstumamente se publicou em 1590, a verdade é que desde muitos anos antes, talvez 1572, o preparava para a imprensa.

Em que condições foram organizadas as edições de tão vasta obra lírica, sem a intervenção do Poeta ou a existência de qualquer manuscrito seu? Qual o grau de autenticidade das diferentes peças que a constituem?

Lembremos o testemunho de Diogo do

---

(1) Vid. *Luís de Camões * O Lírico*, 2.ª ed., p. 332-333.

Couto, expresso na Década VIII, *loc. cit.*; «*...e aquele Inverno que esteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas* Lusíadas *para as imprimir e foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que intitulava* Parnaso de Luís de Camões, *livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtaram, e nunca pude saber no Reino dele, por muito que o inquiri; e foi furto notável...*»

Assim, pois, desapareceu, e parece que para todo o sempre, o manuscrito canoniano que poderia substituir a edição que não foi feita. E afinal, talvez que mesmo que um dia fosse descoberto, ainda faltasse o que deveria servir à colação com as peças líricas que não são de muita erudição, doutrina e filosofia, *como as que constituem a* 1.ª *parte deste volume — as* Redondilhas — *exceptuando as escritas* Sôbolos rios que vão...

À falta do manuscrito canoniano, houveram os editores de utilizar outros por onde os versos do Poeta andavam dispersos, mas frequentemente sem a necessária notícia ou precisão nas indicações de proveniência ou autoria, nem a devida fidelidade na transcrição. Eis os manuscritos que se conhecem ou de que há notícia, contendo versos de Camões ou que como tais se têm julgado:

1.º *O do P.e Pedro Ribeiro, de 1577,*

que serviu a Barbosa Machado, de que hoje apenas se conserva o Índice, *por se perder, ao que se diz, no terramoto de 1755. Publicou-o T. Braga, em* Camões — A obra lírica e épica, *e mais tarde D. Carolina Michaëlis, que lhe consagrou um belo estudo, no livro* O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro;

2.º O de Luís Franco (Correia), coligido de 1557-1589, que o leitor pode consultar nos Reservados, da Biblioteca Nacional;

3.º Os utilizados por Faria e Sousa;

4.º O Cancioneiro de D. Cecília de Portugal (mulher de D. Francisco de Portugal) utilizado pelo Visconde de Juromenha na sua edição das Obras de Camões;

5.º Os manuscritos do mesmo Visconde, com várias peças líricas e cartas do Poeta;

6.º O comprado na Holanda por António Fernandes Tomás, estudado por D. Carolina Michaëlis no volume O Cancioneiro de Fernandes Tomás, *e existente no Museu Etnográfico Dr. Leite de Vasconcelos;*

7.º O da Biblioteca da Universidade de Coimbra;

8.º O manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto, que, como o anterior, teria pertencido a Fr. Agostinho da Cruz.

Quais e onde se encontram os manuscritos de que se serviram os primeiros editores

das Rimas? *Como se garantia neles a atribuição a Camões das peças publicadas? Não se sabe. O que se sabe é que já os dois primeiros — o licenciado Fernão Rodrigues Soropita e Estêvão Lopes,* mercador de livros *— nem evitaram as atribuições falsas, nem as imperfeições da cópia. Destas últimas queixa-se o primeiro:*

«*E com isto não resta mais que lembrar que os erros que houver nesta impressão não passaram por alto a quem ajudou a copiar o livro; mas achou-se que era menos inconveniente irem assim como se achavam, por conferência de alguns livros de mão, onde estas obras andavam espedaçadas, que não violar as composições alheias, sem certeza evidente de ser a emenda verdadeira; porque sempre aos bons entendimentos fica reservado julgarem que não são erros do Autor, senão vício do tempo e inadvertência de quem trabalha*».

Quanto às atribuições indevidas, não impediu tal cuidado que fossem feitas as de composições já publicadas no Cancioneiro Geral, *de Resende, portanto antes do Poeta ter nascido:*

Pois é mais nosso que meu

Sonhada, pois, minha vida

E este erro tira a esta edição a autoridade para com seu testemunho se poderem inculcar como de Camões os sonetos nela insertos e que um ano depois eram publicados em Flores do Lima, *de Diogo Bernardes:*

Eu me aparto de vós, ninfas do Tejo

Depois de tantos dias mal gastados

Se quando vos perdi, minha esperança

Outros manuscritos foram encontrados em que poemas incorporados nesta mesma ed. aparecem atribuídos a Vasco Mouzinho de Quevedo, Francisco de Andrade, Simão da Veiga ou Estêvão Rodrigues de Castro.

Mas não culpemos Soropita de negligência que ele próprio denuncia. O erro vinha dos próprios livros de mão *por onde as* obras andavam espedaçadas, *e o Cancioneiro do P.e Pedro Ribeiro o exemplifica, atribuindo ao mesmo tempo a Camões e a Bernardes o soneto:*

Já a saudosa Aurora destoucava

que deve ser o mesmo que

Já a rôxa e branca Aurora destoucava

E ainda:

Quem vos levou de mim, saudoso estado

Todo o animal da calma repousava

Podemos também acrescentar o Soneto:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

que o manuscrito de Luís Franco mostra ser idêntico, salvo pouco mais que o primeiro verso, ao Soneto:

Mostrando o tempo está variedades.

Tais contradições intrínsecas desautorizam este Índice *na solução das extrínsecas. Cumpre assim pôr de reserva as suas indicações, quanto aos poemas em que as atribuições que ele estabelece divergem quer das estabelecidas pelos Cancioneiros de Fernandes Tomás ou Luís Franco, quer nas que assentaram as primeiras edições das* Rimas.

Teria sido mais cuidadoso ou clarividente Estêvão Lopes, ao tentar, agora sem o auxílio de Lobo Soropita, a 2.ª edição das Rhythmas?

Afirma ele que procurou evitar erros da 1.ª ed., comunicando com «pessoas que entendiam, conferindo vários originais e es-

colhendo de entre eles o que vinha mais próprio ao que o Poeta queria dizer».

Expurgou a lírica dos dois sonetos:

Eu me aparto de vós, Ninfas do Tejo

Espanta crescer tanto o crocodilo.

O primeiro tem nas Flores do Lima *a variante:* Eu me aparto de vós, campos do Tejo. *O segundo publicou-o em suas* Rimas Várias *Vasco Mouzinho de Quevedo, em 1596.*

Eliminou ainda as redondilhas:

Catarina bem promete

e as endechas *(posto que apontadas no Índice):*

Vai o bem fugindo

Em compensação, enriqueceu-a com novos poemas e três cartas em prosa, apenas se duvidando da atribuição do soneto A perfeição, a graça, o doce gesto, *que pode muito bem ser de D. Manuel de Portugal ou de Estêvão Rodrigues de Castro, se não for de Diogo Bernardes.*

Domingos Fernandes, que publicou as eds.

de 1607 e de 1616, aceitou como de Camões o que as eds. anteriores lhe legavam e, tendo gasto sete anos — afirma ele — «a ajuntar estas Rimas, por estarem espalhadas em mãos de diversas pessoas e, vindo agora (a ed. de 1616) prometi para a segunda impressão, porque da Índia me têm escrito que me mandarão muitas curiosidades, e neste Reino hei-de haver outras mais...» A D. Rodrigo da Cunha, bispo de Portalegre, a quem a obra é dedicada, agradece ele o haver a maior parte certificado serem do Autor...

Não deixou de se prevenir contra a responsabilidade dos apócrifos, declarando: «se neste livro se acharem algumas cousas que não sejam de Camões, não me ponham a culpa...». Nega sejam do Poeta os três cantos da Criação do Homem, *que encontrou «nas mãos de muitos senhores ilustres». Apesar de tudo, algo de espírio se insinuou na edição. Assim os sonetos:*

Para se namorar da que formou

Porque a tamanhas penas se oferece

Ornou mui raro esforço ao grande Atlante

é o primeiro de André Falcão de Re-

sende, o segundo atribui-se a Francisco Galvão e o terceiro é de construção artificialíssima, nada havendo de comparável na Lírica de Camões nem na do século XVI. É tìpicamente gongórico.

Também o soneto:

Se me vem tanta glória só de olhar-te

foi julgado de Sá de Miranda; mas Leitão de Andrada, que o insere na sua Miscelânea *(1629) dá-o como anónimo, o que pelo menos não anula a hipótese de ser de Camões, posto se conheça uma tradução ou original: versão em espanhol, que pode ser*

Si gran gloria me vino de mirarte

Até aqui, porém, se tudo se fazia com escassíssimo espírito crítico, tudo em certa medida se explicava com inegável boa-fé. Se algumas atribuições eram erradas, havia o escrúpulo de acautelar o leitor contra o engano possível — e o escrúpulo, muito mais para admirar, de não tocar no texto, posto que reconhecido como viciado. *Ficava para Faria e Sousa a responsabilidade de agravar o* erro *em* pecado *literário, aumentando as falsas atribuições e sujeitando a letra do texto ao*

despachado alvedrio do seu gosto... Sejam-lhe atenuantes, em primeiro lugar, o fervor camonista que, impressionado pelas palavras de Couto sobre o furto do Parnaso, *o leva ao desvario de desapossar vários poetas de quanto lhe parecia digno de* Camões; *e um gosto apurado de seiscentista, incapaz de suportar como dele frase de construção menos elegante ou métrica de estrutura defeituosa, já por menos acurada, já por não corresponder à fonética e prosódia seiscentistas.*

O seu critério, quanto às buscas que lhe permitissem a restituição tentada, é de maravilhosa simplicidade: «Yo doy (a mi Poeta) todo lo que hé hallado con sombra de suyo». E aplicou-o não apenas ao anonimato dos livros de mão, *senão também a obras já publicadas... A Diogo Bernardes esbulhou-o de vários sonetos que este havia já publicado como próprios. Foi o poeta do Lima o mais despojado, porque o que mais se aproxima de Camões no domínio da técnica, na suavidade da dicção.*

Faria e Sousa não chegou a ver publicada a sua edição das Rimas, *que só pòstumamente apareceu, em 1685. Mas prestigiado pela dedicação entusiástica pelo Poeta, a quem em permanente reverência chama* mi Maes-

tro, mi Poeta, *e consagrou as longas vigílias ardorosas de que saíram os eruditíssimos comentários das* Rimas, *se a sua obra não chegou ao nosso tempo sem enormes reduções a que a crítica sujeitou o espólio com que, à custa de vários poetas, ele quis compensar Camões do furto de que fora vítima, os* aperfeiçoamentos, *que nela alteram o texto, esses triunfaram e ainda os admitiu a edição de 1932. O enlevo de retoques com que os versos ganhavam em beleza fez esquecer o que poderiam perder em autenticidade.*

Essas alterações justifica-as ele com a lição de outros manuscritos de lição mais pura. Ponhamos de reserva a afirmação, como a prudência aconselha a pôr quanto dele nos vem... Não a negamos para certas divergências, em que, na verdade, o verso canoniano nada com elas ganha em clareza nem brilho; neguemo-la para a maioria delas. Nem o Poeta pôde dar a toda a sua Lírica *a última demão que* Os Lusíadas *receberam, nem os hábitos fonéticos, linguísticos e métricos do tempo em que iniciou a sua carreira poética eram os que na época de Faria e Sousa haviam atingido o requinte que é sabido. A língua, por sua mais aberta vocalidade, permitia hiatos e contracções que hoje se evitam. Encontramo-los não já*

*apenas em Gil Vicente, senão ainda em Miranda e Ferreira. E se não são tão frequentes n-*Os Lusíadas, *é apenas porque ao poema o Poeta o corrigiu até a data da impressão em 1572, ou seja quando a forma tinha recebido o aperfeiçoamento que dentro de alguns anos degeneraria nos excessos do gongorismo. Assim não consideremos como* formas depravadas, adulteradas, estropiadas *versos como, por exemplo:*

Não vos fere de os terdes

Se não foram os olhos verdes

O hiato de os, *que o primeiro octonário exige para o ser, é tão normal como a contracção, no segundo,* foram os, *apesar da nasal.*

A reacção contra, não os aperfeiçoamentos, *mas os esbulhos de Faria e Sousa começou já no século XVIII. O P.e Valério da Cruz, sob o pseudónimo de* Patrício Alethóphilo Misalazão, *publicou em 1784 um folheto* — Camões defendido e o Editor da Edição de 1779 e o Censor deste julgado sem paixão, *em que propõe a questão sobre:*

«...se eram bastantes as provas que Faria e Sousa produziu, para que o editor da novíssima edição tirasse a Bernardes e adjudicasse a Camões as cinco Éclogas que

nela lhe atribui com grave injúria, não tanto do engenho como da sinceridade e honra de Bernardes, e sem proveito de Camões, a quem não são necessários mendigados adornos ou violentos despojos, para se ostentar Príncipe dos Poetas do seu tempo [...] *Se o estarem as ditas Éclogas no mesmo manuscrito, com alguns poemas de Camões, havendo no mesmo (que constava de pouco mais de cem folhas) obras certamente de Bernardes, de Luís de Castro* [...] *e não tendo ali nome de Autor, dava direito para as atribuir a Camões, só por ter este no manuscrito mais obras, ao mesmo tempo que se não queriam reconhecer por deste poeta outras obras que se achavam na mesma colecção sem nome de A. e sem que nunca fossem publicadas por outros...»*

A tais reparos limitou-se o editor, Tomás de Aquino, a responder evasivamente: «Que obrigação tinha eu de me introduzir na embrulhada de decidir se Bernardes furtou ou não éclogas a Camões?».

Quanto à edição de D. António Álvares da Cunha, de 1668, é sabido que já depois da palavra FINIS *insere alguns sonetos de lição muito próxima dos que postumamente seriam publicados na ed. de 1685, de Faria e Sousa. Incluímo-los igualmente, porque, ao contrário do que afirma o Prof. Costa Pimpão, não reproduzem* ipsis verbis *a lição de F. e S.; e quanto à ordem, sendo a mesma a sucessão, quando o extraímos de Faria e Sousa, não é a disposição em que ali se encontram, pois se apresentam intercalados, isolados ou em grupos, entre muitos outros. É assim perfeitamente*

possível que Álvares da Cunha e Faria e Sousa tenham utilizado o mesmo manuscrito (1).

O Visconde de Juromenha, que teve pelo Poeta o culto a que devemos a edição da sua obra e os estudos que lhe consagrou, fez como Tomás de Aquino: sem revisão aceitou como pertencendo-lhe o que havia sido transferido de outras para a sua Lírica e acrèscentou-lhe o que nos manuscritos que logrou possuir e manusear lhe pareceu poder aumentar ao seu espólio. Teófilo Braga não procedeu por forma muito diferente; nem quanto ao ardor dos esforços, nem quanto à cegueira do critério. E para vergonha da nossa cultura, foi preciso que o Dr. Guilherme Storck, que ao Poeta consagrou trinta anos de labor, na tradução em alemão de toda a sua obra — e até da que ele sabia ser-lhe injustamente atribuída — e na expurgação do texto, eliminasse das Rimas *aquelas redondilhas que, desde Soropita, vinham sendo nelas incorporadas, não obstante publicadas por Garcia de Resende antes do Poeta nascer...*

Este trabalho continuou-o, com a minuciosa e rica erudição que sabemos, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que pela

---

(1) Quanto a diferenças entre a lição de um e outros, vid. cit. Luís de Camões * O Lírico (2.ª ed., p. 336).

Zeitschrift für die Romanische Philologie, *como pela* Revue Hispanique *e outras publicações espalhou estudos, recensões críticas, notas que constituem a mais segura informação sobre que se pode basear a melhor edição possível da obra canoniana.*

A edição da Imprensa da Universidade, de 1932, confiada à erudição do grande Mestre Doutor José Maria Rodrigues e ao gosto apurado do Poeta Afonso Lopes Vieira, seguiu no estabelecimento do cânone as informações dos dois investigadores alemães, posto que não levassem os editores o rigor até a exclusão de quanto não seja da incontestável autoria de Camões, ou à inserção de quanto do seu património ainda não haja sido objecto de atribuição diferente. Assim inclui as redondilhas:

Crescem, Camila, os abrolhos...

que num manuscrito aparecem como do Fradinho da Rainha *(1). E, por outro lado, não aceita sonetos que uma ou outra das edições de 1595, 1598, 1616, 1663, 1668, 1685 dão como de Camões, sem que até hoje se lhes haja indicado outro autor.*

---

(1) Jorge Fernandes.

Por outro lado, o texto preferido foi o corrigido *por Faria e Sousa. E porque entenderam os editores que melhor servia a glória do Poeta a audácia de uma correcção que podia ser descabida do que o respeito de uma cópia que podia ser deturpadora, não hesitaram em acrescentar aos* aperfeiçoamentos *de Faria e Sousa, por exemplo, o feito ao verso:*

Ao vento que em doces nós os olhos atã,

que ficou na edição de 1932 assim emendado por processo análogo ao da enxertia cirúrgica, visto consistir na inserção no verso errado de expressão extraída de outro verso do mesmo Poeta:

A doce vento estivo que os desata.

Contra o critério do insigne camonista reagiu a edição recente da Companhia Editora do Minho, dirigida pelo Prof. Costa Pimpão. A lição do texto utilizado foi normalmente a da primeira edição em que a peça lírica surgiu, mesmo que evidente dislate, o que, depois de reparos críticos, sensatamente se corrigiu na 2.ª edição, publicada pela Universidade de Coimbra. Quanto ao cânone, foram dele excluídos todos os poemas que outra

base não tivessem para ser considerados como de Camões que não fosse a de como tais serem dados por Faria e Sousa.

Achamos que o rigorismo de tal critério estaria bem para uma edição que apenas contivesse o que de Camões incontestàvelmente fosse. Tal não é a edição citada, pois nela se insere, apenas «porque é bom e a sua tradição camoniana é respeitável», por exemplo, o soneto:

Doces e claras águas do Mondego

atribuído a Bernardes, a D. João de Lencastre, ao Duque de Aveiro.

Ora, se Faria e Sousa é, na verdade, pessoa desautorizada, não nos parece que o seja ao ponto de excedermos, ante a sua contribuição para o enriquecimento da Lírica *de Camões, a prudente reserva que é de uso em face de entusiastas do seu teor.*

A repulsa sistemática é número simétrico da sistemática aceitação. E não parece que seja mais justificável a aceitação de poemas apresentados por outros editores, cuja paternidade é disputada para outros poetas, do que os descobertos por Faria e Sousa e que a nenhum outro autor são atribuídos. Que ele manuseou manuscritos com versos camo-

nianos, todos o sabemos, porque muitos deles os insere a edição de quem lhe aproveitou os papéis — D. António Álvares da Cunha, cuja contribuição se não repudia. Se há razões para duvidar da sua boa-fé, muitas outras razões existem para se lhe não negar zelo esforçado de camonista. Estas nos persuadem de que ele devia ter encontrado vários inéditos; aquelas nos aconselham a não os aceitar cegamente. Concluamos por inseri-los com a indicação de proveniência, que logo isso os afectará de certo radical de reserva, como, aliás, tantos outros, que todos aceitamos.

III

COMO FOI ORGANIZADA A PRESENTE EDIÇÃO

O valor das «Rimas» camonianas

A organização da presente edição não é original. É a das edições das Obras Completas de Camões, *da Imprensa Portuguesa, e dos* Sonetos, *da Empresa Fluminense. Na impossibilidade de estabelecer na* Lírica *do Poeta qualquer ordenação baseada sobre dados de biografia que tão mal conhecemos, ou sobre processo psicológico que tão obscura-*

mente se deixa adivinhar, cremos que restava dispor os poemas, em primeiro lugar, nas séries constituídas pelas edições que sucessivamente no-los foram dando; em segundo lugar, pelos géneros por que se distribuem. De nossa iniciativa apenas, o aproximar entre si, dentro de cada série, e na medida em que a complexidade e a fluidez da matéria o comportam, os que exprimem estados de alma fundamentalmente os mesmos — o gracioso, o irónico, o satírico, o dramático — mas sem compartimentar por designações estanques o que é insusceptível de tal rigidez.

Por esta forma tem o leitor patenteada, no próprio índice, a história externa da Lírica — o que, pelo menos, oferece a vantagem de uma ordenação de base objectiva além da que assenta sobre os géneros poéticos. Não podia impor-se outra quem não acredita nem na possibilidade de reconstituir da biografia do Poeta mesmo aquela parte que encontrou sua natural expressão na Lírica, nem na possibilidade de subordinar ao condicionalismo biográfico a criação artística, que é por essência libérrima ou, quando muito, sujeita a determinantes que se subtraem à nossa capacidade de reconstituição e análise.

O leitor poderá ver, pelas variantes publicadas no fim do volume, que, em geral, pre-

ferimos a lição que os vários poemas apresentam em sua primeira edição.

Em geral ; *nem sempre. Em primeiro lugar porque, na verdade, em mais de um passo a lição original é de toda a evidência defeituosa, por adulterada, e quando a modificação se circunscreva a um retoque levíssimo, não pode haver escrúpulo em a fazer, tanto mais que se dá, em nota na mesma página ou nas variantes do fim do volume, a lição primitiva; e tanto mais, principalmente, quanto os próprios editores confessam o viciado das lições que nos dão, copiadas de manuscritos cheios de erros. Em segundo lugar, esta edição foi composta sobre a de 1932, o que já deixa adivinhar que, por muita cautela que houvesse nas modificações que sobre o texto* corrigido *e modernizado restauraram as formas das primeiras edições, uma ou outra escapou a tal restauro. Onde, porém, assim aconteceu, lá vem nas variantes a forma primitiva. De qualquer modo, ou nas* Variantes *ou nas* Notas *está visìvelmente marcado o que é da responsabilidade do editor. Assim fosse possível assinalar no texto o que é autênticamente, indubitàvelmente, de Camões!...*

O único mérito provável da presente edição é o de, sem prejudicar a tentativa de

informação erudita, tornar acessível a todo um público muito mais largo a sua leitura. Para tal era necessário nem recuar perante os problemas mais difíceis do texto, nem saltar por cima das dificuldades que em todos os clássicos se levantam perante o leitor menos culto. O sermos aqui ou além miudinhos, impertinentes, seja-nos levado à conta de por toda a parte sermos escrupulosos cumpridores deste encargo — pôr Camões em comunicação com todo o leitor simplesmente dotado das curiosidades de cultor da poesia, sem esquecer as exigências dos que pretendem iniciar-se no estudo da problemática ligada à sua obra genial.

Nada temos dito quanto aos valores estéticos das peças líricas insertas neste volume, às influências sob que foram elaboradas, ao seu significado na evolução da poesia portuguesa — tudo problemas de que o leitor não pode alhear-se.

O Prefácio *vai longo e mais nele não pode caber do que os breves tópicos que bastem a pôr os problemas, em livros nossos, aliás, tratados com o suficiente desenvolvimento (1).*

---

*(1) Luís de Camões * I O Lírico* (2.ª ed.), e *Luís de Camões. A vida e a obra lírica*, ed. da Revista «Ocidente».

O leitor atento verá entre as Redondilhas *algumas feitas a* um cantar velho, *outras feitas a* mote alheio ; *e além de uma ou outra nota que lhe denuncie influências livrescas, verá entre os sonetos vários anotados como traduções ou paráfrases de sonetos de Petrarca ou de Garcilaso. Quer isto dizer que o Poeta elaborou muita poesia suscitada pelo ambiente social e cultural em que viveu, e foi dos que não desprezaram a velha lírica da tradição que vinha dos* Cancioneiros *medievos, nem a cultivada nos serões do Paço e que enche as páginas do* Cancioneiro Geral, *de Resende. Se na primeira é sensível o gosto popularizante das cantigas de amigo (vede, por exemplo, as das páginas 10 e 136), nesta última insinua-se pelos ritmos tradicionais o gosto da lírica espanhola, então dominante, já com as subtilezas conceptistas de que o petrarquismo a tinha contagiado.*

É nesta forma da sua lírica que o Lírico *esplende em graça leve e subtil, brinca e sorri com juvenil desenvoltura, às vezes picante, realizando poesia que é, comparada com a dos seus grandes poemas ou a d'*Os Lusíadas, *como a leveza branca da espuma sobre os abismos do oceano encrespado.*

Nos sonetos e ainda no admirável poema Sôbolos rios que vão, *é o ambiente cultural*

que deposita os germes em nenhuma outra lírica portuguesa tão maravilhosamente florescidos. O platonismo e o petrarquismo lá os encontra o leitor assinalados nas notas aos versos ou poemas em que são mais sensíveis. A assimilação é perfeita, porque o grande génio lusitano tinha a altura que lhe permitia a universalidade. Foi respirando ares que circulavam libérrimos por sobre todas as fronteiras, que nele medrou a substância de pensamento e a virtude comunicativa que o libertaram dos limites do tempo e do espaço.

Mas não foi só isto — nem principalmente isto. O grande génio recebeu dos Fados o presente fatal *da experiência dolorosa que o fecundou. Por coincidência que parece propositada, nenhuma voz de tão impressionante ressonância e tão alto e puro timbre foi posta em vibração por destino mais suscitador das lições da vida, mais dramatizado pelas contrariedades do infortúnio.*

Por isso, se na obra do Poeta há muita cousa elaborada, *em conformidade com as receitas em voga — e, dado o modo como a sua lírica foi recolhida, mais de uma vez hesitamos sobre a autenticidade camoniana de tais peças — também é certo que nos legou poemas que mantêm profundo o vestígio da sua dedada, viva e comunicativa a vibração mo-*

ral que prolongaram em ritmo. Isto nos habilita, lendo-o, a sentir o enlevo imperecível do seu espírito genial, ao mesmo tempo que a conviver com a sua grande alma, ardente e trabalhada como nenhuma o foi mais. E sob tal aspecto, estremecem de sinceridade os versos em que ele assinala o valor de verdade *da sua lírica, a singularidade da múltipla* experiência *que assim amargamente resumiu:*

...em fortuna tudo são mudanças,
...em Amor não há senão enganos.

HERNÂNI CIDADE

P. S. — Entre os meus alunos da cadeira de Estudos Camonianos, por mim regida pela 2.ª vez no biénio de 1943-1945, que me auxiliaram nesta edição, é dever distinguir no meu agradecimento o Doutor José Gonçalo Chorão de Carvalho, que ao prémio «Doutor José Mário Rodrigues», conferido nesta cadeira, concorreu com o trabalho, notável pela minuciosa informação e bom-senso crítico, — Os Sonetos de Luís de Camões e o problema dos Apócrifos.

H. C.

REDONDILHAS
E
SONETOS

REDONDILHAS CONTIDAS NA EDIÇÃO DE SOROPITA, DE 1595

MOTE ALHEIO

Minina dos olhos verdes,
Porque me não vedes?

VOLTAS

Eles verdes são,
E têm por usança
Na cor, esperança
E nas obras, não.
Vossa condição
Não é de olhos verdes,
Porque me não vedes.

Isenção a molhos
Que eles dizem terdes,
Não são de olhos verdes,
Nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos,
E vós não me credes,
Porque me não vedes.

1-2. Nesta poesia brinca o Poeta com o equívoco da palavra *verdes*, umas vezes a tomando como forma verbal, outras como adjectivo.

12-13. Não se trata da repetição do verso anterior, quase só com a alteração da ordem do substantivo e do epíteto, porque num caso *verdes* é, de facto, epíteto, mas no outro é verbo.

Havia de ser,
Por que possa vê-los,
Que uns olhos tão belos
Não se hão-de esconder.
Mas fazeis-me crer
Que já não são verdes,
Porque me não vedes.

Verdes não o são
No que alcanço deles;
Verdes são aqueles
Que esperança dão.
Se na condição
Está serem verdes,
Porque me não vedes?

MOTE ALHEIO

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós Natureza
O sumo da perfeição;
Que o que em vós é senão
É em outras gentileza;
O verde não se despreza,
Que, agora que vós o tendes,
São belos os olhos verdes.

---

1. *Haviam*, ed. de 1595 e 1598.

Ouro e azul é a milhor,
Cor por que a gente se perde;
Mas a graça desse verde
Tira a graça a toda cor.
Fica agora sendo a flor
A cor que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

MOTE ALHEIO

Se me levam águas,
Nos olhos as levo.

VOLTAS

Se de saudade
Morrerei ou não,
Meus olhos dirão
De mim a verdade.
Por eles me atrevo
A lançar as águas
Que mostrem as mágoas
Que nesta alma levo.

1-4. Nesta preferência dos olhos verdes aos olhos azuis, objecto do mesmo culto que os cabelos de ouro, que o petrarquismo pusera em moda, deve o Poeta pôr como mais de uma vez sucede, a realidade acima da convenção.

As águas que em vão
Me fazem chorar,
Se elas são do mar,
Estas de amor são.
Por elas relevo
Todas minhas mágoas;
Que, se força de águas
Me leva, eu as levo.

Todas me entristecem,
Todas são salgadas;
Porém as choradas
Doces me parecem.
Correi, doces águas,
Que, se em vós me enlevo,
Não doem as mágoas
Que no peito levo!

1-8. As águas *que o fazem chorar são* as *que* o *levam* (embarcado) para longe de quem ama. Outras leva ele nos seus olhos, que são de amor.

3-4. Repare-se no trocadilho: *do mar — de amor*.

MOTE

Quem ora soubesse
Onde o Amor nasce,
Que o semeasse!

VOLTAS

De Amor e seus danos
Me fiz lavrador;
Semeava amor
E colhia enganos;
Não vi, em meus anos,
Homem que apanhasse
O que semeasse.

Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos pera os olhos,
Duros pera a vida;
Mas a rês perdida
Que tal erva pasce
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
Trabalhava em vão:
Se semeei grão,
Grande dor colhi.
Amor nunca vi
Que muito durasse,
Que não magoasse.

---

20. Repare-se no trocadilho fonético *grande dor* e *grão de dor*.

MOTE ALHEIO

De pequena tomei amor,
Porque o não entendi;
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.

VOLTAS

Vi-o moço e pequenino,
E a mesma idade ensina
Que se incline ũa minina
Às amostras dum minino.
Ouvi-lhe chamar Amor,
Pelo nome me venci;
Nunca tal engano vi
Nem tamanho desamor.

Cresceu-me de dia em dia
Com a idade a afeição,
Porque amor de criação
Na alma e na vida se cria.
Criou-se em mim este amor,
E senhoreou-se de mi;
Agora que o conheci
Mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,
A morte me determina
Quem eu trouxe de minina,
Nas mininas de seus olhos.
Desta mágoa e desta dor
Tenho sabido que, enfim,
Por amor me perco a mim
Por quem de mim perde amor.

Parece ser caso estranho
O que Amor em mim ordena,
Que em idade tão pequena
Haja tormento tamanho.
Sejam milagres de Amor,
Hei-os de sofrer assi;
Até que haja dó de mi
Quem entender esta dor.

3-4. Atente-se no equívoco intencional *minina* (criança) e *minina dos olhos*. Repete-se no poemazinho da pág. 150.

CANTIGA ALHEIA

Falso cavaleiro ingrato,
Enganais-me:
Vós dizeis que vos eu mato,
E vós matais-me.

VOLTAS

Costumadas artes são
Pera enganar inocências,
Piadosas aparências
Sobre isento coração.
Eu vos amo e vós, ingrato,
Magoais-me,
Dizendo que vos eu mato,
E vós matais-me.

Vede agora qual de nós
Anda mais perto do fim,
Que a justiça faz-se em mim
E o pregão diz que sois vós.
Quando mais verdade trato,
Levantais-me
Que vos desamo e vos mato,
E vós matais-me.

---

18. Entenda-se: *levantais-me a aleivosia.*

CANTIGA ALHEIA

Apartaram-se os meus olhos
De mim tão longe.
Falsos amores,
Falsos, maus, enganadores!

VOLTAS

Trataram-me com cautela
Por me enganar mais asinha;
Dei-lhe posse da alma minha,
Foram-me fugir com ela.
Não há vê-los, nem há vê-la,
De mim tão longe.
Falsos amores,
Falsos, maus, enganadores!

Entreguei-lhe a liberdade,
E, enfim, da vida o milhor.
Foram-se, e do desamor
Fizeram necessidade.
Quem teve a sua vontade
De si tão longe?
Falsos amores,
E tão cruéis matadores!

---

16. Fingiram (os falsos amores) ser necessidade de a deixar o que era apenas o desamor com que a deixavam.

Não se pôs terra nem mar
Entre nós, que foram em vão,
Pôs-se vossa condição
Que tão doce é de passar.
Só ela vos quis levar
De mim tão longe,
Falsos amores
— E oxalá que enganadores!

MOTE

Descalça vai pela neve:
Assim faz quem Amor serve.

VOLTAS

Os previlégios que os reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
Mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve.

1-8. Esta estrofe só vem nas duas primeiras edições.

4. *Condição doce de penar* é temperamento que fàcilmente varia os amores.

8. Porquê o desejo de que sejam *enganadores?* Talvez porque o Poeta figure a hipótese de que se finjam frios, sendo ardentes.

Moça fermosa despreza
Todo o frio e toda a dor.
Olhai quanto pode Amor
Mais que a própria Natureza;
Medo nem delicadeza
Lhe impede que passe a neve
Assim faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,
A tudo se ofreceria;
Passa pela neve fria,
Mais alva que a própria neve;
Com todo o frio se atreve.
Vede em que fogo ferve
O triste que o Amor serve.

MOTE

Irme quiero, madre,
Á aquella galera,
Con el marinero
Á ser marinera.

VOLTAS

Madre, si me fuere,
Dó quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el Amor lo quiere.
Aquél niño fiero
Hace que me muera
Por un marinero
Á ser marinera.

Él, que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede.
Con él por quién muero
Voy, porque no muera;
Que, si es marinero,
Seré marinera.

Es tirana ley
Del Niño Señor,
Que por un amor
Se deseche un Rey.
Pues desta manera
Quiere irme quiero,
Por un marinero
Á ser marinera.

Decid, ondas, cuando
Vistes vos doncella,
Siendo tierna y bella,
Andar navegando?
Mas qué no se espera
Daquel niño fiero?
Vea yo quien quiero:
Sea marinera!

---

14. *Quiere, yo me quiero.* Ed. de 1595.
15. *Por un marinero.* Ed. de 1595.
16. *Hazer marinera.* Ed. de 1595.

MOTE ALHEIO

Saudade minha
Quando vos veria?

VOLTAS

Este tempo vão,
Esta vida escassa,
Pera todos passa,
Só pera mim não.
Os dias se vão
Sem ver este dia
Quando vos veria.

Vede esta mudança
Se está bem perdida
Em tão curta vida
Tão longa esperança!
Se este bem se alcança,
Tudo sofreria,
Quando vos veria.

Saudosa dor,
Eu bem vos entendo;
Mas não me defendo,
Porque ofendo Amor.
Se fôsseis maior,
Em maior valia
Vos estimaria.

---

9. Entenda-se: *Em que pudesse ver-vos.*
16. Entenda-se: *Quando pudesse ver-vos.*

Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade,
De noite e de dia
Sempre vos teria.

MOTE ALHEIO

Vos tenéis mi corazón.

GLOSA

Mi corazón me han robado;
Y Amor, viendo mis enojos,
Me dijo: Fuéte llevado
Por los más hermosos ojos
Que desque vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prisión,
Y si Amor tiene razón,
Señora, por las señales,
Vos tenéis mi corazón.

MOTE

Da alma e de quando tiver
Quero que me despojeis,
Contanto que me deixeis
Os olhos pera vos ver.

VOLTA

Cousa este corpo não tem
Que já não tenhais rendida:
Depois de tirar-lhe a vida,
Tirai-lhe a morte também.
Se mais tenho que perder,
Mais quero que me leveis;
Contanto que me deixeis
Os olhos pera vos ver.

MOTE ALHEIO

De vuestros ojos centellas,
Que encienden pechos de hielo,
Suben por el aire al cielo
Y en llegando son estrellas.

VOLTAS

Falsos loores os dán,
Que essas centellas tan raras
No son nel cielo mas claras
Que en los ojos donde están.
Porque quando miro en ellas
Lo como alumbran al suelo,
No sé que serán nel cielo,
Mas sé que acá son estrellas.

Ni se puede presumir
Que al cielo suban, Señora;
Que la lumbre que en vós mora
No tiene más que subir.
Mas pienso que dan querellas
Á Dios nel octavo cielo,
Porque son acá en el suelo
Dos tan hermosas estrellas.

---

18. O *oitavo céu*, na concepção ptolemaica, era o *Firmamento*, assim chamado porque nele se encontram as estrelas, que guardam sempre as mesmas distâncias umas em relação às outras. *Vid. Os Lusíadas* X, 87.

À tenção de Miraguarda

Ver, e mais guardar
De ver outro dia,
Quem o acabaria?

VOLTAS

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
Impossível é
Que guardar-se possa.
Se faz tanta mossa
Ver-vos um só dia,
Quem se guardaria?

Milhor deve ser,
Neste aventurar,
Ver e não guardar,
Que guardar de ver.
Ver e defender
Muito bom seria;
Mas quem poderia?

---

1. No cap. 53.º do *Palmeirim de Inglaterra*, de F. de Morais, conta-se que o cavaleiro Florendos viu a tenção *Ver e mais guardar* esculpida no regaço de uma estátua que, representando em tamanho natural a dama que pouco antes admirara, encimava a porta do castelo guardado pelo gigante Almourol. A *tenção* (sentido) que Florendos lhe atribuiu era diferente da com que fora esculpida, e assim se compreende que ela fosse tema de contenda lírica nos serões da Infanta D. Maria, como o supõe D. Carolina Michaëlis.

MOTE ALHEIO

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no hay señal,

VOLTA

Mi nueva y dulce querella
Es invisible á la gente;
El alma sola la siente,
Que en cuerpo no es dino della.
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

MOTE ALHEIO

Para qué me dán tormiento,
Aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco
Que descubra lo que siento.

VOLTAS

Tiempo perdido es aquél
Que se pasa en darme afán,
Pués cuanto más me lo dan,
Tanto menos siento dél.
Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
Que no puede ser tan loco
Quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor
Que de tan dulce querella
A nadie dé parte della,
Porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormiento
Que aún se me antoja poco;
Y si es mucho, quedo loco
De gusto de lo que siento.

MOTE ALHEIO

Minha alma, lembrai-vos dela.

GLOSA

Pois o ver-vos tenho em mais
Que mil vidas que me deis,
Assim como a que me dais,
Meu bem já que mo negais,
Meus olhos não mos negueis.
E se a tal estado vim,
Guiado de minha estrela,
Quando houverdes dó de mim,
Minha vida, dai-lhe a fim,
Minha alma, lembrai-vos dela.

---

9. *Minha alma* não é vocativo. O sentido é: *Lembrai-vos da minha alma.*

18. A palavra *fim* é feminina no tempo de Camões como ainda hoje, na linguagem popular do Minho.

MOTE ALHEIO

Tudo pode ũa afeição.

GLOSA

Tem tal jurdição Amor
Na alma donde se aposenta
E de que se faz senhor,
Que a liberta e isenta
De todo humano temor.
E com mui justa razão,
Como senhor soberano,
Que Amor não consente dano.
E pois me sofre tenção,
Gritarei por desengano:
Tudo pode ũa afeição.

MOTE

Se de meu mal me contento,
É porque, pera vós, vejo
Em todo o mundo desejo
E em ninguém merecimento.

VOLTA

Pra quem vos souber olhar,
Tão impossível foi ser
O poder-vos merecer,
Como o não vos desejar,
Pois logo a meu pensamento
Nenhum remédio lhe vejo,
Senão se der o desejo
Asas ao merecimento.

---

10. Entenda-se: *E pois consente (Amor) que eu dê o meu parecer.*

MOTE ALHEIO

Trocai o cuidado,
Senhora, comigo:
Vereis o perigo
Que é ser desamado.

VOLTAS

Se trocar desejo
O amor entre nós,
É pera que em vós
Vejais o que vejo.
E sendo trocado
Este amor comigo,
Ser-vos-á castigo
Terdes meu cuidado.

Tendes o sentido
De amor livre e isento,
E cuidais que é vento
Ser tão mal querido.
Não seja o cuidado
Tão vosso inimigo,
Que quero o perigo
De ser desamado.

Mas nunca foi tal
Este meu querer,
Que a quem tanto quer
Queira tanto mal.
Seja eu mal tratado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo
Que é ser desamado.

MOTE

Vida da minha alma,
Não vos posso ver.
Isto não é vida
Pera se sofrer!

VOLTAS

Quando vos eu via,
Esse bem lograva,
A vida estimava,
Pois então vivia,
Porque vos servia
Só pera vos ver.
Já que vos não vejo,
Pera que é viver?

Vivo sem razão,
Porque em minha dor
Não a pôs Amor,
Que inimigos são.
Mui grande treição
Me obriga a fazer
Que viva, Senhora,
Sem vos poder ver.

Não me atrevo já,
Minha tão querida,
A chamar-vos vida,
Porque a tenho má.
Ninguém cuidará
Que isto pode ser:
Sendo-me vós vida,
Não poder viver!

MOTE

Pois dano me faz olhar-vos,
Não quero, por não perder-vos,
Que ninguém me veja ver-vos.

VOLTAS

De ver-vos a não vos ver
Há dous extremos mortais,
E são eles em si tais,
Que um por um me faz morrer;
Mas antes quero escolher
Que possa viver sem ver-vos,
Minha alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo
Que remédio posso ter?
Se vivo só com vos ver,
Se vos não vejo, perigo.
Quero acabar comigo
Que ninguém me veja ver-vos,
Senhora, por não perder-vos.

---

1. *Pois me faz dano.* Ed. de 1595.
15. *Quero obter de mim, quero conseguir...*

MOTE

De que me serve fugir
De morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadido,
Por razão conveniente,
Que não posso ser contente,
Pois que pude ser nascido.
Anda sempre tão unido
O meu tormento comigo,
Que eu mesmo sou meu perigo.

E, se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me seria.
Que, não sendo eu, não teria
Mal que esse bem me tirasse
Força é logo que assim passe:
Ou com desgosto comigo,
Ou sem gosto e sem perigo.

11-15. Não são de fácil interpretação estes versos. A lição do nosso texto, que é a das duas primeiras edições, parece ter este sentido: (Acaba o Poeta de dizer que, tendo o *tormento unido consigo*, é ele próprio seu perigo). E se de si se pudesse ver livre (para se livrar do seu tormento) nenhum gosto nisso teria. Porque ele não tem em si nenhum mal susceptível de ser eliminado pelo bem de tal libertação, que não seja ele próprio. Assim, é inevitável que passe a vida ou com desgosto ou sem gosto.

MOTE

Sem vós e com meu cuidado.

GLOSA

Querendo amor esconder-vos
Em parte que vos não visse,
Co extremo de querer-vos,
Cegou-me os olhos com ver-vos,
Levou-vos, sem que vos visse.
Eu, cego mas atinado,
Quando vi que vos não via,
Do mesmo Amor indinado,
Já vedes qual ficaria
Sem vós e com meu cuidado.

---

1. Este mesmo mote vem glosado na pág. 155.

MOTE ALHEIO

Justa fué mi perdición;
De mis males soy contento;
Ya no espero galardón,
Pués vuestro merecimiento
Satisfizo mi pasión.

GLOSA

Después que Amor me formó
Todo de amor, cual me veo,
En las leyes que me dió,
El mirar me consintió
Y defendióme el deseo.
Mas el alma, como injusta,
En viendo tal perfección,
Dió al deseo ocasión:
Y pués quebré ley tan justa,
Justa fué mi perdición.

Mostrandoseme el Amor
Más benigno que cruel,
Sobre tirano, traidor,
De zelos de mi dolor
Quiso tomar parte en él.
Yo, que tan dulce tormento
No quiero dalle, aunque peco,
Resisto, y no lo consiento;
Mas si me lo toma à trueco
De mis males, soy contento.

1-4. Esta estrofe é de Boscan.
22. *Dallo*. Ed. de 1595 e 1598.

Señora, ved lo que ordena
Este Amor tan falso nuestro!
Por pagar á costa ajena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vos, para que veais
Tan engañosa tención,
Aunque muerto me sintais,
No miréis, que, si mirais,
Ya no espero galardón.

Pués que premio (me diréis)
Esperas que será bueno?
Sabed, sino lo sabéis,
Que es lo más de lo que peno
Lo menos que merecéis.
Quien hace al mal tan ufano
Y tan libre al sentimiento?
El deseo? No, que es vano.
El amor? No, que es tirano.
Pues? Vuestro merecimiento.

No pudiendo Amor robarme
De mis tan caros despojos,
Aunque fué por más honrarme,
Vos sola para matarme
Le prestastes vuestros ojos.
Matáronme ambos á dos;
Mas a vos con más razón
Debe él la satisfacción;
Que á mí, por él y por vos,
Satisfizo mi pasión.

CARTA A UMA DAMA

Querendo escrever, um dia,
O mal que tanto estimei,
Cuidando no que poria,
Vi Amor que me dezia:
Escreve, que eu notarei.
E como pera se ler
Não era história pequena
A que de mim quis fazer,
Das asas tirou a pena
Com que me fez escrever.

E, logo como a tirou,
Me disse: — Aviva os espritos,
Que pois em teu favor sou,
Esta pena que te dou
Fará voar teus escritos. —
E dando-me a padecer
Tudo o que quis que pudesse,
Pude, enfim, dele dizer
Que me deu com que escrevesse
O que me deu a escrever.

19-20. O Poeta, mesmo jogando com trocadilhos, quase não escreve um verso que não seja traduzível em termos de realidade moral: o Amor deu-lhe ao mesmo tempo a substância dos seus versos e, pela excitação da faculdade expressiva, a própria arte de no-la comunicar.

Eu, que este engano entendi,
Disse-lhe: — Que escreverei?
Respondeu, dizendo assi:
— Altos efeitos de mi
E daquela a quem te dei.
E já que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prezas,
Milagres dum claro gesto
E, de quem o viu, tristezas.

Ah! Senhora, em quem se apura
A fé de meu pensamento!
Escutai e estai a tento,
Que com vossa fermosura
Iguala Amor meu tormento.
E, posto que tão remota
Estejais de me escutar
Por me não remediar,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres se hão-de notar:

---

4. *Afeitos*. Ed. de 1598.

19. O mesmo que *dita*. Há *trocadilho* deste sentido com o do mesmo verbo no verso seguinte, onde significa observar.

Escrevem vários autores
Que, junto de clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem naquele monte.
Se os sentidos podem dar
Mantimentos ao viver,
Não é, logo, de espantar,
Se estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos ver.

Ũa árvore se conhece
Que, na geral alegria,
Ela só tanto entristece
Que, como é noite, floresce,
E perde as flores de dia.
Eu, que em ver-vos sinto o preço.
Que em vossa vista consiste,
Em a vendo me entristeço,
Porque sei que não mereço
A glória de viver triste.

3-4. N'*Os Lusíadas* VII-19, há referência à mesma crença.

11. Com várias plantas se dá este fenómeno. Por exemplo, a *Oenotera*, a *Nicotiana* e vários cactos, são de movimento fotonástico nocturno.

Um rei de grande poder
Com veneno foi criado,
Por que, sendo costumado,
Não lhe pudesse empecer,
Se depois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
A vida a quanto padece,
Desta sorte me acontece,
Que não me faz mal a pena,
Senão quando me falece.

Quem da doença real,
De longe, enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são, vendo sòmente
Um volátil animal.
Do mal que Amor em mim cria
Quando aquela Fénix vejo,
São de todo ficaria;
Mas fica-me hidropesia,
Que quanto mais, mais desejo.

---

1. É Mitridates, rei do Ponto.
11. É a *icterícia*, chamada o *mal-régio*.

Da víbora é verdadeiro,
Se a consorte vai buscar,
Que, em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gerar.
Assim quando me apresento
À vossa vista inumana,
A peçonha do tormento
Deixo à parte, porque dana
Tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
Fez ũa vontade esquiva
Dũa estátua namorar-se;
Depois, por manifestar-se,
Converteu-a em mulher viva.
De quem me irei eu queixando
Ou quem direi que me engana,
Se vou seguindo e buscando
Ũa imagem, que de humana
Em pedra se vai tornando?

---

13. Diz a mitologia que Pigmalião, escultor célebre da Ilha de Chipre, se apaixonou pela estátua em que representou Galateia e obteve que Vénus lhe insuflasse vida.

De ũa fonte se sabia
Da qual certo se provava
Que quem sobre ela jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós que minha liberdade,
Senhora, tiranizais,
Injustamente mandais,
Quando vos falo verdade,
Que vos não possa ver mais.

Da palma se escreve e canta
Ser tão dura e tão forçosa,
Que peso não a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com ele mais se levanta.
Co peso do mal que dais,
A constância que em mim vejo
Não sòmente ma dobrais,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.

---

1. É um dos casos de maravilhoso a cada passo aproveitado pelos autores de novelas de cavalaria ou pastoris.

Se alguém os olhos quiser
Às andorinhas quebrar,
Logo a mãe, sem se deter,
Ũa erva lhe vai buscar
Que lhe faz outros nascer.
Eu que os olhos tenho a tento
Nos vossos, que estrelas são,
Cegam-se os do entendimento,
Mas nascem-me os da razão
De folgar com meu tormento.

Lá pera onde o Sol sai,
Descobrimos, navegando,
Um novo rio admirando,
Que o lenho que nele cai,
Em pedra se vai tornando.
Não se espantem disto as gentes;
Mais razão será que espante
Um coração tão possante
Que com lágrimas ardentes
Se converte em diamante.

---

4. Tal virtude foi atribuída ao *chelidonium majus*, erva chamada *andorinha*, porque com ela se disse que a ave do mesmo nome dá a vista aos filhos que nascem cegos.

11-14. *Os Lusíadas*, X, 134, aludem à mesma crença, que atribuem aos indígenas de Sunda, parte ocidental da Ilha de Java.

13. Admirando é o mesmo que *admirável*.

Pode um mudo nadador
Na linha e cana influir
Tão venenoso vigor,
Que faz mais não se bulir
O braço do pescador.
Se começam de beber
Deste veneno excelente
Meus olhos, sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada que se apresente.

Isto são claros sinais
Do muito que em mim podeis.
Nem podeis desejar mais;
Que, se ver-vos desejais,
Em mim claro vos vereis.
E quereis ver a que fim
Em mim tanto bem se pôs?
Porque quis Amor assim
Que, por vos verdes a vós,
Também me vísseis a mim

Dos males que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei, se mos escutais,
Que já não sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
Não se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento
De terdes meu sofrimento
Por alvo de vossa vista.

---

1. É o torpedo ou tremelga.

Quantos contrários consente
Amor, por mais padecer!
— Que aquela vista excelente,
Que me faz viver contente,
Me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
Ao mal que tanto me ofende:
Como na vela se entende,
Que se apaga co vento,
Co mesmo vento se acende.

Exprimentou-se algũa hora
Da ave que chamam camão,
Que, se da casa onde mora
Vê adúltera senhora,
Morre de pura paixão.
A dor é tão sem medida,
Que remédio lhe não vale.
Mas oh! ditoso animal,
Que pode perder a vida
Quando vê tamanho mal!

---

15. É o assunto do *Emblema XLVII*, de Alciato.

Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Se não fora salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
São assim como as Harpias,
Que as mais doces iguarias
Vão converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito
Não poder já mais dizer,
Por não vir a corromper
Os gostos que tenho escrito
Cos males que hei-de escrever.
Não quero que se apregoe
Mal tanto para encobrir,
Porque em quanto aqui se ouvir,
Nenhũa outra cousa soe
Que a glória de vos servir.

---

8. Monstros alados com rosto de mulher, concebidos pela mitologia clássica.

A umas suspeitas

Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar lugar
Que, de certas, me mateis,
Se a causa de que nasceis
Vos quisesse confessar.
Que de não lhe achar desculpa
A grande mágoa passada
Me tem a alma tão cansada,
Que, se me confessa a culpa,
Tê-la-ei por desculpada.

Ora vede que perigos
Têm cercado o coração,
Que no meio da opressão
A seus próprios inimigos
Vai pedir a defensão!
Que, suspeitas, eu bem sei,
Como se claro vos visse,
Que é certo o que já cuidei,
Que nunca mal suspeitei
Que certo me não saísse.

Mas queria esta certeza
Daquela que me atormenta;
Porque, em tamanha estreiteza,
Ver que disso se contenta,
É descanso da tristeza.
Porque se esta só verdade
Me confessa, limpa e nua,
De cautela e falsidade,
Não pode a minha vontade
Desconforme ser da sua.

30. *Desconformar-se da sua.* Ed. de 1595.

Por segredo namorado
É certo estar conhecido
Que o mal de ser enjeitado
Mais atormenta, sabido,
Mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
Novo modo de querela,
De medo da dor pequena,
Venho a achar na maior pena
O refrigério para ela.

Já nas iras me inflamei,
Nas vinganças, nos furores,
Que já doudo imaginei;
E já mais doudo jurei
De arrancar de alma os amores.
Já determinei mudar-me
Pera outra parte com ira;
Depois vim a concertar-me
Que era bom certificar-me,
No que mostrava a mentira.

Mas depois já de cansadas
As fúrias do imaginar,
Vinha enfim a rebentar
Em lágrimas magoadas
E bem pera magoar.
E deixando-se vencer
Os meus fingidos enganos
De tão claros desenganos,
Não posso menos fazer
Que contentar-me cos danos,

E pedir que me tirassem
Este mal de suspeitar
Que me vejo atormentar,
Inda que me confessassem
Quanto me pode matar.
Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim;
Pois neste estado a que vim,
Pera que vós confesseis,
Se dão os tratos a mim.

Mas pera que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha;
Porque da culpa, que é vossa,
Venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada,
Olhai com que cor se doura,
Que quero, ao fim da jornada,
Que vós sejais confessada,
Pera que eu seja o que moura!

Pois confessai-vos já agora,
Inda que tenho temor
Que nem nesta última hora
Me há-de perdoar Amor
Vossos pecados, Senhora.
E assim vou desesperado,
Porque estes são os costumes
De amor que é mal empregado,
Do qual vou já condenado
Ao inferno de ciúmes!

---

18. *No fim.* Ed. de 1595 e 1598.

A D. Francisca de Aragão, que lhe mandou glosar este verso:

Mas porém a que cuidados?

PRIMEIRA GLOSA

Tanto maiores tormentos
Foram sempre os que sofri,
Daquilo que cabe em mim,
Que não sei que pensamentos
São os pera que nasci.
Quando vejo este meu peito
E perigos arriscados
Inclinado, bem suspeito
Que a cuidados sou sujeito.
Mas porém a que cuidados?

SEGUNDA GLOSA

Que vindes em mim buscar,
Cuidados, que sou cativo?
Eu não tenho que vos dar.
Se vindes a me matar,
Já há muito que não vivo.
Se vindes porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre sofri mais,
Não digo que não venhais.
Mas porém a quê, cuidados?

TERCEIRA GLOSA

Se as penas que Amor me deu
Vêm por tão suaves meios,
Não há que temer receios,
Que vale um cuidado meu
Por mil descansos alheios.
Ter nuns olhos tão fermosos
Os sentidos enlevados,
Bem sei que em baixos estados
São cuidados perigosos.
Mas porém, ah! que cuidados!

CARTA MANDADA COM ESTAS GLOSAS

Deixei-me enterrar no esquecimento de V. M., crendo me seria assi mais seguro; mas agora que é servida de me tornar a ressuscitar, por me mostrar seus poderes, lembro-lhe que ũa vida trabalhosa é menos de agradecer que ũa morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para ma tornar a tomar, servindo-se dela, não me fica mais que desejar que poder acertar com este mote de V. M., ao qual dei três entendimentos, segundo as palavras dele puderam sofrer. Se forem bons, é mote de V. M.; se maus, são as glosas minhas.

MOTE ALHEIO

Campos bem-aventurados,
Tornai-vos agora tristes,
Que os dias que me vistes
Alegre, já são passados.

GLOSA

Campos cheios de prazer,
Vós, que estais reverdecendo,
Já me alegrei com vos ver,
Agora tenho a temer
Que entristeçais em me vendo.
E, pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Não quero que me vejais,
Pera que sempre sejais,
Campos, bem-aventurados.

Porém, se por acidente
Vos pesar de meu tormento,
Sabereis que Amor consente
Que tudo me descontente,
Senão descontentamento.
Por isso vós, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegria que medos,
Se mos quereis fazer ledos,
Tornai-vos agora tristes.

Já me vistes ledo ser;
Mas despois que o falso Amor
Tão triste me fez viver,
Ledos folgo de vos ver,
Por que me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Julgai quanto mais desejo
As horas que vos não vejo,
Que os dias em que me vistes.

O tempo, que é desigual,
De secos, verdes vos tem;
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu pera mor mal.
Se perguntais, verdes prados,
Pelos tempos diferentes
Que de Amor me foram dados,
Tristes, aqui são presentes;
Alegres, já são passados.

MOTE ALHEIO

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardão.

GLOSA

Despois de sempre sofrer,
Senhora, vossas cruezas,
Apesar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas.
Mas pois embalde resiste
Quem vossa vida condena,
Prestes estou pera a pena;
Que, de galardão tão triste,
Triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
A tão grande extremo vim,
Que consinto em minha fim.
Assi que, vós e mais eu,
Ambos somos contra mim.
Mas pois sofro meu tormento
Sem querer mais galardão,
Não é fora de razão
Que queira meu sofrimento,
Pois quer vossa condição.

---

17. *Vid.* nota da pág. 19.
20. *Mas que sofra.* Ed. de 1595 e 1598.

O mal que vós dais por bem,
Esse, Senhora, é mortal;
Que o mal que dais como mal,
Em muito menos se tem,
Por costume natural.
Mas porém nesta vitória,
Que comigo é bem pequena,
A maior dor me condena
A pena que dais por glória,
Que os males que dais por pena.

Que mor bem me possa vir
Que servir-vos, não o sei.
Pois que mais quero eu pedir,
Se, quanto mais vos servir,
Tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
De tão alta estima são,
Assaz de favor me dão
Em querer que meus tormentos
Me fiquem por galardão.

---

6. Estas adversativas perturbam aqui a lógica da estrofe, ligando nela duas frases em que, em vez de haver oposição de sentido, a ideia da primeira apenas se reforça na segunda. São substituíveis por — *E por isso...*

MOTE ALHEIO

Sem ventura é por demais.

GLOSA

Todo o trabalho bem
Promete gostoso fruito;
Mas os trabalhos que vêm
Pera quem dia não tem,
Valem pouco e custam muito.
Rompe toda a pedra dura,
Faz os homens imortais
O trabalho, quando atura;
Mas querer achar ventura
Sem ventura, é por demais.

MOTE ALHEIO

Trabalhos descansariam,
Se pera vós trabalhasse;
Tempos tristes passariam,
Se algũa hora vos lembrasse.

GLOSA

Nunca o prazer se conhece
Senão depois da tormenta;
Tão-pouco o bem permanece
Que, se o descanso floresce,
Logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograriam,
Mas os males tudo atalham;
Porém, já que assi porfiam,
Onde descansos trabalham,
Trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fora
Por vós grão contentamento;
Nada sentira, Senhora,
Se vira disto algũa hora
Em vós um conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse,
Tudo por bem tomaria;
Posto que o corpo cansasse,
A alma descansaria,
Se pera vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
Sofreu, a tudo se pôs;
Costumado ficará;
E muito milhor será
Se trabalhar pera vós.
Tristezas esqueceriam,
Posto que mal me trataram;
Anos não me lembrariam,
Que, como estoutros passaram,
Tempos tristes passariam.

Se fosse galardoado
Este trabalho tão duro,
Não vivera magoado;
Mas não o foi o passado,
Como o será o futuro?
De cansar não cansaria,
Se quiséreis que cansasse;
Cansar, morrer, fá-lo-ia;
Tudo, enfim, esqueceria,
Se algũa hora vos lembrasse.

MOTE

(Acróstico)

[H] A *morte, pois que sou vosso,*
N *ão a quero; mas, se vem,*
A *-de ser todo meu bem.*

Amor, que em meu pensamento
Com tanta fé se fundou,
Me tem dado um regimento
Que, quando vir meu tormento,
Me salve com cujo sou.
E com esta defensão
Com que tudo vencer posso,
Digo a causa ao coração:
Não tem em mim jurdição
A morte, pois que sou vosso.

Por exprimentar um dia
Amor se me achava forte
Nesta fé, como dezia,
Me convidou com a morte,
Só por ver se a temeria.
E como ela seja a cousa
Onde está todo meu bem,
Respondi-lhe, como quem
Quer dizer mais e não ousa:
— *Não a quero, mas se vem...*

Não disse mais, porque então
Entendeu quanto me toca;
E se tinha dito o *não,*
Muitas vezes diz a boca
O que nega o coração.
Toda a cousa defendida
Em mais estima se tem.
Por isso é cousa sabida
Que perder por vós a vida
Há-de ser todo meu bem.

Labirinto a queixar-se do mundo (1)

Corre sem vela e sem leme
O tempo desordenado,
Dum grande vento levado:
O que perigo não teme,
É de pouco exprimentado.
As rédeas trazem na mão
Os que rédeas não tiveram;
Vendo quanto mal fizeram
A cobiça e ambição,
Disfarçados se acolheram.

(1) Se o leitor numerar os versos de cada décima e dispuser em seguimento os de igual número, obtém outras tantas quintilhas, quantas as décimas — e nisto consiste o artifício do *labirinto*. O sentido de tais quintilhas às vezes fica, é claro, longe de ser perfeito.

6. *Defendida* significa *proibida.*

A nau que se vai perder
Destrui mil esperanças;
Vejo o mau que vem a ter;
Vejo perigos correr
Quem não cuida que há mudanças.
Os que nunca em sela andaram
Na sela postos se vêm:
De fazer mal não deixaram;
De demónio hábito têm,
Os que o justo profanaram.

Que poderá vir a ser
O mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquele que quer valer,
Levando o caminho errado.
É para os bons confusão
Ver que os maus prevaleceram;
Que, posto se detiveram
Com esta simulação,
Sempre castigos tiveram.

Não porque governe o leme
Em mar envolto e turbado,
Quem tem seu rumo mudado,
Se perece, grita e geme.
Em tempo desordenado.
Terem justo galardão,
E dor dos que mereceram,
Sempre castigos tiveram
Sem nenhũa redenção,
Posto que se detiveram.

---

16. *Confiança*. Ed. de 1595 e 1598.
18. *Posto que*. Ed. 1595 e 1598.

Na tormenta, se vier,
Desespere da bonança
Quem manhas não sabe ter;
Sem que lhe valha gemer,
Verá falsar a balança.
Os que nunca trabalharam,
Tendo o que lhe não convém,
Se ao inocente enganaram,
Perderão o eterno bem,
Se do mal não se apartaram.

CARTA

Dama de estranho primor,
Se vos for
Pesada minha firmeza,
Olhai não me deis tristeza,
Porque a converto em amor.
Se cuidais
De me matar quando usais
De esquivança,
Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento,
Como isento,
Seguirá sua tenção,
Crendo que em tanta afeição
Não haja acrescentamento.
Não creiais
Que desta arte vos façais
Invencível;
Que Amor sobre o impossível
Amostra que pode mais.

---

2. *Na.* Ed. 1595 e 1598.

Mas já da tenção que sigo
Me desdigo;
Que, se há tanto poder nele,
Também vós podeis mais que ele
Neste mal que usais comigo.
Mas se for
O vosso poder maior
Entre nós,
Quem poderá mais que vós
Se vós podeis mais que Amor?

Depois que, Dama, vos vi,
Entendi
Que perdera Amor seu preço,
Pois o favor que lhe eu peço
Vos pede ele pera si.
Nem duvido
Que não pode, de sentido,
Resistir,
Pois, em vez de vos ferir,
Ficou, de vos ver ferido.

Mas, pois vossa vista é tal,
Em meu mal,
Que posso de vós querer,
Que mal poderei valer,
Onde o mesmo Amor não vale?
Se atentar,
Nenhum bem posso esperar;
E oxalá
Que vos alembrasse já,
Sequer pera me matar.

---

11. *Despois*. Ed. 1595 e 1598.

Mas nem com isto creiais
Que façais
Meus serviços mais pequenos;
Porque eu, quando espero menos,
Sabei que então quero mais.
Nada espero;
Mas de mim crede este fero,
Que, em ser vosso,
Vos quero tudo o que posso,
E não posso quanto quero.

Só por esta fantesia
Merecia
De meus males algum fruito;
E não era, certo, muito
Pera o muito que queria.
De maneira
Que não é, na derradeira,
Grande espanto,
Que quem, Dama, vos quer tanto,
Que outro tanto de vós queira.

---

7. *Fero* significa *ameaça, soberba, despeito.*

MOTE ALHEIO

Vejo-a na alma pintada,
Quando me pede o desejo
O natural que não vejo.

GLOSA

Se só de ver puramente
Me transformei no que vi,
De vista tão excelente
Mal poderei ser ausente,
Enquanto o não for de mi.
Porque a alma namorada
A traz tão bem debuxada
E a memória tanto voa,
Que, se a não vejo em pessoa,
Vejo-a na alma pintada.

O desejo, que se estende
Ao que menos se concede,
Sobre vós pede e pretende,
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu, que em ausência vos vejo,
Tenho piedade e pejo
De me ver tão pobre estar,
Que então não tenho que dar
Quando me pede o desejo.

---

4. *Se só no ver.* Ed. 1595.
19. *Não vejo* nas ed. 1595 e 1598. É certamente erro, porque estaria em contradição com os versos 9-13.

Como àquele que cegou
É cousa vista e notória,
Que a Natureza ordenou
Que se lhe dobre em memória
O que em vista lhe faltou,
Assi a mim, que não rejo
Os olhos ao que desejo,
Na memória e na firmeza
Me concede a Natureza
O natural que não vejo.

MOTE ALHEIO

Amor loco, amor loco,
Yo por vos, y vos por outro.

VOLTAS

Dióme Amor tormentos dos
Para que pene doblado:
Uno es verme desamado,
Otro es mancilla de vos.
Ved que ordena Amor em nos!
Porque me vos hacéis loco,
Que seáis loca por otro.

Tratáis Amor de manera
Que, porque así me tratáis,
Quiere que, pués no me amáis,
Que améis otro que no os quiera.
Mas con todo, si no os viera
De todo loca por otro,
Con mas razón fuera loco.

Y tan contrario viviendo,
Alfin, alfin, conformamos,
Pues ambos a dos buscamos
Lo que más nos vá huyendo:
Voy tras vos siempre siguiendo
Y vos huyendo por otro.
Andáis loca, y me hacéis loco.

MOTE ALHEIO

Há um bem que chega e foge;
E chama-se este bem tal
— Ter bem pera sentir mal.

VOLTA

Quem viveu sempre num ser,
Inda que seja em pobreza,
Não viu o bem da riqueza
Nem o mal de empobrecer:
Não ganhou pera perder;
Mas ganhou com vida igual
— Não ter bem nem sentir mal.

MOTE ALHEIO

Vede bem se nos meus dias
Os desgostos vi sobejos,
Pois tenho medo a desejos
E quero mal a alegrias.

VOLTA

Se desejos fui já ter,
Serviram de atormentar-me;
Se algum bem pode alegrar-me,
Quis-me antes entristecer.
Passei anos, passei dias
Em desgostos tão sobejos,
Que, só por não ter desejos,
Perderei mil alegrias.

MOTE ALHEIO

Todo es poco lo posible.

GLOSA

Ved que engaño señorea
Nuestro juicio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien que se desea,
Alcanzado, queda poco.
Un bien de cualquiera grado,
Si de haberse es imposible,
Queda mucho, deseado;
Mas para mucho, alcanzado,
Todo es poco lo posible.

---

22. Mesmo, porém, que seja muito, uma vez alcançado...

OUTRA GLOSA

Posible es á mi cuidado
Poderme hacer satisfecho,
Si fuera posible al hado
Hacer no hecho lo hecho
Y futuro lo pasado.
Si olvido pudiera haber,
Fuera remedio sufrible;
Mas ya que no puede ser,
Para contento me hacer
Todo es poco lo possible.

MOTE

Minina fermosa e crua;
Bem sei eu
Quem deixara de ser seu,
Se vós quiséreis ser sua.

VOLTAS

Minina mais que na idade,
Se pera me querer bem
Vos não vejo ter vontade,
É porque outrem vo-la tem;
Tem-vo-la e faz-vo-la crua.
Porém eu
Já tomara não ser meu,
Se vós não fôreis tão sua.

Nos olhos e na feição
Vos vi, quando vos olhava,
Tanta graça, que vos dava
De graça este coração;
Não no quisestes, de crua,
Por ser meu:
Se outrem vos dera o seu,
Pode ser fôreis mais sua.

Minina, tende maneira
Que ainda não venha a ser,
Pois não quereis quem vos quer,
Que queirais quem vos não queira.
Olhai não sejais crua;
Que pois eu
Quero ser vosso e não meu,
Sede vós minha e não sua.

A uma dama que lhe mandou pedir algumas obras suas

Senhora, se eu alcançasse
No tempo que ler quereis,
Que a dita dos meus papéis
Pola minha se trocasse;
E por ver
Tudo o que posso escrever
Em mais breve relação,
Indo eu onde eles vão,
Por mim só quisésseis ler;

Depois de ver um cuidado
Tão contente de seu mal,
Veríeis o natural
Do que aqui vedes pintado;
Que o perfeito
Amor de que sou sujeito,
Vereis áspero e cruel:
Aqui, com tinta e papel;
Em mim, com sangue no peito.

Que um contínuo imaginar
Naquilo que o Amor ordena
É pena que, enfim, por pena
Se não pode declarar;
Que, se eu levo
Dentro da alma quanto devo
De trasladar a papéis,
Vede que melhor lereis:
Se a mim, se aquilo que escrevo.

Trovas que mandou com um papel de alfinetes a uma dama

Esses alfinetes vão
A vos picarem, não mais,
Só por que julgueis então
O como me picarão
Os com que vós me picais.
Mas os que dessas estrelas
Vêm, têm pontas tão agudas
Que, em que estoutros vão co'elas,
Podem-vos dar picadelas,
Mas os vossos dão feridas.

---

17. *Vede qual.* Ed. 1595 e 1598.

26. Entenda-se: *Posto que estoutros vão com pontas agudas...*

Assi que, se bem notais
No como ambos debatem,
Nunca podem ser iguais,
Que, inda que esses lá maltratem,
Estes cá maltratam mais.
Porém, já que Amor consente
Em piques tão desiguais,
Onde vós sois mais valente,
Eu, Senhora, sou contente
Do que vos contentar mais.

Venham os alfinetes cá
Desses olhos, por que acertem
Donde acerto já não há;
Porém os meus que vão lá,
Só quero que vos apertem.
E deixando o mais passado,
Fazei que este papel seja
Pregado, digo, empregado,
Porque do seu gasalhado
Eu mesmo lhe tenho enveja.

E se eles em vós se pregam,
Por força os hei-de envejar,
Não só porque bem se empregam,
Mas porque, Senhora, chegam
Onde eu não posso chegar.
Lá vão e lá ficarão
Adonde contìnuamente
A par de si vos terão;
Enfim, lá vos picarão;
Eu cá picarei no dente.

---

18. As eds. anteriores trazem *pegado*, mas parece dever ser *pregado*.

MOTE

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joana;
Não sei qual delas me engana.

VOLTAS

Úa diz que me quer bem,
Outra jura que mo quer;
Mas em jura de mulher
Quem crerá, se elas não crêm?
Não posso, não, crer a Helena?
A Maria, nem Joana:
Mas não sei qual mais me engana.

Úa faz-me juramentos
Que só meu amor estima;
A outra diz que se fina;
Joana, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,
Também mentirá Joana;
Mas quem mente não me engana.

A uma que lhe jurava pelos seus olhos

Quando me quer enganar
A minha bela perjura,
Pera mais me confirmar
O que quer certificar,
Pelos seus olhos me jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por eles,
Imagina o pensamento
Que se faz agravo a eles
Não crer tão grão juramento.

---

22. *Mo jura*. Ed. 1595.

Porém, como em casos tais
Ando já visto e corrente,
Sem outros certos sinais,
Quanto me ela jura mais,
Tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
Uns tais olhos como aqueles,
Deixo-me antes tudo crer,
Só pola não constranger
A jurar falso por eles.

A uma dama vestida de dó

MOTE

De atormentado e perdido,
Já vos não peço senão
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

VOLTA

Se de dó vestida andais
Por quem já vida não tem,
Porque não no haveis de quem
Vós tantas vezes matais?
Que brado sem ser ouvido,
E nunca vejo senão
Cruezas no coração
E grande dó no vestido.

MOTE

Catarina bem promete;
Eramá! como ela mente!

VOLTAS

Catarina é mais fermosa
Pera mim que a luz do dia;
Mas mais fermosa seria,
Se não fosse mentirosa.
Hoje a vejo piadosa;
Amanhã tão diferente,
Que sempre cuido que mente.

Catarina me mentiu
Muitas vezes, sem ter lei,
E todas lhe perdoei
Por ũa só que compriu.
Se como me consentiu
Falar-lhe, o mais me consente,
Nunca mais direi que mente.

Má, mentirosa, malvada,
Dizei: pera que mentis?
Prometeis, e não compris?
Pois sem comprir, tudo é nada.
Nem sois bem aconselhada;
Que quem promete, se mente,
O que perde não no sente.

---

2. *Eramá!* é interjeição muito usada na língua popular do tempo, como se vê em Gil Vicente, às vezes com a forma *ieramá*.

19. *Cumpris*. Ed. 1595.

Jurou-me aquela cadela
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me; tinha a minha,
Deu-lhe pouco de perdê-la.
A vida gasto após ela,
Porque ma dá, se promete;
Mas tira-ma, quando mente.

Tudo vos consentiria
Quanto quisésseis fazer,
Se esse vosso prometer
Fosse por me ter um dia.
Todo então me desfaria
Convosco; e vós, de contente,
Zombaríeis de quem mente.

Prometeu-me ontem de vir,
Nunca mais apareceu;
Creio que não prometeu
Se não só por me mentir.
Faz-me, enfim, chorar e rir:
Rio quando me promete,
Mas choro quando me mente.

Mas pois folgais de mentir,
Prometendo de me ver,
Eu vos deixo o prometer,
Deixai-me vós o comprir:
Haveis então de sentir
Quanto a minha vida sente
O servir a quem lhe mente.

10-11. Repare-se no trocadilho *prometer* e *por me ter*.

MOTE

Enforquei minha Esperança;
Mas Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

VOLTA

Foi a Esperança julgada
Por sentença da Ventura
Que, pois me teve à pendura,
Que fosse dependurada.
Vem Cupido com a espada,
Corta-lhe cerce o baraço.
Cupido, foste madraço!

MOTE

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes
Este meu coração Mendes.

---

11 e 13. Muito se tem escrito sobre estas designações — *Olhos Gonçalves* e *coração Mendes*. Já foi lembrado que na Alemanha houve a designação de *olhos de Bismarck*, como no Porto a de *olhos henriques*... A filóloga ilustre D. Carolina Michaëlis viu na palavra *Gonçalves* o trocadilho *com salves (com saudações)*; e como na palavra *Mendes* já fora notada a convergência com o patronímico *Menendici* da última fase da evolução do latim *metipse* (*Mofina Mendes* — a *própria Má-Sorte*, como *tençãozinha Mendes*, expressão de Gil Vicente, ou *primeirinha Mendes*, expressão de Jorge Ferreira de Vasconcelos), o sentido dos versos seria: «Com vossos olhos, com seus ternos acenos, tendes, Senhora, cativado este meu coração todo amor, coração por excelência, *cor cordium*».

O Prof. Joaquim de Carvalho lembra a informação de

VOLTA

Eu sou boa testemunha
Que Amor tem por cousa má
Que olhos, que são homens já,
Se nomeiem sem alcunha;
E pois coração a punha,
Diz: Olhos, pois vós a tendes,
Chamai-me coração Mendes.

D. Luís Montoto y Rautensrtauch, segundo a qual nos «modos castellanos de decir... entra un personage que, si no tuvo existencia real, vivió en la fantasia del pueblo español» — a personagem *Mendez*. «Quien me llamo p... sino la Mendez?». E o falecido filólogo brasileiro João Ribeiro fala do opulento Heitor Mendes, que tornou o seu apelido designação comum de rico *(endex de fidalgo* — diz nos *Autos* Ant.º Prestes), sendo assim *coração Mendes* o equivalente de *coração rico de afectos, coração de oiro.*

Finalmente o Prof. Fidelino de Figueiredo informa que em Espanha se chamava *Gonzalo* a um gato e assim olhos Gonçalves serão *olhos de gato,* ou seja *olhos verdes.*

O leitor mais interessado pelo problema pode consultar os vols. X, XII e XIV do *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa,* a revista alemã *Zeitschrift,* de Gröber, VII, pág. 429 a 434, e ainda, de João Ribeiro, *Frases Feitas,* Rio, 1908, 1.º vol., pág. 205, além da revista *Lusitânia,* V e VI, pág. 359 e ainda a *Revista de História,* n.º 14, 1953.

E Asencio contribui para a solução do problema com o artigo «*Sobre El-Rei Seleuco de Camões*» in Miscelânea de Filologia, Literatura e História cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho, Centro de Estudos Filológicos, 1950, tomo II, págs. 304-319.

A correcção de... *apunha / diz...* para... *a punha, / Diz...* é do Prof. José Maria Rodrigues.

6. E diz. Olhos pois vós tendes. Ed. 1595 e 1598.

MOTE

Pus meus olhos nũa funda,
E fiz um tiro com ela
Às grades dũa janela.

VOLTA

Ũa dama, de malvada,
Tomou seus olhos na mão
E tirou-me ũa pedrada
Com eles ao coração.
Armei minha funda então,
E pus os meus olhos nela:
Trape! quebro-lhe a janela.

A uma dama que lhe chamou diabo (1)

MOTE

Senhora, pois me chamais
Tão sem razão tão mau nome,
Inda o diabo vos tome.

VOLTAS

Quem quer que viu ou que leu,
Terá por novo e moderno
Ter quem vive no Inferno
O pensamento no Céu.
Mas se a vós vos pareceu
Que me estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.

(1) Este tema é tratado igualmente na pág. 152.
13. Em toda a poesia se deve ler como trissílabo.

Perdido mais que ninguém
Confesso, Senhora, ser;
Mas o diabo não quer
Aos anjos tamanho bem.
Pois logo não me convém;
Ou, se me convém tal nome,
Será pera que vos tome.

Se vos benzeis com cautela.
Como de anjo, e não de luz,
Mal pode fugir da Cruz
Quem vós tendes posto nela.
Mas já que foi minha estrela
Ser diabo e ter tal nome,
Guardai-vos, que vos não tome.

Já que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos postas aos Céus,
Vou sempre pedindo a Deus
Que vos leve este diabo.
Eu, Senhora, não me gabo;
Mas, pois que me dais tal nome,
Tomo-o — pera que vos tome.

A D. Guiomar de Blasfé (1), por se haver queimado com uma vela no rosto

MOTE

Amor, que a todos ofende,
Teve, Senhora, por gosto
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas acende.

(1) Esta D. Guiomar de Blasfé era sobrinha do conde do Redondo.

VOLTA

Aquele rosto que traz
O Mundo todo abrasado,
Se foi da flama tocado,
Foi por que sinta o que faz.
Bem sei que Amor se lhe rende;
Porém o seu pressuposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas acende.

MOTE

Minina, não sei dizer,
Vendo-vos tão acabada,
Quão triste estou por vos ver
Fermosa e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou,
Pouco de mi se doía,
Pois não viu o quanto me ia
Em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
Lindeza tão extremada
Que digam quantos a vêm:
— Fermosa, e mal empregada!

---

6. *Propósito.*

10. O mesmo que *perfeita, extremada em beleza,* como adiante se diz.

Tomastes da fermosura
Quanto dela desejastes,
E com ela me guardastes
Pera tão triste ventura.
Matáveis sendo solteira,
Matais agora em casada;
Matais de toda a maneira,
Fermosa, e mal empregada.

MOTE ALHEIO

Amores de ũa casada,
Que eu vi pelo meu mal.

VOLTAS

Nũa casada fui pôr
Os olhos, de si senhores;
Cuidei que fossem amores,
Eles fizeram-se amor.
Faz-se o desejo maior,
Donde o remédio não vale,
Em perigo de meu mal.

Não me pareceu que Amor
Pudesse tanto comigo,
Que donde entra por amigo
Se levante por senhor.
Leva-me de dor em dor
E de sinal em sinal,
Cada vez pera mor mal.

A uma dama doente

MOTE

Da doença em que ardeis
Eu fora vossa mezinha,
Só com vós serdes a minha.

VOLTAS

É muito pera notar
Cura tão bem acertada,
Que pudéreis ser curada
Sòmente com me curar.
Se quereis, Dama, trocar,
Ambos temos a mezinha:
Eu a vossa, e vós a minha.

Olhai que não quer Amor
(Por que fiquemos iguais),
Pois meu ardor não curais,
Que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto vossa dor;
E, se vós sintis a minha,
Dai e tomai a mezinha.

AO MESMO MOTE

Olhai que dura sentença
Foi Amor dar contra mi:
Que, porque em vós me perdi,
Em vós me busque a doença.
Claro está
Que em vós só me achará;
Que em mim, se me vem buscar,
Não poderá mais achar
Que a forma do que fui já.

Que se em vós Amor se pôs,
Senhora, é forçado assi
Que o mal que me busca a mi
Que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quis destruir
Por modo nunca cuidado,
Pois há-de ser já forçado
Pesar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida
E são meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais a vida.
Se por boa
Tal justiça se pregoa,
Quando desta sorte for,
Haveis vós perdão de Amor,
Que a parte já vos perdoa.

---

16. Na 1.ª ed. *Pois vos há-de ser forçado*. Talvez fosse correcção mais adequada ao contexto: *Pois me há-de ser forçado (causar-vos o pesar de vos servir)*.

Mas o que mais temo, enfim,
É que, nesta diferença,
Que se não torne a doença
Se me não tornais a mim.
De verdade,
Que já vossa humanidade
De que se queixe não tem,
Pois pera as almas também
Fez Amor enfermidade.

MOTE

Deu, Senhora, por sentença
Amor, que fôsseis doente,
Pera fazerdes à gente
Doce e fermosa a doença.

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
Foi a doença fazer
Fermosa, pera se ver,
Doce, pera se passar.
Então, vendo a diferença
Que há de vós a toda a gente,
Mandou que fôsseis doente
Pera glória da doença.

---

2. *Contenda.*

3. Esta integrante repete escusadamente a do verso anterior. É vulgar na sintaxe do tempo. O sentido é — *Que a doença se não vá embora, se a mim me não libertais.*

E digo-vos de verdade
Que a saúde anda invejosa,
Por ver estar tão fermosa
Em vós essa enfermidade.
Não façais, logo, detença,
Senhora, em estar doente,
Porque adoecerá a gente
Com desejos da doença.

Que eu, por ter, fermosa Dama,
A doença que em vós vejo,
Vos confesso que desejo
De cair convosco em cama.
Se consentis que me vença
Deste mal, não houve gente
Da saúde tão contente,
Como eu serei da doença.

A uma senhora que rezava por umas contas

Peço-vos que me digais:
As orações que rezastes
Se são pelos que matastes,
Se por vós, que assim matais?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quantos vêm
A só vida vos pedir,
Como vos há Deus de ouvir.
Se vós não ouvis ninguém?
Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão prontas,
Que, se nũa trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomendando
Os que matastes andais,
Se rezais por quem matais,
Pera que matais, rezando?
Que, se na força do orar
Levantais as mãos aos Céus,
Não as ergueis pera Deus,
Erguei-las pera matar.

E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê
Pera nunca verem mais.
Pois se assim forem tratados
Os que vos vêem quando orais,
Essas Horas que rezais
São as Horas dos Finados.

Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não rezeis onde vos vejam
Ou vede pera dar vida.
Ou, se quereis escusar
Estes males que causastes,
Ressuscitai quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

A uma mulher, açoitada por um homem a quem chamavam Quaresma

MOTE

Não estejais agravada,
Senão se for de vós mesma;
Porque a mulher que é errada
Com razão pela Coresma
Deve ser disciprinada.

VOLTAS

Quererdes profano amor
Em Coresma, é consciência:
Açoites e penitência
Vos está muito milhor.
Não fiqueis disto afrontada,
Pois a culpa é vossa mesma;
Que mulher que é tão malvada,
É bem que pela Coresma
Seja bem disciprinada.

Se a penitência vos vale,
Mui bem açoutada estais;
Pois por Coresma pagais
Vossos vícios do carnal.
Não torneis a ser errada,
Nem condeneis a vós mesma,
Pois estais já emendada;
E não sereis por Coresma
Outra vez disciprinada.

A uma Senhora a quem deram um pedaço de cetim amarelo

MOTE

Se derivais de verdade
Esta palavra *sitim*,
Achareis sem falsidade
Que após o *si* tem o *tim*,
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis;
Mas, por que não fale em vão,
Sabei que a esta nação,
Tanto que o *si* concedeis,
O *tim* logo está na mão.

E quem da fama se arreda.
Que tudo vai descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da seda
Seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado,
Qual a cacha e outros assi,
Dura, aquenta e é calado,
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim* nem brocado.

---

2. A ortografia hoje usada é *cetim*, mas prejudicaria o efeito do trocadilho, que resulta da decomposição da palavra em *si* + *tim*.

17. *Qual raxa*. Ed. de 1595. *Qual araxa*. Ed. de 1598.

Mas estes que sedas são
Com que se enganam mil damas,
Mais vos tomam do que dão;
Prometem, mas não darão
Senão nódoas pera as famas.
E se não me quereis crer
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa de algum vezinho.

Ó feminina simpreza,
Donde estão culpas a pares,
Que por um Dom de nobreza
Deixam dões da Natureza,
Mais altos e singulares!
Um Dom que anda enxertado
No nome, e nas obras não.
Falo como exprimentado;
Que *sitim* desta feição
Eu tenho muito cortado

Dizem-me que era amarelo;
E quem assim o quis dar,
Só pera me Deus vingar,
Se vem à mão, amarei-lo,
O que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas
(Isto bem pode não ser),
Dá a mininas fermosas,
Sòmente polas fazer.

Quem vos isto diz, Senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fora;
E pode ser que inda agora
Traz abertas as frechadas.
E, posto que desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura milhor;
Que, dos antigos amores,
Inda lhe fica este amor.

---

4. Só por me Deus vingar (do menos interesse que vos mereço) vós amareis, se houver ensejo, aquele que vos deu o *sitim* amarelo.

10. Fazer ou praticar as *artes manhosas*...

A João Lopes Leitão, por causa duma peça de cacha que mandou a uma dama que se lhe fazia donzela

MOTE

Se vossa Dama vos dá
Tudo quanto vós quisestes,
Dizei-me: porque lhe destes
O que vos ela fez já?

VOLTA

Sendo os restos envidados
(E vós de cachas mil contos)
Sabeis com quão poucos pontos,
Que lhos achastes quebrados.

1-4. Não é muito claro o sentido da primeira metade desta estrofe. A edição de 1595 põe ponto de interrogação no fim do 4.º verso, e a de 1598 no fim do 3.º. A edição de 1932 supõe a estrofe incompleta, iniciando-a por uma linha de pontos.

A tradução de Storck é demasiado livre para auxiliar a interpretação dos 4 primeiros versos — os difíceis. É a seguinte:

Ihr versteht die rechten Griffe,
Spielt vortrefflich mit dem Blinden,
Könnt verblüffen, wisst zu schinden,
Kurz, Ihr seid ein Mann der Pfiffe...

o que apenas enumera as habilidades do jogador, em síntese no último verso: *Numa palavra — sois um homem para todas as artimanhas.*

O Poeta, na verdade, alegoriza os jogos do amor em jogo de cartas, em que por meio de simulações *(cachas)* se *envida* o adversário a lançar na mesa os *pontos* que se lhe querem ganhar. Lopes Leitão, *jogando* com a fingida

3. *Dizei: pera que*. Ed. de 1595.

Se o que tem, isso vos dá,
Vós mui bem lho merecestes,
Porque, se a cacha lhe destes,
Tinha-vo-la feita já.

MOTE

Coifa de beirame
Namorou Joane.

VOLTAS

Por cousa tão pouca
Andas namorado?
Amas o toucado
E não quem o touca?
Ando cega e louca
Por ti, meu Joane;
Tu, pelo beirame.

Amas o vestido?
Ês falso amador.
Tu não vês que Amor
Se pinta despido?
Cego e perdido
Andas por beirame,
E eu por ti, Joane.

---

donzela, tendo-lhe *enviado — e com mil contos de cachas* — o que lhe faltava ganhar, decerto as últimas concessões que ao amor se pedem *(os restos)*, reconheceu que os *pontos* que a ela restavam eram bem poucos e *quebrados* (diminuídos de valor). De aí a conclusão dos quatro últimos versos, em que se utiliza o duplo sentido da palavra *cacha* — pano e engodo: ele deu-lhe a *cacha* (pano), ela tinha-lhe feito a cacha (engodo).

Se alguém te vir,
Que dirá de ti?
— Que deixas a mi
Por cousa tão vil.
Terá bem que rir,
Pois amas beirame
E a mim não, Joane!

Quem ama, assi
Há-de ser amada.
Ando maltratada
De amores por ti.
Ama-me a mi,
E deixa beirame,
Que é rezão, Joane!

A todos encanta
Tua parvoíce;
De tua doudice
Gonçalo se espanta
E, zombando, canta:
— Coifa de beirame
Namorou Joane! —

Eu não sei que viste
Neste meu toucado,
Que tão namorado
Dele te sentiste.
Não te veja triste;
Ama-me, Joane.
E deixa o beirame!

(Joane gemia,
Maria chorava,
E assim lamentava
O mal que sentia;
Os olhos feria,
E não o beirame
Que matou Joane):

Não sei de que vem
Amares vestido;
Que o mesmo Cupido
Vestido não tem.
Sabes de que vem
Amares beirame?
Vem de ser Joane.

MOTE

Qual terá culpa de nós
Neste mal, que todo é meu?:
Quando vindes, não vou eu;
Quando vou, não vindes vós.

VOLTA

Reinando Amor em dous peitos,
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes efeitos.
Igualmente vive em nós;
Mas, por desconcerto seu,
Vos leva, se venho eu,
Me leva, se vindes vós.

---

9. *Andares*. Ed. 1598.

14. Provàvelmente, o nome de *Joane* significava no tempo o que hoje, na conversa faceta, significa o de *Matias* — pobre de espírito. Mas também pode o verso significar: *Vem de seres quem és.*

Na Índia: Mote que lhe mandou o Viso-Rei

Muito sou meu inimigo,
Pois que não tiro de mi
Cuidados com que nasci,
Que põem a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!

VOLTAS

Viver eu, sendo mortal,
De cuidados rodeado,
Parece meu natural;
Que a peçonha não faz mal
A quem foi nela criado.
Tanto sou meu inimigo,
Que, por não tirar de mi
Cuidados com que nasci,
Porei a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!

Tanto vim a acrescentar
Cuidados que nunca amansam,
Enquanto a vida durar,
Que canso já de cuidar
Como cuidados não cansam.
Se estes cuidados que digo
Dessem fim a mi e a si,
Fariam pazes comigo;
Que pôr a vida em perigo,
O bom fora pera mi.

Ao Viso-Rei

Conde, cujo ilustre peito
Merece nome de Rei,
Do qual muito certo sei
Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Viso-Rei;
Servirdes-vos de ocupar-me,
Tanto contra meu planeta,
Não foi senão asas dar-me,
Com as quais vou a queimar-me,
Como o faz a borboleta.

E se eu a pena tomar
Que tão mal cortada tenho,
Será pera celebrar
Vosso valor singular,
Dino de mais alto engenho.
Que, se o meu vos celebrasse,
Necessário me seria
Que os olhos da águia tomasse,
Só pera que não cegasse
No sol de vossa valia.

---

7. Na concepção astrológica, cada homem estava sob o signo do planeta ou da conjunção astronómica em que tinha nascido. Disso dependia o seu destino.

Vossos feitos sublimados
Nas armas, dinos de glória,
São no Mundo tão soados,
Que em vós de vossos passados
Se ressuscita a memória.
Pois aquele ânimo estranho,
Pronto pera todo efeito,
Espanta todo conceito.
Como coração tamanho
Vos pode caber no peito?

A clemência que asserena
Coração tão singular,
Se eu nisso pusesse a pena,
Seria encerrar o mar
Em cova muito pequena.
Bem basta, Senhor, que agora
Vos sirvais de me ocupar,
Que assi fareis aparar
A pena, com que algũa hora
Vos vereis ao Céu voar.

Assi vos irei louvando,
Vós a mim do chão erguendo,
Ambos o Mundo espantando:
Vós, com a espada cortando;
Eu, com a pena escrevendo.

Banquete dado na Índia a fidalgos seus amigos

A primeira iguaria foi posta para Vasco de Ataide, e dizia:

Se não quereis padecer
Ũa ou duas horas tristes,
Sabeis que haveis de fazer?
Volveros por dó venistes,
Que aqui não há que comer.
E, posto que aqui leiais
Trovinha que vos enleia,
Corrido não estejais;
Porque, por mais que corrais,
Não heis-de alcançar a ceia.

A segunda, a D. Francisco de Almeida

Heliogábalo zombava
Das pessoas convidadas,
E de sorte as enganava,
Que as iguarias que dava
Vinham nos pratos pintadas.
Não temais tal travessura,
Pois já não pode ser nova;
Que a ceia está segura
De não vos vir em pintura,
Mas há-de vir toda em trova.

A terceira, a Heitor da Silveira

Ceia não a papareis;
Contudo, por que não minta,
Pera beber achareis,
Não Caparica, mas tinta,
E mil cousas que papeis.
E vós torceis o focinho
Com esta anfibologia?
Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho
E papéis por iguaria.

A quarta, a João Lopes Leitão, a quem o Autor fez uns versos, que vêm na pág. 82, sobre uma peça de cacha que deu a uma dama

Por que os que vos convidaram
Vosso estâmago não danem,
Por justa causa ordenaram,
Se trovas vos enganaram,
Que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por taxa
— Converter tudo em trovar;
Pois se me virdes zombar,
Não cuideis, Senhor, que é cacha,
Que aqui não há que cachar.

Finge que responde João Lopes Leitão

Pesar ora não-de-são!
Eu juro pelo Céu bento,
Se de comer não me dão,
Que eu não sou camaleão,
Que me hei-de manter de vento.

Finge que responde o Autor

Senhor, não vos agasteis,
Porque Deus vos proverá;
E, se mais saber quereis,
Nas costas deste lereis
As iguarias que há.

Virado o papel, dizia assim:

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhũa de molho,
E nada feito em empada,
E vento de tigelada;
Picar no dente em remolho;
De fumo tendes tassalhos;
Ave da pena que sente
Quem da fome anda doente;
Bocejar de vinho e de alhos,
Manjar em branco excelente.

---

1. É a transformação eufemística de *nome de São*, como em francês se usa *Morbleu* por *Mort (de) Dieu*.

A quinta e derradeira foi posta a Francisco de Melo e dizia:

Dum homem que teve o cetro
Da veia maravilhosa,
Não foi cousa duvidosa
Que se lhe tornava em metro
O que ia a dizer em prosa.
De mim vos quero apostar
Que faça cousas mais novas
De quanto podeis cuidar:
Esta ceia, que é manjar,
Vos faça na boca em trovas.

Endechas a Bárbara escrava (1)

Aquela cativa
Que me tem cativo,
Porque nela vivo
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que pera meus olhos
Fosse mais fermosa.

---

(1) Contra as convenções do petrarquismo, o Poeta canta uma formosura oriental, e com todos os traços que a distinguem dos retratos moldados pelo de Laura — a amada de Petrarca. Notemos que esta mesma expansão amorosa do português pelas raças dos mundos tão diferentes que calcurriou, ocorre a primeira vez no poeta do *Cancioneiro Geral*, de Resende, D. João Manuel, que também canta *uma escrava sua*.

Nem no campo flores,
Nem no céu estrelas
Me parecem belas
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

Ũa graça viva,
Que neles lhe mora,
Pera ser senhora
De quem é cativa.
Pretos os cabelos,
Onde o povo vão
Perde opinião
Que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a cor.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha;
Bem parece estranha,
Mas bárbara não.

---

7. Entenda-se: *mas não (cansados) de matar.*

16. A escrava não era preta, certamente. Pelo menos não se deve deduzir deste verso que o fosse. Lembra o Dr. Agostinho de Campos o hábito com que nós, por ternura, chamamos — *minha preta* — à rapariga ou criança simplesmente morena.

Presença serena
Que a tormenta amansa;
Nela, enfim, descansa
Toda minha pena.
Esta é a cativa
Que me tem cativo,
E, pois nela vivo,
É força que viva.

A um fidalgo que lhe tardava com uma camisa galante que lhe prometera

Quem no Mundo quiser ser
Havido por singular,
Pera mais se engrandecer,
Há-de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometer.
E já que Vossa Mercê
Largueza tem por divisa,
Como todo o mundo vê,
Há mister que tanto dê,
Que venha dar a camisa.

---

8. Este último verso suscitou uma interpretação curiosa de D. Carolina Michaëlis: Como o Dr. Storck tivesse imaginado, na sua biografia-romance de Camões, que a escrava Bárbara seria quem servia o Poeta na ceia que ele deu aos seus amigos, em que as iguarias eram redondilhas, a sua tradutora acrescentou, em nota, que nessa ocasião seriam feitas estas endechas, em forma de brinde, terminando, *em ímpeto juvenil: É força que: Viva!*

Os chamados disparates da Índia

Este mundo es el camino
Adó hay ducientos vaus,
Ou por onde bons e maus
Todos somos *del merino.*
Mas os maus são de teor
Que, dês que mudam a cor,
Chamam logo a el-rei compadre;
E enfim, *dejadlos,* mi madre,
Que sempre têm um sabor
De quem torto nasce, tarde se endireita.

Deixai a um que se abone;
Diz logo, de muito sengo:
— *Villas y castillos tengo,*
Todos á mi mandar sone. —
Então eu, que estou de molho,
Com a lágrima no olho,
Digo-lhe: *tu insanus es,*
E por isso não te olho;
Pois honra e proveito não cabem num saco.

Vereis uns, que no seu seio
Cuidam que trazem Paris,
E querem com dois ceitis
Fender anca pelo meio.
Vereis mancebinho de arte
Com espada em talabarte;
Não há mais italiano.
A estes direis: — Meu mano,
Vós sois galante que farte;
Mas *pan y vino anda el caminho, que no mozo garrido.*

17. *E lo virar do en vez.* Ed. 1595.
18. *Tu ex illis es.* Ed. 1598.
19. *To tolho.* Ed. 1595.

Outros em cada teatro,
Por ofício lhe ouvireis
Que se *matarán com tres,*
Y lo mismo harán con cuatro.
Prezam-se de dar respostas
Com palavras bem compostas;
Mas, se lhe meteis a mão,
Na paz mostram coração,
Na guerra mostram as costas;
Porque aqui torce a porca o rabo.

Outros vejo por aí,
A que se acha mal o fundo,
E não se emendam a si.
Estes respondem a quem
Deles não entende bem
El dolor que está secreto;
Mas porém quem for discreto
Responder-lhe-á muito bem:
— Assim entrou no mundo, assim há-de sair.

Achareis rafeiro velho,
Que se quer vender por galgo:
Diz que o dinheiro é fidalgo,
Que o sangue todo é vermelho.
Se ele mais alto o dissera,
Este pelote lhe pusera:
Que o seu eco lhe responda;
Que *su padre era de Ronda,*
Y su madre de Antequera,
E quer cobrir o céu com a joeira.

Fraldas largas, grave aspeito
Pera senador romano.
Oh! que grandíssimo engano!
Que Momo lhe abrisse o peito!
Consciência, que sobeja;
Siso, com que o mundo reja;
Mansidão, outro que si;
Mas que lobo está em ti,
Metido em pele de *oveja!*
E sabem-no poucos.

Guardai-vos de uns meus senhores,
Que ainda compram e vendem;
Uns, que é certo que descendem
Da geração de pastores,
Mostram-se-vos bons amigos,
Mas, se vos vêem em perigos,
Escarram-vos nas paredes,
Que de fora *dormiredes,*
Irmão, que é tempo de figos;
Porque de rabo de porco nunca bom virote.

Que dizeis duns, que as entranhas
Lhe estão ardendo em cobiça,
E, se têm mando, a justiça
Fazem de teias de aranhas
Com suas hipocrisias,
Que são de vós as espias?
Pera os pequenos, uns Neros,
Pera os grandes, nada feros.
Pois tu, parvo, não sabias
Que lá vão leis, onde querem cruzados?

---

4. Deus da Comédia.
26. *De vossas*. Ed. 1598.

Mas tornando a uns enfadonhos,
Cujas cousas são notórias;
Uns, que contam mil histórias
Mais desmanchadas que sonhos;
Uns, mais parvos que zamboas,
Que estudam palavras boas,
A que a ignorância os atiça:
Estes paguem por justiça,
Que têm morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.

Adonde tienen las mentes
Uns secretos trovadores
Que fazem cartas de amores,
De que ficam mui contentes?
Não querem sair à praça;
Trazem trova por negaça;
E se lha gabais, que é boa,
Diz que é de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
Senão ir-me por esse mundo?

---

5. A insipidez da *zamboa*, que é um fruto como a laranja, explica a comparação.

7. Este verso falta na ed. de 1598.

18. O verbo não concorda com o sujeito, no plural, porque é impessoalmente empregado. No Sul perdeu entre o povo o sentido de verbo e a própria forma se converteu em *des*, com emudecimento completo do *e*. *Des que já chegou o noivo. Dezantão que ela não quer?* Por *diz* e *diz então*.

Ó tu, como me atarracas,
Escudeiro de solia,
Com bocais de fidalguia,
Trazido quase com vacas;
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes que cheiram já!
Voto a tal, que me fará
Um destes nunca falar
Mais com viva alma.

Uns que falam muito vi,
De que quisera fugir;
Uns que, enfim, sem se sentir,
Andam falando entre si;
Porfiosos sem razão;
E dês que tomam a mão,
Falam sem necessidade;
E se algũa hora é verdade,
Deve ser na confissão;
Porque «Quem não mente...» Já me entendeis.

---

2. De baixa categoria ou estofo, como a *solia* — sarja grosseira.

3. Forro da extremidade da manga, no vestido.

4. Talvez trazido como os touros, acompanhados de vacas para se lhes moderar o ímpeto. A expressão marca o contraste entre a baixa categoria do escudeiro e o rompante orgulhoso da apresentação, como touro no curro.

Oh vós, quem quer que me ledes,
Que haveis de ser avisado,
Que dizeis ao namorado
Que caça vento com redes?
Jura por vida da dama,
Fala consigo na cama,
Passeia de noite e escarra;
Por falsete na guitarra
Põe sempre: Viva quem ama,
Porque calça a seu propósito.

Mas deixemos, se quiserdes,
Por um pouco as travessuras,
Por que entre quatro maduras
Leveis também cinco verdes.
Deitemo-nos mais ao mar;
E, se algum se arrecear,
Passe três ou quatro trovas.
E vós tomais cores novas?
Mas não é pera espantar;
Que quem porcos há menos,
Em cada moita lhe roncam.

Ó vós, que sois secretários
Das consciências reais,
Que entre os homens estais
Por senhores ordinários:
Porque não pondes um freio
Ao roubar, que vai sem meio,
Debaixo de bom governo?
Pois um pedaço de inferno
Por pouco dinheiro alheio
Se vende a mouro e a judeu.

---

7. *Passa*. Ed. 1598.

Porque a mente, afeiçoada
Sempre à real dignidade,
Vos faz julgar por bondade
A malícia desculpada.
Move a presença real
Ũa afeição natural,
Que logo inclina ao juiz
A seu favor. E não diz
Um rifão muito geral
Que o abade, donde canta, daí janta?

E vós bailais a esse som?
Por isso, gentis pastores,
Vos chama a vós mercadores
Um que só foi pastor bom.

Babel e Sião (1)

Sôbolos rios que vão
Por Babilónia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.

---

(1) O poema é inspirado pelo Salmo 136, cada um dos seus nove versículos, segundo a ordem em que no texto bíblico se sucedem, suscitando ao pensamento comovido do Poeta largo movimento que, mal o toma, logo o supera, na liberdade do voo lírico. Como que prevenindo as futuras congeminações de intérpretes e biógrafos, Camões fixa, logo na 1.ª estrofe, que se não trata de oposição entre *lugar e lugar*, senão entre *tempo e tempo* — *Babilónia o mal presente, Sião o tempo passado*. Apesar disso, já se chegou a indicar o local em que o poema foi composto, identificando rios que ele mesmo afirma serem os que lhe manam dos olhos...

Ali, o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E, tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
Na alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes
Como se nunca passaram.

Ali, depois de acordado,
Co rosto banhado em água;
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não é gosto, mas é mágoa.
E vi que todos os danos
Se causavam das mudanças
E as mudanças dos anos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo às esperanças.

14-15. É a ideia de Dante, que correu a Península na tradução de Santillana, de que há um eco em Bernardim Ribeiro:

...nessum maggior dolore
Che ricordarsi dei tempi felici
Nela miseria.

Ali vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura;
O mal que depressa vem,
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.

Vi aquilo que mais vale,
Que então se entende melhor,
Quanto mais perdido for;
Vi o bem suceder mal
E, ao mal, muito pior.

E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento.
Vi nenhum contentamento,
E vejo-me a mim, que espalho
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas águas
Com que banho este papel;
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas
E confusão de Babel.

Como homem que, por exemplo,
Dos transes em que se achou,
Depois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou;

Assim, depois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os órgãos com que cantava.

Aquele instrumento ledo
Deixei da vida passada,
Dizendo: — Música amada,
Deixo-vos neste arvoredo,
À memória consagrada.

Frauta minha que, tangendo,
Os montes fazíeis vir
Pra onde estáveis correndo,
E as águas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir,

Jamais vos não ouvirão
Os tigres,que se amansavam;
E as ovelhas que pastavam,
Das ervas se fartarão
Que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florescente;
Nem poreis freio à corrente,
E mais se for dos meus olhos.

4-5. É a paráfrase do 2.º versículo do Salmo citado: *In salicibus, in medio ejus, suspendimus organa nostra.*

Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atrás vós a fonte pura,
Pois não pudestes mover
Desconcertos da ventura.

Ficareis oferecida
A Fama, que sempre vela,
Frauta de mim tão querida;
Porque, mudando-se a vida,
Se mudam os gostos dela.

Acha a tenra mocidade
Prazeres acomodados,
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aqueles gostos passados.

Um gosto que hoje se alcança,
Amanhã já o não vejo:
Assim nos traz a mudança
Da esperança em esperança
E de desejo em desejo.

Mas em vida tão escassa
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está recitando a morte!

---

25. Na ed. *princ.* (1595) ocorre *receitando*, mas logo, a de 1598 e as seguintes corrigiram para *recitando*. Na ed. de 1932, emendou-se para *incitando a morte*.

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade!
Não cuide a gente futura
Que será obra da idade
O que é força da ventura.

Que idade, tempo, o espanto
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mim puderam tanto
Que, posto que deixe o canto,
A causa dele deixasse.

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto e contentamento,
Por sol, por neve, por vento,
Tendré presente á los ojos
Por quien muero tan contento.

Órgãos e frauta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro que ali estava,
Que pera troféu ficava
De quem me tinha vencido.

14-15. O Poeta modifica dois versos de um soneto de Boscan:

Donde quiera tendré siempre presentes
Los ojos por quien muero tan contento.

Mas lembranças da afeição
Que ali cativo me tinha,
Me perguntaram então:
Que era da música minha
Que eu cantava em Sião?

Que foi daquele cantar
Das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar?
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso,
Cantando, refreia o medo.

Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.

4-5. Nova paráfrase ao Salmo (3.º e 4.º versículos):
Quia illic interrogaverunt nos [...]
Hymnum cantate nobis de canticis Sion.

Eu, que estas cousas senti
Na alma, de mágoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si
Doce canto em terra alheia?

Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos enjeito.

Que não parece razão
Nem parece cousa idónea
Por abrandar a paixão,
Que cantasse em Babilónia
As cantigas de Sião.

Que, quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes moura de tristeza
Que, por abrandá-la, cante.

Que, se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?

3-5. O 4.º versículo do Salmo citado diz: *Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?*

Nem na frauta cantarei
O que passo e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a pena cansará
E eu não descansarei.

Que, se vida tão pequena
Se acrescenta em terra estranha,
E se Amor assim o ordena,
Razão é que canse a pena
De escrever pena tamanha.

Porém se, pera assentar
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Não canse pera voar
A memória em Sião.

13-15. O Poeta, mesmo na situação dramática, é artista, e assim, não põe de parte as graças do estilo em que já se compraz a sensibilidade do tempo, uma das quais é a dos *equívocos*. Joga-se neste passo com o sentido da palavra *pena*.

A pena (de escrever) posto que *se canse de escrever pena tamanha*, não se cansará (como pena de asa), de fazer *voar a memória até Sião*.

A *Sião* que até aqui tem sido o *tempo passado*, passa agora a ser a felicidade futura, na glória de Deus? Eis duas questões a pôr: é já a Sião deste último verso a *terra bem-aventurada* ou *da Glória*, a *Jerusalém celeste*, a que se alude nas estrofes seguintes, desde o primeiro verso da imediata? E como se deu o salto de uma esfera de preocupação para outra?

Supôs o Dr. J. M. Rodrigues um intervalo de tempo entre a elaboração de uma e outra parte da poesia que explicasse tal surto do pensamento. Para o Dr. Agostinho

Terra bem-aventurada,
Se, por algum movimento,
Da alma me fores mudada,
Minha pena seja dada
A perpétuo esquecimento.

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
Em Babilónia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito.

---

de Campos, foi a doutrina platónica que sugeriu o novo rumo do voo. O Dr. Salgado Júnior *(Camões e «Sôbolos rios»*, separata da revista *Labor*, 1936) é na própria ordem do Salmo que encontra a explicação da marcha ideológica. E é ela: «narração do que se passa quando os Israelitas são convidados a cantar; canto e promessa de firmeza no amor saudoso de Jerusalém; voto de vingança contra os inimigos de Jerusalém». A 1.ª parte termina no verso *A memória em Sião*. A 2.ª parte termina em *Cante-se a visão da paz*, e só nela se fala na *Jerusalém celeste*. O salto foi, assim, suscitado pela própria marcha do Salmo.

Todavia, na vaguidade desta composição bíblica, não é sensível o desnível dos dois planos. A sinonímia *Sião-Jerusalém* não há ali palavra que a impeça, e assim é atribuível à originalidade do Poeta, tanto o que em riqueza de conteúdo pessoal e humano meteu nas duas partes consideradas do Salmo, como a transição de plano para plano, independentemente do texto inspirador.

A minha língua se apegue
Às fauces, pois te perdi,
Se, enquanto viver assi,
Houver tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti!

Mas, ó tu, terra de Glória,
Se eu nunca vi tua assência,
Como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,
Senão na reminiscência.

Que a alma é tábua rasa
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina,
Que voa da própria casa
E sobe à pátria divina.

Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do Céu,
Daquela santa Cidade
De onde esta alma descendeu.

4-5. Aqui o Poeta aproxima-se de novo da letra do salmista: 5) *Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea.* 6) *Adhaereat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui; si non posuero Jerusalem, in principio laetitiæ meæ.*

6-10. Esta estrofe e as cinco seguintes são o trecho camoniano onde mais nitidamente se projecta o platonismo.

E aquela humana figura,
Que cá me pode alterar,
Não é quem se há-de buscar:
É raio da Fermosura
Que só se deve de amar.

Que os olhos e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
— Não do sol, mas da candeia —
É sombra daquela ideia
Que em Deus está mais perfeita.

E os que cá me cativaram
São poderosos afeitos
Que os corações têm sujeitos;
Sofistas que me ensinaram
Maus caminhos por direitos.

Destes o mando tirano
Me obriga, com desatino,
A cantar, ao som do dano,
Cantares de amor profano
Por versos de amor divino.

---

2. O Dr. J. M. Rodrigues corrigiu *pode*, de todas as edições, para *pôde*. Camões ergue-se à concepção platónica do Mundo e, se fala no Indicativo pres., é apenas para dar relevo mais vivo a conceitos gerais que o pretérito *pôde* restringiria. *Me pode* significará: a mim como a qualquer outro, ontem como hoje, como sempre.

8-9. A ordem deveria ser, em linguagem livre do esquema da rima: *É sombra daquela ideia / (não do sol mas da cadeia)...*

Mas eu, lustrado co'o santo
Raio, na terra de dor,
De confusão e de espanto,
Como hei-de cantar o canto
Que só se deve ao Senhor?

Tanto pode o benefício
Da Graça, que dá saúde,
Que ordena que a vida mude:
E o que tomei por vício
Me faz grau pera a virtude.

E faz que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular beleza
Pera a Beleza geral.

Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
Ó Hierusalém sagrada,
E tome a lira dourada
Pera só cantar de ti;

Não cativo e ferrolhado
Na Babilónia infernal,
Mas dos vícios desatado
E cá desta a ti levado,
Pátria minha natural.

13-15. Outra ideia da filosofia platónica, e precisamente a que fundamenta a sua doutrina do amor.

E se eu mais der a cerviz
A mundanos acidentes,
Duros, tiranos e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.

E, tomando já na mão
A lira santa e capaz
Doutra mais alta invenção,
Cale-se esta confusão,
Cante-se a visão da paz!

Ouça-me o pastor e o rei,
Retumbe este acento santo,
Mova-se no mudo espanto;
Que do que já mal cantei
A palinódia já canto.

A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
Da alta torre de Sião,
À qual não posso subir,
Se me vós não dais a mão.

---

15. Poema destinado à retratação do que noutro se escreveu.

No grão dia singular
Que na lira o douto som
Hierusalém celebrar,
Lembrai-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.

Aqueles que tintos vão
No pobre sangue inocente,
Soberbos co'o poder vão,
Arrasai-os igualmente,
Conheçam que humanos são.

E aquele poder tão duro
Dos afeitos com que venho,
Que encendem alma e engenho;
Que já me entraram o muro
Do livre alvídrio que tenho;

Estes, que tão furiosos
Gritando vêm a escalar-me,
Maus espíritos danosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derrubar-me;

---

5. O mesmo que Esaú. Os Edomitas, que habitavam a Idumeia, eram inimigos dos Israelitas, tendo sido submetidos por David. O Poeta representa por eles os vícios e os pecados, que se opõem à ascensão à *Jerusalém celeste*. No Salmo alude-se a eles: *Memor esto, Domine, filiorum Edom, in die Jerusalem.*

6-8. Os corruptores (assassinos da alma).

Derrubai-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbeles;
Porque não podemos nós
Nem com eles ir a Vós,
Nem sem Vós tirar-nos deles.

Não basta minha fraqueza
Pera me dar defensão,
Se Vós, santo Capitão,
Nesta minha fortaleza
Não puserdes guarnição.

E tu, ó carne que encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de misérias cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia,

Beato só pode ser
Quem com a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste;

---

11. É o 8.º versículo do Salmo: *Filia Babylonis misera: beatus, qui retribuet tibi retributionem tuam, quam retribuisti nobis.*

Quem com disciplina crua
Se fere mais que ũa vez,
Cuja alma, de vícios nua,
Faz nódoas na carne sua,
Que já a carne na alma fez.

E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes
E em nascendo os afogar,
Por não virem a parar
Em vícios graves e urgentes;

Quem com eles logo der
Na pedra do furor santo
E, batendo, os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Enfim cabeça do Canto;

Quem logo, quando imagina
Nos vícios da carne má,
Os pensamentos declina
Àquela carne divina
Que na Cruz esteve já;

11-14. É 9.º e último versículo: *Beatus qui tenebit et allidet parvulos tuos ad petram*. Camões, continuando a transposição das palavras do salmista para símbolo religioso, dá à palavra *pedra* o sentido de Cristo, pedra angular, *Cabeça do Canto*, ou seja da Igreja, em conformidade com a metáfora evangélica: *Tu es Petrus et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam*.

Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visível,
Quanto ao homem for possível,
Passar logo o entendimento
Pera o mundo inteligível:

Ali achará alegria
Em tudo perfeita e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem, por pouca, escasseia
Nem, por sobeja, enfastia.

Ali verá tão profundo
Mistério na suma Alteza,
Que, vencida a Natureza,
Os mores faustos do Mundo
Julgue por maior baixeza.

Ó tu, divino aposento,
Minha pátria singular,
Se só com te imaginar
Tanto sobe o entendimento,
Que fará, se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
Pera ti, terra excelente,
Tão justo e tão penitente,
Que, depois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

2-5. *Mundo (ou esfera) visível* e *mundo inteligível* são os dois mundos de concepção platónica. Na esfera ou mundo inteligível habitam as *ideias*, de que as realidades do mundo sensível são como meras *sombras*.

9. *Recreia*. Ed. 1595.

REDONDILHAS RECOLHIDAS NA EDIÇÃO DE ESTÊVÃO LOPES, DE 1598

MOTE ALHEIO

Verdes são as hortas
Com rosas e flores;
Moças que as regam
Matam-me de amores.

VOLTAS

Entre estes penedos
Que daqui parecem,
Verdes ervas crescem,
Altos arvoredos.
Vai destes rochedos
Água com que as flores
Doutras são regadas
Que matam de amores.

Co a água que cai
Daquela espessura,
Outra se mestura
Que dos olhos sai:
Toda junta vai
Regar brancas flores,
Onde há outros olhos
Que matam de amores.

Celestes jardins:
As flores, estrelas;
Horteloas delas
São uns serafins.
Rosas e jasmins
De diversas cores;
Anjos que as regam
Matam-me de amores.

MOTE

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

VOLTAS

A verdura amena,
Gados, que pasceis,
Sabei que a deveis
Aos olhos de Helena.
Os ventos serena,
Faz flores de abrolhos
O ar de seus olhos.

Faz serras floridas,
Faz claras as fontes:
Se isto faz nos montes,
Que fará nas vidas?
Trá-las suspendidas,
Como ervas em molhos,
Na luz de seus olhos.

Os corações prende
Com graça inumana;
De cada pestana
Úa alma lhe pende.
Amor se lhe rende
E, posto em geolhos,
Pasma nos seus olhos.

MOTE ALHEIO

Minina fermosa,
Dizei de que vem
Serdes rigorosa
A quem vos quer bem.

VOLTAS

Não sei quem assela
Vossa fermosura,
Que quem é tão dura
Não pode ser bela.
Vós sereis fermosa,
Mas a razão tem
Que quem é irosa
Não parece bem.

A mostra é de bela,
As obras são cruas:
Pois qual destas duas
Ficará na sela?
Se ficar *irosa*
Não vos está bem:
Fique antes *fermosa,*
Que mais força tem.

O Amor fermoso
Se pinta e se chama.
Se é Amor, ama,
Se ama, é piadoso.
Diz agora a grosa
Que este texto tem,
Que quem é fermosa
Há-de querer bem.

Havei dó, minina,
Dessa fermosura;
Que, se a terra é dura.
Seca-se a bonina.
Sede piadosa,
Não veja ninguém
Que por rigorosa
Percais tanto bem.

---

4. O significado primitivo da palavra, conformemente ao que tivera em latim, era *poltrona,* como ainda hoje em espanhol *silla* tem o significado de *cadeira.* É como se dissesse: *ficará por cima,* ficará *vencedora.*

MOTE ALHEIO

Verdes são os campos,
De cor de limão:
Assi são os olhos
Do meu coração.

VOLTAS

Campo, que te estendes
Com verdura bela;
Ovelhas, que nela
Vosso pasto tendes,
De ervas vos mantendes
Que traz o Verão,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Gados, que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Não no entendeis:
Isso que comeis
Não são ervas, não:
São graças dos olhos
Do meu coração.

---

4. Entenda-se: *Da minha amada.*

10. O significado da palavra no tempo de Camões é *Primavera*, em conformidade com a etimologia.

MOTE ALHEIO

Tende-me mão nele,
Que um real me deve!

VOLTAS

Cum real de amor,
Dous de confiança
E três de esperança
Me foge o tredor.
Falso desamor
Se encerra naquele
Que um real me deve.

Pediu-mo emprestado,
Não lhe quis penhor;
É mau pagador,
Tende-mo aferrado.
Cum cordel atado,
Ao Tronco se leve,
Que um real me deve.

Por esta travessa
Se vai acolhendo;
Ei-lo vai correndo,
Fugindo a grã pressa.
Nesta mão e nessa
O falso se atreve,
Que um real me deve.

---

15. Prisão da Lisboa do tempo — e precisamente a mesma em que o Poeta esteve detido.

Comprou-me amor
Sem lhe fazer preço:
Eu não lhe mereço
Dar-me desfavor.
Dá-me tanta dor
Que ando após ele
Pelo que me deve.

Eu de cá bradando,
Ele vai fugindo;
Ele sempre rindo,
Eu sempre chorando.
De quando em quando
No amor se atreve,
Como que não deve.

A falar verdade,
Ele já pagou;
Mas inda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
É a que me deve;
Só nela se atreve.

A uma dama que lhe virou o rosto

MOTE

Olhos, não vos mereci
Que tenhais tal condição:
Tão liberais pera o chão,
Tão irosos pera mi.

VOLTA

Baixos e honestos andais
Por vos negardes a quem
Não quer mais que aquele bem
Que vós no chão espalhais?!
Se pouco vos mereci,
Não me estimeis mais que o chão,
A quem vós o galardão
Dais, e mo negais a mi.

MOTE

Pus o coração nos olhos
E os olhos pus no chão,
Por vingar o coração.

VOLTA

O coração, invejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoques me dava,
Que não era o meu mimoso.
Venho eu, de piadoso
Do senhor meu coração,
E boto os olhos no chão.

---

22. *Boto os meus olhos no chão.* Ed. de 1598.

A uma dama por quem penava

Se na alma e no pensamento
Por vosso me manifesto,
Não me pesa do que sento;
Que, se não sofrer tormento,
Faço ofensa a vosso gesto.
E pois quanto Amor ordena
E quanto esta alma deseja
Tudo à morte me condena,
Não quero senão que seja
Tudo pena, pena, pena.

MOTE

Perguntais-me quem me mata?
Não quero responder nada
Por vos não fazer culpada.

VOLTA

E se a pena não me atiça
A dizer pena tão forte,
Quero-me entregar à morte
Antes que [a] vós à justiça.
Porém, se tendes cobiça
De vos verdes tão culpada,
Direi que não sinto nada.

---

3. É a forma do ind. pres. do verbo *sentir* (1.ª pessoa), contemporânea de Camões. É mais próxima da forma latina — *sentio* — do que a moderna.

MOTE ALHEIO

Se a alma ver-se não pode
Onde pensamentos ferem,
Que farei pera me crerem?

VOLTAS

Na alma ũa só ferida
Faz na vida mil sinais;
Tanto se descobre mais
Quanto é mais escondida.
Se esta dor tão conhecida
Me não vêem, porque não querem,
Que farei pera me crerem?

Se se pudesse bem ver
Quanto calo e quanto sento,
Despois de tanto tormento
Cuidaria alegre ser.
Mas se não me querem crer
Olhos, que tão mal me ferem,
Que farei pera me crerem?

---

12. Vid. nota da pág. anterior.

MOTE ALHEIO

Vosso bem-querer, Senhora?
Vosso mal milhor me fora.

VOLTAS

Já agora certo conheço
Ser milhor todo tormento
Onde o arrependimento
Se compra por justo preço.
Enganou-me um bom começo;
Mas o fim me diz agora
Que o mal milhor me fora.

Quando um bem é tão danoso
Que, sendo bem, dá cuidado.
O dano fica obrigado
A ser menos perigoso.
Mas se a mim, por desditoso,
Co bem me foi mal, Senhora,
Co vosso mal bem me fora.

MOTE ALHEIO

Se me desta terra for
Eu vos levarei, amor.

VOLTAS

Se me for, e vos deixar
(Ponho, por caso, que possa),
Esta alma minha, que é vossa,
Convosco me há-de ficar.
Assim que, só por levar
A minha alma, se me for,
Vos levarei, meu amor.

Que mal pode maltratar-me
Que convosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal
Que sem vós possa alegrar-me?
O mal não pode enojar-me,
O bem me será maior
Se vos levar, meu amor.

MOTE ALHEIO

Pequenos contentamentos,
I buscar quem contenteis,
Que a mim não me conheceis.

VOLTAS

Os gostos, que tantas dores
Fizeram já valer menos,
Não os aceita pequenos
Quem nunca os teve maiores;
Bem parecem vãos favores,
Pois tão tarde me quereis
Que inda me não conheceis.

Ofereceis-me alegria,
Tendo-me já cego e mouco:
É baixeza aceitar pouco
Quem tanto vos merecia.
Ide-vos por outra via,
Pois o bem que me deveis
Nunca mo satisfareis.

A umas senhoras que haviam ser terceiras para com certa dama

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida
Que tem tais cirurgiões!
Pois ventura
Me subiu a tanta altura
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura
Que se cura
Por vossos rogos, Senhoras!

Ser minha pena mortal,
Já entendeis que é assim,
Não quero falar por mim,
Que por mim fala meu mal.
Sois fermosas,
Haveis de ser piadosas,
Por ser tudo dũa cor;
Que pois Amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres de amor.

Pedi a quem vós sabeis
Que saiba de meu trabalho,
Não pelo que eu nisso valho,
Mas pelo que vós valeis.
Que o valer
De vosso alto merecer,
Com lho pedir de geolhos,
Fará que em meu padecer
Possa ver
O poder que têm seus olhos.

Vossa muita fermosura
Com a sua tanto vale,
Que me rio de meu mal,
Quando cuido em quem mo cura.
A meus ais,
Peço-vos que lhe valhais,
Damas de Amor tão validas,
Que nunca tal dor sintais,
Que queirais
Onde não sejais queridas.

MOTE ALHEIO

Perdigão perdeu a pena,
Não há mal que lhe não venha.

VOLTAS

Perdigão que o pensamento
Subiu a um alto lugar,
Perde a pena do voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Asas com que se sustenha:
Não há mal que lhe não venha.

Quis voar a ũa alta torre,
Mas achou-se desasado;
E, vendo-se depenado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se socorre
Lança no fogo mais lenha:
Não há mal que lhe não venha.

MOTE

Esconjuro-te, Domingas,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas:
Viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me que outras cabras
Folgavas de apascentar;
Eu, por não me magoar,
Fingia que eram palavras.
Agora de arte te vingas
Dalgum meu doudo pecado,
Que, inda [que] queiras, Domingas,
Não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu:
A fonte vai pera o Tejo,
E tu pera o teu desejo,
Por te vingares do meu.
De mim te esqueces, Domingas,
Como eu faço do meu gado.
Praza a Deus que, se te vingas,
Que moura desesperado.

Na fantasia te pinto;
Falo-te, responde o monte;
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço e não o sinto.
— Domingas! — no vale brado;
Responde o eco: — Domingas! —
E tu inda te não vingas
De me ver doudo tornado?

A uma dama que lhe chamou cara sem olhos

Sem olhos vi o mal claro
Que dos olhos se seguiu,
Pois cara sem olhos viu
Olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam:
Vendo-vos, olhos sobejam;
Não vos vendo, olhos não são.

MOTE

Venceu-me Amor, não o nego;
Tem mais força que eu assaz;
Que, como é cego e rapaz,
Dá-me porrada de cego.

VOLTA

Só porque é rapaz ruim,
Dei-lhe um bofete, zombando;
Diz-me: — Ó mau, estais-me dando
Porque sois maior que mim?!
Pois se vos eu descarrego... —
E em dizendo isto — chaz! —
Torna-me outra. — Tá! rapaz,
Que dás porrada de cego!

---

12. O termo de que esta palavra deriva significava, no tempo de Camões, *clava, pau curto com cabeça* ou *peça semelhante de ferro,* com que se lutava onde não era possível empregar a lança.

Ao desconcerto do Mundo

Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só pera mim
Anda o Mundo concertado.

REDONDILHAS RECOLHIDAS NA EDIÇÃO DE DOMINGOS FERNANDES, DE 1616

CANTIGA ALHEIA

Na fonte está Lianor
Lavando a talha e chorando,
Às amigas perguntando:
— Vistes lá o meu amor?

VOLTAS

Posto o pensamento nele,
Porque a tudo o amor obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por ele.
Nisto estava Lianor
O seu desejo enganando,
Às amigas perguntando:
— Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre ũa mão,
Os olhos no chão pregados,
Que, de chorar já cansados,
Algum descanso lhe dão.
Desta sorte Lianor
Suspende de quando em quando
Sua dor e, em si tornando,
Mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos água,
Que não quer que a dor se abrande
Amor, porque, em mágoa grande,
Seca as lágrimas a mágoa.
Depois que de seu amor
Soube, novas perguntando,
De improviso a vi chorando.
Olhai que extremos de dor!

VILANCETE PASTORIL

— Deus te salve, Vasco amigo.
Não me falas? Como assi?
— Bofé, Gil, não estava aqui.

VOLTAS

— Pois onde te hão-de falar,
Se não estás onde apareces?
— Se Madanela conheces,
Nela me podes achar.
— E como te hão-de ir buscar
Aonde fogem de ti?
— Pois nem eu estou em mi.

— Pois te não acharei
Em ti como em Madanela?
— Porque me fui perder nela
O dia que me ganhei.
— Quem tão bem fala, não sei
Como anda fora de si.
— Ela fala dentro em mi.

---

11. *Bofé* é interjeição usada na época, contracção de *boa fé*. Diríamos hoje — *Palavra de honra!*, ou simplesmente — *Palavra!*

— Como estás aqui presente,
Se lá tens a alma e a vida?
— Porque é de ũa alma perdida
Aparecer sempre à gente.
— Se és morto, bem se consente
Que todos fujam de ti.
— Eu também fujo de mi!

VILANCETE PASTORIL

— Porqué no miras, Giraldo,
Mi zampoña como suena?
— Porque no me mira Elena.

VOLTAS

— Vuelve acá, no estês pasmado;
Mira que gentil sonar!
— Como te podrá mirar
Quién no puede ser mirado?
— Que bueno enamorado!
No dirás si es mala o buena?
— No, que me hizo mudo Elena.

— Mira tan dulce armonía,
Déjate desos enojos.
— Tengo clavados los ojos
Con que mirar te podía.
— Así Dios te dé alegría:
No és cuán dulce que suena?
— No, porque no veo Elena.

---

23. *Dulce y serena*. Ed. 1616.

CANTIGA ALHEIA

Pastora da serra,
da Serra da Estrela,
Perco-me por ela.

VOLTAS

Nos seus olhos belos
Tanto Amor se atreve,
Que abrasa entre a neve
Quantos ousam vê-los.
Não solta os cabelos
Aurora mais bela:
Perco-me por ela.

Não teve esta serra
No meio da altura
Mais que a fermosura
Que nela se encerra.
Bem céu fica a terra
Que tem tal estrela:
Perco-me por ela.

Sendo entre pastores
Causa de mil males
Não se ouvem nos vales
Senão seus louvores.
Eu só por amores
Não sei falar nela:
Sei morrer por ela.

---

13. *Mas da.* Ed. 1616.

Dalguns que, sentindo,
Seu mal vão mostrando,
Se ri, não cuidando
Que inda paga, rindo.
Eu, triste, encobrindo
Só meus males dela,
Perco-me por ela.

Se flores deseja,
Porventura, belas,
Das que colhe, delas
Mil morrem de inveja.
Não há quem não veja
Todo o milhor nela:
Perco-me por ela.

Se na água corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal se vê, que sente
Por ver-se [a] água nela
Perco-me por ela.

---

3. *Se rim.* Ed. 1616.
10. *Belas.* Ed. 1616.
17. Luz cristalina. Ed. 1616.
19-21. Sentido provável: De alguém se sabe que sente *(pena, despeito)* que a água nela se espelhe (de tal modo é límpida — e motivo de inveja — a sua brancura).

CANTIGA VELHA

Sois fermosa e tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes,

VOLTAS

Ninguém vos pode tirar
Serdes [tão] bem assombrada;
Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
Em querer que fossem verdes:
Trabalhai de os esconderdes.

A vossa testa é jardim
Onde Amor se desenfada;
É [tão] branca e bem talhada,
Que parece de marfim
Assim é; e, quanto a mim,
Isso nasce de a terdes
Tão perto dos olhos verdes.

1-2. Vid. sobre o mesmo tema e quase o mesmo mote, a poesia da pág. 2.

14. *Já sei.* Ed. 1616.

Os cabelos desatados
O mesmo Sol escurecem;
Senão que, por ser ondados,
Algum tanto desmerecem;
Mas, à fé, que se parecem
A furto dos olhos verdes,
Não vos pese, de os terdes.

As pestanas têm mostrado
Ser raios que abrasam vidas;
Se não foram tão compridas
Tudo o mais era pintado;
Elas me tinham levado
A alma, sem o vós saberdes,
Se não foram os olhos verdes.

5-8. O sentido dos últimos três versos não é claro. Será, porventura: os cabelos, porque são ondados, algum tanto desmerecem. Mas, à fé que se atentamos neles, a *furto dos olhos verdes*, ou seja em momento em que os olhos verdes nos não absorvem a atenção, não vos pese, não, de os terdes (aos cabelos).

Storck não o entendeu assim, e traduziu:

Dass es still, von Neid verführt,
Gleich sich stell dem Augengrün,
Kränk' Euch nicht; lasst's immer glüh'n.

Ou seja: Não vos perturbe que o cabelo, movido por inveja, furtivamente se apresente como rival do verde dos olhos; deixai-o lá fulgir!

O mimo desse carão
Nem pôr-lhe os olhos consente;
E ser liso e transparente
Rouba todo o coração.
Inda assim achareis nação
Que lhe não pese de os verdes;
Mas não seja co'os olhos verdes.

Esse riso é composto
De quantas graças nasceram,
Senão que alguns me disseram
Vos faz covinhas no rosto.
Na vontade tenho posto
Dar-vos a alma, se quiserdes,
A troco dos olhos verdes.

---

5. *Gente*. Ed. 1616.

5-6. Na edição J. aparece emendado *gente* para *nação*, e na de C. P. *os verdes* para *o terdes*. A 1.ª correcção determinou-a, porventura, o esquema rimático, em que o 4.º verso rima sempre com o 5.º.

A 2.ª correcção, porém, não parece muito necessária. Dizendo-se, no começo da estrofe, da dificuldade de fixar olhos no rosto da amada, diz-se no fim que ainda assim há gente a quem não pesaria que ela lhos acolhesse, contanto que não fosse com *os olhos verdes*. Storck assim o entendeu. Traduziu:

Dennoch wüsst'ich — ohne Scherz! —
Manchen, der ertrüg ihr Glüh'n;
Weht'es nicht der Augen Grün.

Ou seja: Contudo, muitos eu conheço — sem exagero! — que suportariam o seu fulgor (das faces), se o não impedisse o verde dos olhos.

Nunca se viu, nem se escreve
Boca nem graça igual,
Se não fora de coral,
E os dentes de cor de neve.
Dou-me eu a Deus que me leve!
Sofrerei quanto tiverdes,
Não me tenhais olhos verdes.

Essa garganta merece
Outras palavras não minhas,
Senão que é feita em rosquinhas
De alfenim, ao que parece.
Eu sei quem se oferece
A tomar tudo o que tendes,
E também os olhos verdes.

Essas mãos são ferropeias,
Só o vê-las enfeitiça;
Senão que são alvas, cheias,
E têm a feição roliça;
Com que apelais por justiça,
Pera com elas prenderdes
Quem vê vossos olhos verdes.

A vossa galantaria
Matará a quem falardes;
Tendes uns desdéns e tardes
Que eu logo vos roubaria.
Dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
E também desses olhos verdes.

---

16. *Só com vê-las.* Ed. 1616.
21. *Os que vêm.* Ed. 1616.

AO MESMO MOTE

Tudo tendes singular
Com que os corações rendeis,
Senão que rindo, fazeis
Covinhas pera enterrar;
E pera ressuscitar
Tem força a graça que tendes;
Senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, Senhora, alcançais
Quanto o ser fermosa alcança,
Senão que dais esperança
Cos olhos com que matais.
Se acaso os alevantais,
[É pera as almas renderdes;
Senão que tendes os olhos verdes].

CANTIGA

Vi chorar uns claros olhos
Quando deles me partia.
Oh! que mágoa! Oh! que alegria!

VOLTAS

Polo meu apartamento
Se arrasaram todos de água.
Quem cuidou que em tanta mágoa
Achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia:
Se esta dor, se esta alegria.

13-14. Estes versos são acrescentados pela ed. de 1669.

Quando mais perdido estive,
Então deu a esta alma minha,
Na maior mágoa que tinha,
O maior gosto que tive.
Assi, se minha alma vive,
Foi porque me defendia
Desta dor esta alegria.

O bem que Amor me não deu,
No tempo que o desejei,
Quando dele me apartei,
Me confessou que era meu.
Agora que farei eu,
Se a fortuna me desvia
De lograr esta alegria?

Não sei se fui enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras do mal querido,
No mal de ser apartado.
Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O princípio da alegria.

MOTE

Do la mi ventura?
Que no veo alguna.

VOLTAS

Sepa quien padece
Que en la sepultura
Se esconde ventura
De quién la merece.
Allá me parece
Que quiere fortuna
Que yo halle alguna.

Naciendo mesquino,
Dolor fué mi cama;
Tristeza fué el ama,
Cuidado el padrino.
Vestióse el destino
Negra vestidura,
Huyó la ventura.

No se halló tormento
Que allí no se hallase;
Ni bien, que pasase
Sino como viento.
Oh! que nacimiento,
Que luego en la cuna
Me siguió Fortuna!

Esta dicha mia,
Que siempre busqué,
Buscándola, hallé
Que no la hallaría;
Que quién nace en día
D'estrella tan dura,
Nunca halla ventura.

No puso mi estrella
Mas ventura en min:
Así vive en fin
Quién nace sin ella.
No me quejo della;
Quéjome que atura
Vida tan escura.

MOTE

Vida de minha alma!

VOLTA

Dous tormentos vejo
Grandes por extremo:
Se vos vejo, temo;
E se não, desejo.
Quando me despejo
E venho a escolher,
Se temo o desejo,
Desejo temer!

---

22. *E temo*. Ed. 1616.
23. *Desejo o temer!* Ed. 1616.

MOTE

Qué veré que me contente?

GLOSA

Desque una vez miré,
Señora, vuestra beldad,
Jamás por mi voluntad
Los ojos de vos quité.
Pues sin vos placer no siente
Mi vida, ni lo desea,
Si no queréis que os vea,
Qué veré que me contente?

MOTE

Quem se confia em olhos,
Nas mininas deles vê
Que mininas não têm fé.

VOLTAS

Quem põe suas confianças
Em mininas sem assento,
Ofereça o sofrimento
A duzentas mil mudanças.
Mostram no ar esperanças,
Mas em seus olhos se vê
Como não têm na alma fé.

11-12. Reparar no trocadilho feito sobre o duplo sentido da palavra *meninas*. O mesmo da pág. 7.

Enganam ao parecer,
Porque, no caso de amar,
São mulheres no matar
E mininas no querer.
Quem em seus olhos se crer,
Cem mil graças neles vê;
Vê-las, sim; mas não ter fé.

Amostram-vos num momento
Favores assi a molhos;
Mas na mudança dos olhos
Se lhe muda o pensamento.
Em nada têm assento,
E o que mais neles se vê
É fermosura sem fé.

A Grácia de Morais

MOTE

Olhos em que estão mil flores
E com tanta graça olhais,
Que parece que os Amores
Moram onde vós morais.

VOLTA

Vêem-se rosas e boninas,
Olhos, nesse vosso ver;
Vêem-se mil almas arder
No fogo dessas mininas.
E di-lo-ão minhas dores,
Meus suspiros e meus ais;
E dirão mais que os Amores
Moram onde vós *morais.*

À dama que lhe chamou diabo (1)

Não posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, Senhora, anjo,
Vos queira tanto o diabo.
Dais manifesto sinal
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos anjos, por natureza.

Trovas que o Autor mandou da cadeia, em que o tinha embargado por uma dívida Miguel Roiz, «Fios Secos» de alcunha, ao Conde do Redondo, D. Francisco Coutinho, Viso-Rei, que se embarcava para fora, pedindo-lhe o fizesse desembargar

Que diabo há tão danado
Que não tema a cutilada
Dos fios secos da espada
Do fero Miguel armado?
Pois se tanto um golpe seu
Soa na infernal cadeia,
Do que o demónio arreceia
Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
Se contra ele e contra tudo
Não tivesse um forte escudo
Só em Vossa Senhoria.
Portanto, Senhor, proveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que, antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

---

(1) O mesmo tema é tratado na pág. 69. *Vid.* nota dessa página.

Pedido ao Viso-Rei, a favor de Heitor da Silveira (1)

Nos livros doutos se trata
Que o grande Aquiles, insano,
Deu a morte a Heitor troiano;
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor lusitano.
Só ela o pode acabar,
Se essa vossa condição,
Liberal e singular,
Não mete entre eles bastão
Bastante pera o fartar.

A D. António, senhor de Cascais, que tendo-lhe prometido seis galinhas recheadas por uma copla que lhe fizera, lhe mandou por princípio da paga meia galinha recheada (2)

Cinco galinhas e meia
Deve o senhor de Cascais;
E a meia vinha cheia
De apetite pera as mais.

---

(1) Esta décima é uma *ajuda* do Poeta a trovas que o seu amigo Heitor da Silveira dirigiu ao Conde de Redondo, pedindo o socorresse.

(2) O que se sabe deste senhor de Cascais é que foi acusado de luteranismo, mas posto em liberdade como inocente; quando da invasão de Portugal pelas tropas do Duque de Alba, foi ele que arvorou no castelo de Lisboa o estandarte do usurpador. Assim o dizem Juromenha e o Dr. Storck.

REDONDILHAS RECOLHIDAS POR D. ANTÓNIO ÁLVARES DA CUNHA, NA EDIÇÃO DE 1668

MOTE

Descalça vai pera a fonte
Lianor pela verdura;
Vai fermosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote;
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura.
Vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro entrançado,
Fita de cor de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta.
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à fermosura.
Vai fermosa, e não segura.

MOTE

Ferro, fogo, frio e calma,
Todo o mundo acabarão;
Mas nunca vos tirarão,
Alma minha, da minha alma!

VOLTA

Não vos guardei, quando vinha,
Em torre, força ou engenho;
Que mais guardada vos tenho
Em vós, que sois alma minha.
Ali nem frio nem calma
Não podem ter jurdição;
Na vida sim, porém não
Em vós que tenho por alma.

MOTE ALHEIO

Sem vós, e com meu cuidado
Olhai com quem — e sem quem!

GLOSA

Vendo Amor que, com vos ver,
Mais levemente sofria
Os males que me fazia,
Não me pôde isto sofrer;
Conjurou-se com meu Fado,
Um novo mal me ordenou:
Ambos me levam forçado
Não sei onde, pois que vou
Sem vós — e com meu cuidado:

---

6. *Torre:* também tinha no tempo de Camões o significado de *fortaleza*.

Não sei qual é mais estranho
Destes dois males que sigo:
Se não vos ver, se comigo
Levar o imigo tamanho.
O que fica e o que vem,
Um me mata, outro desejo;
Com tal mal e sem tal bem,
Em tais extremos me vejo:
Olhai com quem — e sem quem!

AO MESMO MOTE

Amor, cuja providência
Foi sempre que não errasse,
Por que na alma vos levasse,
Respeitando o mal de ausência,
Quis que em vós me transformasse.
E vendo-me ir maltratado,
Eu e meu cuidado sós,
Proveio nisso de atentado,
Por não me ausentar de vós,
Sem vós — e com meu cuidado

Mas esta alma, que eu trazia
Porque vós nela morais,
Deixa-me cego e sem guia;
Que há por melhor companhia
Ficar onde vós ficais.
Assi me vou de meu bem
Onde quer a forte estrela,
Sem alma, que em si vos tem,
Co mal de viver sem ela.
Olhai com quem — e sem quem!

---

17. O mesmo que *cuidadoso*.

MOTE

Ojos, herido me habéis,
Acabad ya de matarme;
Mas, muerto, volved á mirarme,
Por que me resuscitéis.

VOLTAS

Pues me distes tal herida
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues con morir me dais vida.
Ojos, qué os detenéis?
Acabad ya de matarme;
Mas, muerto, volved á mirarme,
Por que me resuscitéis.

La llaga cierto ya es mía,
Aunque, ojos, vos no querráis;
Mas si la muerte me dáis,
El morir me es alegría.
Y así digo que acabéis,
O ojos, ya de matarme;
Mas, muerto, volved á mirarme,
Por que me resuscitéis.

---

18. *Ojos de resuscitarme*. Ed. de 1668.

MOTE

Foi-se gastando a esperança,
Fui entendendo os enganos;
Do mal ficaram meus danos
E do bem só a lembrança.

GLOSA

Nunca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes tão arrebatados,
Que inda não eram chegados
Quando mos levou ventura.
E como quem desconfia
Ter em tal sorte mudança,
No meio desta porfia,
De quanto bem pretendia
Foi-se gastando a esperança.

Não tive por desatino
A ocasião de perdê-la;
Mas foi culpa do destino,
Que a ninguém, como mais dino,
Amor, pudera sustê-la.
Dei-lhe tudo o que era seu,
Não receando tais danos
Deste, a quem alma lhe deu;
Quando já não era meu,
Fui entendendo os enganos.

21-22. Entenda-se: *danos causados por este* (o Amor) a *quem lhe deu a alma,* ou seja ao Poeta.

Fiquei, deste mal sobejo
A quem a causa compete,
Dizer-lhe tudo o que vejo,
Que Amor aceita o desejo.
Mas mente no que promete.
Que se a mim se me obrigou
A dar-me bens soberanos,
Foi engano que ordenou,
Que do bem tudo levou,
Do mal ficaram meus danos.

E se dor tão desigual
Sofro em mim com padecê-los,
Quero de novo sofrê-los;
Que, por a causa ser tal,
Não determino ofendê-los.
Dobre-se o mal, falte a vida,
Cresça a fé, falte a esperança,
Pois foi mal agradecida;
Fique a dor na alma imprimida,
E do bem só a lembrança.

1-3. *Fiquei de dizer-lhe, acerca deste mal sobejo...*

MOTE

Retrato, vós não sois meu;
Retrataram-vos mui mal;
Que, a serdes meu natural,
Fôreis mofino como eu.

GLOSA

Inda que em vós a arte vença
O que o natural tem dado,
Não fostes bem retratado,
Que há em vós mais diferença
Que do vivo ao pintado.
Se o lugar se considera
Do alto estado que vos deu
A sorte, que eu mais quisera;
Se é que eu sou quem de antes era,
Retrato, vós não sois meu.

Vós na vossa glória posto,
Eu na minha sepultura;
Vós com bens, eu com desgosto;
Parecei-vos ao meu rosto,
E não já à minha ventura.
E, pois nela e vós erraram
O que em mim é principal,
Muito em ambos se enganaram.
Se por mim vos retrataram,
Retrataram-vos mui mal.

---

20. *Na ventura...*

Mas se esse rosto fingido
Quiseram representar,
E houveram por bom partido
Dar-vos a alma do sentido
Pera a glória do lugar,
Víreis, posto nessa alteza,
Que em vós não há cousa igual;
E que nem a maior mal
Podeis vir, nem por baixeza,
Que a serdes meu natural.

Por isso não confesseis
Serdes meu, que é desatino
Com que o lugar perdereis;
Se conservar-vos quereis,
Blazonai que sois divino;
Que, se nesta ocasião
Conhecessem que éreis meu,
Por meu vos deram de mão,
.....
Fôreis mofino, como eu.

---

4. Será a *alma de sentido* (com sentido, com disposição) para a glória do lugar elevado em que o retrato está, tão em oposição ao baixo lugar em que o poeta se encontra?

7. *Cousa igual ao que há em mim, assim tão baixo?* Na ed. de 1668 ocorre: *Que vos não há cousa igual*, porventura significando *Que a vós não há original que se pareça, que não sois o meu retrato.*

MOTE

A alma que está ofrecida
A tudo, nada lhe é forte;
Assim passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

VOLTA

De maneira me sucede
O que temo e o que desejo,
Que sempre o que temo vejo,
Nunca o que a vontade pede.
Tenho tão oferecida
Alma e vida a toda a sorte,
Que isso me dera da morte
Como já me dá da vida.

11-12. *Da morte... da vida,* o mesmo que *a morte... a vida,* visto que *da* desempenha a função de artigo partitivo. Entenda-se: *Oxalá isso me desse a morte como já me dá a vida!*

ENDECHAS

Vós sois ũa dama
Das feias do mundo;
De toda a má fama
Sois cabo profundo,
A vossa figura
Não é pera ver;
Em vosso poder
Não há fermosura.
Vós fostes dotada
De toda a maldade;
Perfeita beldade
De vós é tirada.
Sois muito acabada
De taixa e de glosa:
Pois, quanto a fermosa
Em vós não há nada.

Do grão-merecer
Sois bem apartada;
Andais alongada
Do bem-parecer.
Bem claro mostrais
Em vós fealdade:
Não há i maldade
Que não precedais.
De fresco carão
Vos vejo ausente;
Em vós é presente
A má condição.
De ter perfeição
Mui alheia estais;
Mui muito alcançais
De pouca razão.

---

14. Tendes quanto é possível em manchas *(taixas)* e em apodos *(glosas)*. Glosas eram as notas que o chanceler punha nos papéis que contrariavam as leis. De aí, por extensão, *censura, má reputação.*

24. Excedais.

MOTE

Quem disser que a barca pende,
Dir-lhe-ei, mana, que mente.

VOLTA

Se vos quereis embarcar
— E pera isso estais no cais —
Entrai logo. Que tardais?
Olhai que está praia-mar.
E se outrem, por vos fretar,
Vos disser que esta que pende,
Dir-lhe-ei, mana, que mente.

Esta barca é de carreira,
Tem seus aparelhos novos;
Não há como ela outra em povos,
Boa de leme e veleira.
Mas se, por ser a primeira,
Vos disser alguém que pende,
Dir-lhe-ei, mana, que mente.

MOTE

Com razão queixar-me posso
De vós que mal vos queixais;
Pois, Senhora, vos sangrais,
Que seja num corpo vosso.

VOLTAS

Eu, pera levar a palma
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que dele sois alma.
Vós do corpo vos queixais,
Eu queixar-me de vós posso,
Porque tenho um corpo vosso,
Na minha alma vos sangrais.

E sem fazer diferença
No que de mim possuís,
Pelo pouco que sentis,
Dais à minha alma doença.
Porque dous aventurais?
Oh! não seja o dano nosso!
Sangre-se este corpo vosso,
Por que, minha alma, vivais.

E inda, se atentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque pera ser sangrada
Ũa alma sangue não tem.
E pois em mim sarar posso
Males que á minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais,
Seja neste corpo vosso.

---

17. *Pois que*. Ed. 1668.

A B C em motes

AAAA

Ana quisestes que fosse
O vosso nome da pia,
Pera mor minha agonia.
Apeles, se fora vivo
E a ver-vos alcançara,
Por vós retratos tirara.
Aquiles morreu no templo,
Contemplando de geolhos;
Eu, quando vejo esses olhos.
Artemisa sepultou
A seu irmão e marido;
Vós, a mim e a meu sentido.

B

Betsabé, com seu prazer,
A el-Rei David cegou;
E o vosso sol me matou.
Bem vejo que sois, Senhora,
Extremo de fermosura,
Pera minha sepultura.

---

4. *Apeles* é o mais célebre pintor grego, do IV séc. A. C.

7. *Aquiles* morreu, ferido por uma seta de *Páris*, quando estava junto do altar, para receber a *Polixena* como mulher.

10. *Artemisa* é a rainha de Halicarnaso, na Cária, esposa de Mausolo, a quem mandou edificar o túmulo chamado, do nome do marido, *Mausoléu*.

13. Os três primeiros versos não se encontram na ed. de 1668. Betsabée, mulher de Urias, caiu em adultério com David, que por fim a desposou.

C C

Cleópatra se matou,
Vendo morto a seu amante;
E eu por vós, em ser constante.
Cassandra disse de Tróia
Que havia ser destruída;
E eu por vós, da alma e da vida.

D D

Dido morreu por Eneias,
E vós matais quem vos ama;
Julgai se sois cruel dama!
Dianira inocente,
Da má morte causadora;
Vós, da minha sabedora.

---

1. *Cleópatra* foi rainha do Egipto, célebre pela sua formusura. Tendo seduzido a Júlio César, que a restituiu ao trono de que tinha sido derrubada, foi depois amante de António, com quem passou a *vida inimitável*, na pompa e na orgia. Morto este, e sendo-lhe impossível seduzir igualmente a Octávio, que dele tinha triunfado, fez-se morder por uma áspide, para não sobreviver à própria queda.

4. *Cassandra*, filha de *Priamo*, rei de Tróia, profetiza por dom de *Apolo*.

7. *Dido* é a rainha de Cartago, que no poema de Virgílio — *Eneida* — recebe a *Eneias*, náufrago, por quem se apaixona e por quem se suicida, quando este a abandona.

10. Ou *Dejanira*, mulher de *Hércules*. Convencida de que evitaria as infidelidades do marido, vestindo-lhe a camisa que o centauro *Nesso* lhe dera, molhada no próprio sangue deste, apenas *Hércules* a vestiu, entrou em furor que o levou a arrojar-se a uma fogueira.

E

Eurídice foi a causa
De Orfeu ir ao Inferno;
Vós, de ser meu mal eterno.

F F

Fedra só de puro amor
Morreu por seu enteado;
Eu morro de desamado.
Febo vai escurecendo
Ante vossa claridade;
E eu, sem ter liberdade.

---

1. *Eurídice,* mulher de *Orfeu*. Morta por uma serpente, que a mordeu quando, no próprio dia de suas núpcias, fugia à perseguição de *Aristeu,* o marido, inconsolável, foi procurá-la ao Inferno, onde a sua voz comoveu as divindades infernais *Plutão* e *Proserpina,* que lha restituíram com a condição de não olhar para trás, enquanto não saísse do Inferno. Como *Eurídice* o seguia, a promessa não foi cumprida — e ela foi-lhe arrebatada.

4. *Fedra,* esposa de *Teseu,* pai de *Hipólito,* por quem se apaixonou. É o assunto da tragédia célebre de Racine — *Phèdre.*

7. *Febo* — o Sol.

G G

Galateia sois, Senhora,
Da fermosura extremo;
E eu perdido Polifemo.
Genebra, que foi rainha,
Se perdeu por Lançarote;
E vós, por me dar a morte.

H H

Hercules, ũa camisa
De chamas o consumiu;
Minha alma, des que vos viu.
Hébis e Dido morreram
Com o rigor da mudança;
Eu, vendo vossa esquivança.

---

1. *Galateia* é a ninfa por quem se apaixona o ciclope horrendo, *Polifemo*, de um olho apenas, cegado por Ulisses, como conta a *Odisseia*. O Poeta também é Polifemo, nos amores incorrespondidos, como no defeito físico.

4. *Genebra*—é a tradução portuguesa de *Genièvre*, a esposa do rei *Artur*, que se apaixonou por *Lancelot* (em português *Lançarote*), um dos heróis da *Távola Redonda*.

10. Quem é *Hébis?* Será *Hebe*, a deusa da mocidade? Mas essa quando foi substituída por *Gamimedes* como copeira de Júpiter, não morreu: casou com Hércules.

J J

Judit, que o duro Holofernes
Degolou, se viva fora,
Mate lhe déreis, Senhora.
Júlio César conquistou
O mundo com fortaleza;
Vós a mim com gentileza.

J J

Júlio César se livrou
Dos imigos com abrolhos;
Eu, não posso desses olhos.
Jazia-se o Minotauro
Preso no seu labirinto;
Mas eu mais preso me sinto.

---

1. *Judite* — é a heroína bíblica, viúva da Betúlia, que, recebida, pelo feitiço da sua formusura, na tenda de Holofernes, general de Nabucodonosor, o degola quando o vê adormecido, para defender a sua cidade natal, que ele sitiava.

7. Júlio César, no seu livro *De Bello Gallico*, narra o facto a que o Poeta se refere no livro VII, cap. 73, n.os 5 e seg.

10. *Minotauro* — o monstro concebido de um touro por *Pasifaa*, e que *Minos* encarcerou no célebre labirinto de Creta, onde *Teseu* o foi matar, de aí saindo guiado pelo fio que *Ariadne* lhe tinha dado.

L L

Leandro se afogou
E foi sua causa Hero;
E a mim, o que vos quero.
Leandro se afogou
No mar de sua bonança;
Eu, no de vossa esperança.

M M

Minerva dizem que foi.
E Palas, deusa da guerra;
E vós, Senhora, da terra.
Medeia foi mui cruel,
Mas não chegou a metade
De vossa gran crueldade.

---

2. *Hero* — sacerdotiza de *Vénus*, amada por *Leandro*, que de noite atravessava a nado o Helesponto, para se lhe juntar, até que se afogou, pelo que ela se precipitou no mar.

10. *Medeia* — mulher de *Jasão*, grande feiticeira, entre cujas várias crueldades refere a mitologia que despedaçou dois filhos que dele tinha tido.

N N

Narciso o siso perdeu
Em vendo a sua figura;
Eu, por vossa fermosura.
Ninfas enganam mil Faunos
Com seu ar e fermosura;
E a mim vossa figura.

O O

Os olhos choram o dano
Que em vos verem sentiram,
Mas eu pago o que eles viram.
Orfeu com a doce harpa
Venceu o reino de Plutão;
Vós a mim, com perfeição.

P P

Páris a Helena roubou,
Por quem Tróia foi perdida;
E vós a mim, alma e vida.
Pirro matou Policena,
Perfeita em todos sinais;
E vós a mim me matais.

---

1. *Narciso* — tendo desprezado todas as ninfas que o amaram, viu uma vez, na água, a própria figura, e por tal forma se enamorou de si próprio. que morreu de desgosto, sendo metamorfoseado em flor.

13. *Helena* é a esposa de *Menelau*, rei de Esparta, raptada por *Páris*, que a levou para Tróia, onde reinava *Príamo*, seu pai, o que deu origem ao cerco de Tróia, narrado na *Ilíada*, de Homero.

16. *Policena* ou *Polixena* foi imolada por *Pirro*, cruel rei do Egipto e um dos sitiantes de Tróia. Filho de *Aquiles*, foi no túmulo deste que sacrificou a mulher que o pai estava para receber como esposa, quando foi morto.

Q Q

Quanto mais desejo ver-vos,
Menos vos vejo, Senhora.
Não vos ver milhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Acteon perdeu a vida,
Que eu por vós trago perdida.

R R

Remédio nenhum não vejo
Que remedeie meu mal;
Nem crueza à vossa igual.
Roma o mundo sujeita
Com armas, saber, temor;
Vós a mim só por amor.

S

Sirena, na mor fortuna,
Com enganos vai cantando;
E vós sempre a mim matando.

---

5. *Acteon* foi metamorfoseado em veado por *Diana*, que assim se vingou de por ele ter sido vista a tomar banho.

13. *Sirena* ou *Sereia*, monstro marinho, metade mulher, metade peixe, que atraía à perdição os nautas que a sua melodia enlevava.

T T

Tisbe morreu por Piramo,
A ambos matou o Amor;
A mim, vosso desfavor.
Tisbe pelo seu amante
Morreu com amor sobejo;
Mas eu mais morto me vejo.

V V

Vénus, que por mais fermosa
Lhe deu Páris a maçã,
Não foi quanto vós louçã.
Vénus levou a maçã
Por vós não serdes, Senhora,
Nascida naquela hora.

---

1. *Píramo* e *Tisbe*, contrariados pela família no seu amor, combinaram fugir. Ela chegou primeiro, e como uma leoa lhe ensopasse do sangue que lhe escorria do pescoço o véu que ela abandonara na fuga, *Píramo*, convencido de que ela tinha sido devorada, trespassou-se com a própria espada, no que *Tisbe* o imitou, quando o encontrou expirando.

8. A maçã que a *Discórdia* atirara para ser dada à mais formosa de três deusas — *Vénus*, *Palas* e *Juno* — foi por *Páris* atribuída à primeira.

X X

Xp̃o vos acabe em graça,
E vos faça piadosa
Tanto quanto sois fermosa.
Xantopea tornou atrás
Por Apónio a invocar;
E vós não, a meu chamar.

Z

Zacarias emudeceu
Por um pouco duvidar,
Eu só por vos falar.

---

1. *Xp̃o* é a abreviatura de *Cristo*. *X* está por *Ch* e o til apenas serve para indicar que se trata de uma abreviatura. A letra sobre que incide é das latinas a que mais se parece com o *R* grego.

4-5. *Xantopea* e *Apónio* não sabemos quem hajam sido.

7. Zacarias, pai de S. João Baptista, segundo S. Lucas, Cap. I, ficou mudo por duvidar do que o anjo Gabriel lhe disse, anunciando-lhe o nascimento do filho.

Algumas das estrofes desta composição encontrou-as Juromenha no seu Ms., publicando-as em nota. Assim, estes três últimos versos faltam na ed. de 1668.

REDONDILHAS RECOLHIDAS DOS INÉDITOS DE FARIA E SOUSA, GUARDADOS NA LIVRARIA DAS NECESSIDADES E PUBLICADAS PELA PRIMEIRA VEZ PELO VISCONDE DE JUROMENHA

MOTE

Afuera, consejos vanos,
Que despertáis mi dolor;
No me toquen vuestras manos,
Que los consejos de amor,
Los que matan, son los sanos.

GLOSA

Foi-me a fortuna entregar
A ũa dama interesseira,
Que, em vez de prémio me dar
Por ũa fé verdadeira,
Procura de me roubar.
Diz que rompe qualquer muro
E escusa cem mil danos;
Eu, que temo seus enganos,
Quanto de fero seguro:
— *Afuera, consejos vanos!*

---

14. É esta a lição de Juromenha, em vez de *Digo-lhe logo, em seguida*. Será, porventura: *Tendo* (na decisão) *tanto de seguro como de fero, (exclamo):*

Grandemente me persegue
E me pede que lhe dê;
Não me val razão que alegue,
Nem maneira com que chegue
A achar valor nesta fé.
E, por que ela me entendesse,
Lhe disse: Meu lindo amor,
Por vosso disfavor,
Não me pidais interesse,
Que despertáis mi dolor.

Em mostras dessa fé pura
Vos farei, se vós gostais,
Lindas trovas que leiais
De vossa linda figura,
Com que tanto me matais.
Mas se pretendeis roubar-me
Com afagos, com enganos,
E depois desenganar-me,
Pois não é cousa que me arme,
No me toquen vuestras manos.

Se dizeis que quem quer bem
Há-de gastar sem ter freio,
Eu, Senhora, bem o creio;
Mas praticai-o com quem
Tiver o seu cofre cheio.
Se me dizeis que se soa
Que quem dá tem mais favor,
Deixai-me antes minha dor,
Pois nada mais me magoa
Que los consejos de amor.

Entre as regras dos amores
Tomai esta singular,
Que vos há-de aproveitar:
Chamai-nos enganadores
E deixai-vos enganar.
Lograi-vos de vossa idade
No florido desses anos,
Porque, de nossos enganos,
Se me credes em verdade,
Los que matan son los sanos.

MOTE

De vós quererdes meu mal
Me vem podê-lo sofrer.

GLOSA

De tantas penas cercado
Gozo de um bem que já tive,
Que o que me é menos pesado
É ponderar que ainda vive
Um amor tão mal pagado.
A causa deste tormento,
Sem vós, me fora mortal;
Daqui vem que, em dano tal,
Só tenho o contentamento
De vós quererdes meu mal.

De vós quererdes meu mal
Vem o querer esta vida,
Porque a dor de tal ferida,
Posto que em si é mortal,
Fica assim menos sentida.
Eu tenho a dor desta pena
Que me vós fazeis querer,
E, posto que me condena,
De ver que se me ordena
Me vem podê-la sofrer.

MOTE

Guardai-me esses olhos belos.

GLOSA

De laços de ouro tão belos
Pretende Amor fazer molhos,
Por prender quem ousa vê-los;
E, pois ele quer cabelos,
Pera mim só quero os olhos.
Pois ele é vosso cativo
Por alcançá-los e tê-los,
Guardai pera ele os cabelos;
Pera mim, que de olhos vivo,
Guardai-me esses olhos belos.

OUTRA GLOSA

Dous extremos tendes, mana,
Em vosso gesto divino,
Qualquer deles peregrino:
Olhos de luz soberana,
Cabelos do ouro mais fino.
Quem cabelos pera si
Pretender, deixai-lhe havê-los;
Mas se eu não quero cabelos
E olhos quero pera mi,
Guardai-me esses olhos belos.

MOTE

Ó meus altos pensamentos,
Quão altos que vos pusestes
E quão grande queda destes!

VOLTAS

Como de mim vos não vinha
Serdes firme num estado
(Pois o viver enganado
Era o maior bem que tinha),
Castelo desta alma minha,
Quão alto que vos pusestes
E quão grande queda destes!

Sabia que éreis de vento,
Como quem vos viu fazer;
Inda assim vos queria ter
Como éreis, sem fundamento.
Quem vos desfez num momento?
Ai! quão alto vos pusestes
E quão grande queda destes!

MOTE

Esperanças mal tomadas,
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

VOLTAS

Fostes tomadas em vão
De mim e sem fundamento.
Vós éreis todas de vento
E eu dele vivia então;
Se vos tomei sem razão,
Com ela vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Assim vos queria ter
Sem razão e mal tomadas,
Sabendo, quando deixadas,
Quanto havíeis de doer;
Mas nem isto pode ser,
Que por meu mal vos tomei
E por vós me deixarei.

---

24. Me abandonarei a tais esperanças.

Quereis que faça mudança!
De vós outro bem não entendo.
Isto só se ganha em vos vendo,
Isto só de vós se alcança.
Mas esta vã esperança,
Senhora, se eu a tomei
Por vós, como a deixarei?

MOTE

Ai de mim, mas de vós ai,
Que eu, morrendo,
Bem entendo
Que a vós mais nisso vai.

VOLTAS

A vida, por vós perdida,
Bem me pode ser gloriosa,
Mas pode ser não penosa
A vós perdida esta vida?
Se me matais, atentai
Que, morrendo,
Bem entendo
Que a vós mais nisso vai.

---

2. Outro bem não entendo, que não seja *o não fazer mudança.*

19. Em Jurom.: *Mal pode ser não penosa/A vós perdida esta vida.*

Com vossos olhos serenos
Bem mostrais
Que vos não serve demais
Ter ũa vida de menos.
Matai, meus olhos, matai,
Que eu, morrendo,
Bem entendo
Que a vós mais nisso vai.

MOTE

Que vistes, meus olhos?
Meus olhos, que vistes,
Que vos vejo tristes?

VOLTAS

Vejo-vos chorosos,
De Amor agravados,
Tanto namorados
Quanto mais queixosos;
Ora, meus mimosos,
Dizei-me: que vistes,
Que vos vejo tristes?

Dizei-me, meus olhos:
Quem vos agravou?
Quem vos trespassou
Com duros abrolhos?
Por certo que em molhos
Nunca vi, se aí vistes,
Lágrimas tão tristes.

---

15. Em *molhos*, como no verso 10 da pág. 1, tem o significado de *em abundância*.

Se chorais de amor,
Suas esperanças,
Ditosas lembranças,
Mais ditosa dor!
Mas, se é desfavor,
Dizei-me o que vistes,
E não sereis tristes.

Porém, se de enganos
Viveis enganados,
Não queirais cuidados
De quem vêm tais danos.
Deixai passar anos
Com o bem que vistes,
E não sereis tristes.

MOTE

No monte de Amor andei,
Por ter de monteiro fama,
Sem tomar gamo nem gama.

VOLTAS

Achei-me tão enlevado
Neste monte a montear,
Que donde cuidei caçar
Eu mesmo fiquei caçado.
Caçador desesperado,
Saí de ũa e outra rama,
Sem tomar gamo nem gama.

Levava por meus monteiros,
Nesta caça de tormento,
Os meus ais, que, como vento,
Iam diante, ligeiros.
Uns tão tristes companheiros
Levava, como quem ama,
Por descobrir esta gama.

A roupa de montear
Que neste dia levava,
Era o mal que me pesava;
A corneta, o suspirar.
Já não podia cessar,
Como touro quando brama,
Só por buscar esta gama.

Os cães eram meus tormentos,
Cheios de muita agonia;
O furão, minha porfia;
As redes, meus pensamentos.
Nem me valeu tomar ventos
Nem penetrar pela rama
Pera descobrir tal gama.

REDONDILHA RECOLHIDA DE UM MS. DO SÉCULO XVII PELO VISCONDE DE JUROMENHA, PUBLICADA NA ED. DE 1863.

A umas Senhoras que, estando a jogar perto de uma janela, lhes caiu o três de paus e deu na cabeça de Camões

Pera evitar dias maus
Da vida triste que passo,
Mandem-me dar um baraço,
Que já cá tenho três paus.

SONETOS DA EDIÇÃO DE 1595, ORGANIZADA POR LOBO SOROPITA

1

Enquanto quis Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse.
Porém, temendo Amor que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento,
Escureceu-me o engenho co tormento,
Pera que seus enganos não dissesse.
Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! Quando lerdes
Num breve livro casos tão diversos,
Verdades puras são e não defeitos;
E sabei que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos

2

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dous mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.
Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e pena ausente.

Soneto 2. Este soneto é a paráfrase do soneto 87, *in* V. de Petrarca.

21. *Suspiros namorados.*

Também, Senhora do desprezo honesto
De nossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-ei dizendo a menor parte.
Porém, pera cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

3

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando,
Espedindo no rústico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem calado e manso desviando,
Na pronta vista a seta endereitando,
Lhe dá no estígio lago eterno ninho.
Desta arte o coração, que livre andava
(Posto que já de longe destinado),
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o Frecheiro cego me esperava,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

4

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta,
Nas lindas faces, olhos, boca e testa,
Boninas, lírios, rosas debuxando.

---

18. O Frecheiro é Cupido, filho de Vénus, o deus do Amor, que se representa cego e armado de aljava e arco.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto pode manifesta,
Que o monte, o campo, o rio e a floresta
Se estão de vós, Senhora, namorando.
Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruito destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos.
Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse Amor em vós amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

5

Quem pode livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juízo sossegado,
Se o Menino que de olhos é privado
Nas mininas de vossos olhos mora?
Ali manda, ali reina, ali namora,
Ali vive das gentes venerado;
Que o vivo lume e o rosto delicado
Imagens são nas quais o Amor se adora.
Quem vê que em branca neve nascem rosas
Que fios crespos de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,
Raios de ouro verá, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assi como um cristal o Sol traspassa.

6

Num jardim adornado de verdura,
A que esmaltam por cima várias flores,
Entrou um dia a deusa dos amores,
Com a deusa da caça e da espessura.

---

13. Vid. nota de pág. anterior.

Diana tomou logo ũa rosa pura,
Vénus um roxo lírio, dos melhores;
Mas excediam muito às outras flores
As violas na graça e fermosura.
Perguntam a Cupido, que ali estava,
Qual daquelas três flores tomaria
Por mais suave e pura e mais fermosa.
Sorrindo-se, o Menino lhe tornava:
— Todas fermosas são; mas eu queria
Viola antes que lírio, nem que rosa.

7

O fogo que na branda cera ardia.
Vendo o rosto gentil que na alma vejo,
Se acendeu de outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciência fez despejo,
E, remetendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquela flama, que se atreve
Apagar seus ardores e tormentos
Na vista de que o mundo tremer deve!
Namoram-se, Senhora, os Elementos
De vós, e queima o fogo aquela neve
Que queima corações e pensamentos.

---

8. *Sorrindo-se*, nas eds. de 1595 e 1598.

10. O Poeta joga com a palavra *Violante*, decompondo-a em *Viola antes*. Diogo Bernardes tem um soneto de tema igual e aproveitando idêntico jogo de palavras. É o que começa: *Por um florido vale entrando um dia...*

21. É sabido que os quatro elementos concebidos pela antiga Física eram a Terra, a Água, o Ar e o Fogo.

8

Num bosque que das ninfas se habitava,
Sílvia, ninfa linda, andava um dia;
E, subida nũa árvore sombria,
As amarelas flores apanhava.
Cupido, que ali sempre costumava
A vir passar a sesta à sombra fria,
Num ramo o arco e setas que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.
A ninfa, como idóneo tempo vira
Pera tamanha empresa, não dilata,
Mas com as armas foge ao Moço esquivo.
As setas traz nos olhos, com que tira.
— Ó pastores! fugi, que a todos mata,
Senão a mim, que de matar-me vivo.

9

Tomava Daliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amava,
Casar com Gil, vaqueiro; e em si vingava
O erro alheio e pérfida esquivança.
A discrição segura, a confiança,
As rosas que seu rosto debuxava,
O descontentamento lhas secava,
Que tudo muda ũa áspera mudança.
Gentil planta, disposta em seca terra,
Lindo fruito de dura mão colhido,
Lembranças de outro amor e fé perjura,
Tornaram verde prado em dura serra;
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a fermosura.

---

2. Ed. de 1598 *Sibila*.

10

— Como fizeste, Pórcia, tal ferida?
Foi voluntária, ou foi por inocência?
— Mas foi fazer Amor experiência
Se podia sofrer tirar-me a vida.
— E com teu próprio sangue te convida
A não pores à vida resistência?
— Ando-me acostumando à paciência,
Por que o temor a morte não impida.
— Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? — Porque ordena
Amor que morra e pene juntamente.
— E tens a dor do ferro por pequena?
— Si, que a dor costumada não se sente,
E eu não quero a morte sem a pena.

11

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
Tantas vezes, de um áspero receio
Salteado, Laurénio a cor perdia.
Ela, que a Sílvio mais que a si queria,
Pera podê-lo ver não tinha meio.
Ora como curara o mal alheio
Quem o seu mal tão mal curar sabia?
Ele, que viu tão clara esta verdade,
Com soluços dezia, que a espessura
Comoviam de mágoa e piadade;
— Como pode a desordem da Natura
Fazer tão diferentes na vontade
A quem fez tão conformes na ventura?

---

25. Nas duas primeiras eds. — *Comovia de mágoa a piadade*, o que deve ser erro de cópia.

12

Em fermosa Leteia se confia,
Por onde vaidade tanta alcança
Que, tornada em soberba a confiança,
Com os deuses celestes competia.
Por que não fosse avante esta ousadia
(Que nascem muitos erros da tardança),
Em efeito puseram a vingança
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno, perdido por Leteia,
Não lhe sofrendo Amor que suportasse
Castigo duro tanta fermosura,
Quis padecer em si a pena alheia.
Mas, por que a morte Amor não apartasse,
Ambos tornados são em pedra dura.

13

Pelos extremos raros que mostrou
Em sábia Palas, Vénus em fermosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
África, Europa e Ásia as adorou.
Aquele saber grande que ajuntou
Esprito e corpo em liga generosa,
Esta mundana máquina lustrosa
De só quatro elementos fabricou.
Mas mor milagre fez a Natureza
Em vós, Senhoras, pondo em cada ũa
O que por todas quatro repartiu.

---

16. Na 1.ª e 2.ª eds. *Em saber...*

21. É o sistema planetário, fabricado com os quatro elementos. *Vid.* pág. 190.

A vós seu resplandor deu Sol e Lũa:
A vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, Fogo, Terra e Água vos serviu.

14

Tomou-me vossa vista soberana
Adonde tinha as armas mais à mão,
Por mostrar que quem busca defensão
Contra esses belos olhos, que se engana.
Por ficar da vitória mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da razão;
Cuidei de me salvar, mas foi em vão,
Que contra o Céu não val defensa humana.
Mas porém, se vos tinha prometido
O vosso alto destino esta vitória,
Ser-vos tudo bem pouco está sabido.
Que posto que estivesse apercebido,
Não levais de vencer-me grande glória;
Maior a levo eu de ser vencido.

15

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prémio pretendia.
Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

---

21. *Qu'ella* — Ed. 1598.

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida!

16

O cisne, quando sente ser chegada
A hora que põe termo a sua vida,
Música com voz alta e mui subida
Levanta pela praia inabitada.
Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viver a despedida;
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assi, Senhora minha, quando via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio,
Com mais suave canto e harmonia
Descantei pelos vossos disfavores
La vuestra falsa fé, y el amor mio.

17

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de cristal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos;

---

6. *Subida* ocorre nas duas primeiras eds., mas *sentida* que as eds. subsequentes preferem, quando não inserem o verso: *Harmonia maior, com voz sentida*, da ed. de Faria e Sousa.

18. Verso de Boscan.

Silvestres montes, ásperos penedos,
Compostos em concerto desigual:
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.
E, pois me já não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas
Nem águas que correndo alegres vêm.
Semearei em vós lembranças tristes,
Regando-vos com lágrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

18

Lindo e sutil trançado, que ficaste
Em penhor do remédio que mereço,
Se só contigo, vendo-te, endoudeço,
Que fora cos cabellos que apertaste?
Aquelas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do Sol têm em pouco preço,
Não sei se pera engano do que peço,
Se pera me atar, os desataste.
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dores,
Como quem não tem outra, hei-de tomar-te.
E, se não for contente meu desejo,
Dir-lhe-ei que, nesta regra dos amores,
Pelo todo também se toma a parte.

19

Náiades, vós, que os rios habitais
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros, que quase aos vossos são iguais.

Dríades, vós que as setas atirais,
Os fugitivos cervos derrubando,
Outros olhos vereis, que triunfando
Derrubam corações, que valem mais.
Deixai a aljava logo, e as águas frias,
E vinde, ninfas minhas, se quereis,
Saber como de uns olhos nascem mágoas.
Vereis como se passam em vão os dias;
Mas não vireis em vão, que cá achareis
Nos seus as setas e nos meus as águas.

20

Um mover de olhos, brando e piadoso,
Sem ver de quê; um riso brando e honesto,
Quase forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravíssimo e modesto;
Ũa pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso;
Um encolhido ousar; ũa brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente sofrimento:
Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

---

23. *Circe* é a feiticeira da *Odisseia*, poema de Homero. Para reter *Ulisses* na sua ilha, deu aos companheiros do herói uma beberagem que os transformou em porcos.

21

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sòmente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.
Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim com a alma minha se conforma,
Está no pensamento como ideia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

22

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O Mundo todo abarco e nada aperto.
É tudo quanto sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sai, da vida um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

1-14. Esta ideia, de origem platónica, é posta em circulação por Petrarca, e por isso já tem eco no nosso *Cancioneiro Geral*, de Resende. Vid. III, p. 138, ed. da Imp. da Univ.de.

Estando em terra, chego ao céu voando;
Nũa hora acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar ũa hora.
Se me pergunta alguém porque assim ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

23

Tempo é já que minha confiança
Se desça de ũa falsa opinião;
Meu Amor não se rege por razão;
Não posso perder logo a esperança.
A vida, si; que ũa áspera mudança
Não deixa viver tanto um coração.
E eu na morte tenho a salvação?
Si, mas quem a deseja não a alcança.
Forçado é, logo, que eu espere e viva.
Ah! dura lei de Amor, que não consente
Quietação nũa alma que é cativa!
Se hei-de viver, enfim, forçadamente,
Pera que quero a glória fugitiva
De ũa esperança vã que me atormente?

24

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Contìnuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto.
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.
E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

25

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo ser de vossos olhos belos,
Se não perder a vista só com vê-los,
Já não paga o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantagem merecê-los,
Dei mais a vida e alma por querê-los,
Donde já me não fica mais de resto.
Assim que a vida e alma e esperança,
E tudo quanto tenho tudo é vosso;
E o proveito disso eu só o levo.
Porque é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

---

3. *E enfim* — ed. 1595.
9. *Em vê-los* — ed. 1598.

26

Pede o desejo, Dama, que vos veja.
Não entende o que pede; está enganado.
É este amor tão fino e tão delgado,
Que quem o tem não sabe o que deseja.
Não há cousa a qual natural seja
Que não queira perpétuo o seu estado.
Não quer logo o desejo o desejado,
Por que não falte nunca onde sobeja.
Mas este puro afeito em mim se dana;
Que, como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da Natureza,
Assi o pensamento, pela parte
Que vai tomar de mim, terrestre, humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

27

Quando da bela vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o Paraíso.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento;
Assi que, em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz quem perde o siso.

5-6. A ideia de que toda a cousa natural quer perpétuo o seu estado, é da filosofia escolástica em voga. No *Cancioneiro Geral* o mesmo conceito aparece. Vid. II, p. 274.

19. Por *diviso* entenda-se — *separado, alheio.*

Em louvar-os, Senhora, não me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente,
Sentirá que não pode merecê-las;
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não é de estranhar, Dama excelente,
Que quem vos fez fizesse céu e estrelas.

28

Fermosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do Céu certíssimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.
Vereis que de viver me desapossa
Aquele riso com que a vida dais;
Vereis como de Amor não quero mais,
Por mais que o tempo corra e o dano possa.
E se dentro nesta alma ver quiserdes,
Como num claro espelho, ali vereis
Também a vossa, angélica e serena.
Mas eu cuido que, só por não me verdes,
Ver-vos em mim, Senhora, não quereis.
Tanto gosto levais de minha pena!

---

1. *Vos louvar*, ed. 1598.
2. *Cousas* tem sido substituído, nas eds. posteriores, por *graças*.
3. *Conhecê-las*, ed. 1598.

29

Vossos olhos, Senhora, que competem
Co Sol em formosura e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lágrimas, de vê-los, se derretem.
Meus sentidos vencidos se sometem
Assi cegos a tanta divindade;
E da triste prisão da escuridade,
Cheios de medo, por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto,
O áspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquecida.
Oh! gentil cura e estranho desconcerto!
Que fará o favor que vós não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

30

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permitirem que tanto viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas
Em cuja vista o meu se acende e mata;
E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;

---

16. Nas eds. de 1595 e 1598 ocorre *Quiser que tanto tempo...* em vez de *Permitirem que tanto viva...*

Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.
Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepender minha vingança,

31

Porque quereis, Senhora, que ofereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que mereço,
Bem por nascer está quem vos mereça.
Sabei que, enfim, por muito que vos peça,
Que posso merecer quanto vos peço;
Que não consente Amor que em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dores
Com nada se restaura; mas deveis-ma,
Por ser capaz de tantos disfavores.
E se o valor de vossos servidores
Houver de ser igual convosco mesma,
Vós só convosco mesma andai de amores.

32

Se tanta pena tenho merecida
Em pago de sofrer tantas durezas,
Provai, Senhora, em mim vossas cruezas,
Que aqui tendes ũa alma oferecida.

Nela experimentai, se sois servida,
Desprezos, disfavores e asperezas;
Que mores sofrimentos e firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.
Mas contra vossos olhos quais serão?
Forçado é que tudo se lhe renda;
Mas porei por escudo o coração.
Porque, em tão dura e áspera contenda,
É bem que, pois não acho defensão,
Com me meter nas lanças me defenda.

33

Busque Amor novas artes, novo engenho,
Pera matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê;
Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde.
Vem não sei como, e dói não sei porquê.

34

Todo o animal da calma repousava,
Só Liso o ardor dela não sentia;
Que o repouso do fogo em que ardia
Consistia na ninfa que buscava.
Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dezia;
Mas nada o duro peito comovia,
Que na vontade de outrem posto estava.
Cansado já de andar pela espessura,
No tronco de ũa faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:
«Nunca ponha ninguém sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sòmente em ser mudável tem firmeza.»

35

Apolo e as nove Musas, discantando
Com a dourada lira, me influíam
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a pena, começando:
«Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam
Estar-se em seu desejo traspassando!»

---

15. A mitologia greco-latina concebia que o deus *Apolo* vivia no *Parnaso* rodeado de nove *musas,* as divindades que presidiam a todas as Artes.

Assi cantava, quando Amor virou
A roda à esperança, que corria
Tão ligeira que quase era invisível.
Converteu-se-me em noite o claro dia;
E, se algũa esperança me ficou.
Será de maior mal, se for possível.

36

Lembranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Não vivo com meu mal tão enganado,
Que não espere dele muito mais.
De muito longe já me costumais
A viver de algum bem desesperado;
Já tenho coa Fortuna concertado
De sofrer os trabalhos que me dais.
Atado ao remo tenho a paciência,
Pera quantos desgostos der a vida,
Cuide em quanto quiser o pensamento;
Que, pois não há i outra resistência,
Pera tão certa queda de subida,
Aparar-lhe-ei debaixo o sofrimento.

37

Pois meus olhos não cansam de chorar
Tristezas, que não cansam de cansar-me;
Pois não abranda o fogo em que abrasar-me
Pôde quem eu jamais pude abrandar,

---

19. Na ed. de 1595 (não já na de 1598) ocorre — ...*queda de caída*, o que não pode deixar de ser erro do copista ou do tipógrafo.

Não canse o cego Amor de me guiar
A parte donde não saiba tornar-me;
Nem deixe o mundo todo de escutar-me,
Enquanto me a voz fraca não deixar.
E se em montes, [em] rios ou em vales
Piadade mora ou dentro mora amor
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,
Ouçam a longa história de meus males,
E curem sua dor com minha dor;
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

38

Dai-me uma lei, Senhora, de querer-vos,
Que a guarde, sob pena de enojar-vos;
Que a fé que me obriga a tanto amar-vos
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, senão só ver-vos
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que, se assi não chegar a contentar-vos,
Ao menos que não chegue a aborrecer-vos.
E, se essa condição cruel e esquiva
Que me deis lei de vida não consente,
Dai-ma, Senhora, já, seja de morte.
Se nem essa me dais, é bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente,
Mas contente porém de minha sorte.

39

Passo por meus trabalhos tão isento
De sentimento grande nem pequeno,
Que só pela vontade com que peno
Me fica Amor devendo mais tormento.

Mas vai-me Amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co venenò,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não mo consente o sofrimento.
Porém, se esta fineza Amor não sente
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer como ao sol neve.
Mas se me vê cos males tão contente,
Faz-se avaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deve.

40

Males, que contra mim vos conjurastes,
Quanto há-de durar tão duro intento?
Se dura por que dure meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.
Mas se assi porfiais porque cuidastes
Derrubar meu tão alto pensamento,
Mais pode a causa dele, em que o sustento,
Que vós, que dela mesma o ser tomastes.
E, pois vossa tenção com minha morte
É de acabar o mal destes amores,
Dai já fim a tormento tão comprido.
Porque de ambos contente seja a sorte:
Vós, porque me acabastes, vencedores;
E eu, porque acabei, de vós vencido.

---

5. Nas duas primeiras eds. *Amor sente*, mas o verso fica errado e o sentido menos claro.

20. Nas duas primeiras eds. — *Há-de...* em vez de *É de...*

41

Amor, com a esperança já perdida,
Teu soberano templo visitei;
Por sinal do naufrágio que passei,
Em lugar dos vestidos, pus a vida.
Que queres mais de mim, que destruída
Me tens a glória toda que alcancei?
Não cuides de forçar-me; que não sei
Tornar a entrar onde não há saída.
Vês aqui alma, vida e esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Enquanto o quis aquela que eu adoro.
Nelas podes tomar de mim vingança;
E, se inda não estás de mim vingado,
Contenta-te coas lágrimas que choro.

42

Grão tempo há já que soube da Ventura
A vida que me tinha destinada;
Que a longa experiência da passada
Me dava claro indício da futura.
Amor fero, cruel, Fortuna escura,
Bem tendes vossa força exprimentada:
Assolai, destruí, não fique nada!
Vingai-vos desta vida, que inda dura!
Soube Amor da Ventura, que a não tinha,
E, por que mais sentisse a falta dela,
De imagens impossíveis me mantinha.
Mas vós, Senhora, pois que minha estrela
Não foi melhor, vivei nesta alma minha,
Que não tem a Fortuna poder nela.

---

12. *Nela* — ed. de 1595 e 1598.
19. *Dura*, na ed. de 1595. *Escura*, na de 1598.

43

Quando vejo que meu destino ordena
Que, por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte
Que a mesma culpa fica grave pena,
O duro disfavor que me condena,
Quando pela memória se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte,
Que a dor da ausência fica mais pequena.
Pois como pode ser que na mudança
Daquilo que mais quero, estê tão fora
De me não apartar também da vida?
Eu refrearei tão áspera esquivança;
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

44

De vós me aparto, ó Vida! Em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento.
Não sei pera que é ter contentamento,
Se mais há-de perder quem mais alcança.
Mas dou-vos esta firme segurança:
Que posto que me mate meu tormento,
Pelas águas do eterno esquecimento
Segura passará minha lembrança.
Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
Que com qualquer cousa outra se contentem;
Antes os esqueçais, que vos esqueçam;
Antes nesta lembrança se atormentem
Que com esquecimento desmereçam
A glória que em sofrer tal pena sentem.

45

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava;
Que o pastor na memória a debuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.
Pelas praias do Índico Oceano
Sobre o curvo cajado se encostava,
E os olhos pelas águas alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.
— «Pois com tamanha mágoa e saudade
(Dezia) quis deixar-me a que eu adoro,
Por testemunhas tomo céu e estrelas.
Mas se em vós, ondas, mora piadade,
Levai também as lágrimas que choro,
Pois assi me levais a causa delas.»

46

Aquela triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piadade,
Enquanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ela só, quando amena e marchetada
Saía, dando ao mundo claridade,
Viu apartar-se de ũa outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.
Ela só viu as lágrimas em fio.
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Se acrescentaram em grande e largo rio.
Ela ouviu as palavras magoadas
Que puderam tornar o fogo frio
E dar descanso às almas condenadas.

---

10. a em que adora, ed. de 1595 e em que eu moro, ed. de 1598.

26. Nas duas primeiras eds. *Ela viu...*

47

Doces lembranças da passada glória,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me repousar em paz ũa hora,
Que comigo ganhais pouca vitória.
Impressa tenho na alma a larga história
Deste passado bem, que nunca fora;
Ou fora, e não passara; mas já agora
Em mim não pode haver mais que a memória.
Vivo em lembranças, mouro de esquecido
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente.
Oh! quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

48

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Soneto 48. Este belo soneto aproxima-se do soneto XXXVII de Petrarca, mas o de Camões é de mais pura espiritualidade e mais penetrante melodia. Segundo o Ms. da *VIII Década* de Couto, existente na Biblioteca Municipal do Porto, foi ele inspirado pela rapariga oriental que naufragou com o Poeta na foz do Mecon.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecer-te
Algũa cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,
Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

49

Cara minha inimiga, em cuja mão
Pôs meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Por que me falte a mim consolação.
Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina fermosura;
Mas, enquanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.
E, se os meus rudos versos podem tanto
Que possam prometer-te longa história
Daquele amor tão puro e verdadeiro,
Celebrada serás sempre em meu canto;
Porque, enquanto no mundo houver memória,
Será minha escritura teu letreiro.

Soneto 49. Este soneto foi provàvelmente sugerido pelo mesmo desastre e pela mesma mulher, a que o anterior foi consagrado.

50

Quando o Sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de ũa praia deleitosa
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi, os cabelos concertando;
Ali, coa mão na face tão fermosa;
Aqui falando alegre, ali cuidosa;
Agora estando queda, agora andando.
Aqui esteve sentada, ali me viu,
Erguendo aqueles olhos tão isentos;
Aqui movida um pouco, ali segura;
Aqui se entristeceu, ali se riu.
Enfim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vã, que sempre dura.

51

Oh! Como se me alonga de ano em ano
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!
Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
Perde-se-me um remédio que inda tinha;
Se por experiência se adivinha,
Qualquer grande esperança é grande engano.
Corro após este bem que não se alcança;
No meio do caminho me falece;
Mil vezes caio e perco a confiança.
Quando ele foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo, a ver se ainda parece,
Da vista se me perde e da esperança.

---

27. *Parece* é a forma quinhentista correspondente a *aparece*.

52

Os reinos e os impérios poderosos
Que em grandeza no mundo mais cresceram,
Ou por valor do esforço floresceram,
Ou por varões nas letras espantosos.
Teve Grécia Temístocles; famosos,
Os Cipiões a Roma engrandeceram;
Doze Pares a França glória deram;
Cides a Espanha e Laras belicosos.
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tão diferente de seu ser primeiro)
Os vossos deram honra e liberdade.
E em vós, grão sucessor e novo herdeiro
Do bragança estado, há mil extremos
Iguais ao sangue e mores que a idade.

53

Resposta a um soneto pelos mesmos consoantes

De tão divino acento em voz humana,
De tão doces palavras peregrinas,
Bem sei que minhas obras não são dinas
Que o rudo engenho meu me desengana.
Mas de vossos escritos corre e mana
Licor que vence as águas cabalinas;
E convosco do Tejo as flores finas
Farão enveja à cópia mantuana,
E pois a vós de si não sendo avaras,
As filhas de Mnemósine fermosa
Partes dadas vos têm, ao Mundo caras,

Soneto 52. Este soneto, que a edição de 1932 não incluiu, inculca-o Juromenha dedicado ao Duque de Bragança, D. Teodósio, Filho de D. Jaime.

A minha Musa e a vossa tão famosa,
Ambas posso chamar no Mundo raras:
A vossa de alta, a minha de envejosa.

54

A D. Luís de Ataíde, Viso-Rei

Que vençais no Oriente tantos reis,
Que de novo nos deis da Índia o Estado,
Que escureçais a fama que ganhado
Tinham os que a ganharam a infiéis;
Que do tempo tenhais vencido as leis,
Que tudo, enfim, vençais co tempo armado,
Mais é vencer na Pátria, desarmado,
Os monstros e as quimeras que venceis.
E assi, sobre vencerdes tanto imigo,
E por armas fazer que, sem segundo,
Vosso nome no mundo ouvido seja,
O que vos dá mais nome inda no mundo
É vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, tão grande enveja!

55

Debaixo desta pedra está metido,
Das sanguinosas armas descansado,
O capitão ilustre, assinalado,
Dom Fernando de Castro esclarecido.
Por todo o Oriente tão temido,
E da inveja da Fama tão cantado,
Este, pois, só agora sepultado
Está aqui já em terra convertido.

---

2. Ao mundo, ed. de 1595 e 1598.

21. D. Fernando de Castro é filho de D. João de Castro, morto em Diu em 1546. Não é de sentido claro o último terceto.

Alegra-te, ó guerreira Lusitânia,
Por este Viriato que criaste,
E chora-o perdido, eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardânia;
Que, se a Roma co ele aniquilaste,
Nem por isso Cartago está contente.

56

À morte de D. António de Noronha (1)

Em flor vos arrancou de então crescida
(Ah! Senhor Dom António!) a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos Antigos Esquecida.
Úa só razão tenho conhecida
Com que tamanha mágoa se conforte:
Que, pois no mundo havia honrada morte,
Que não podíeis ter mais larga a vida.
Se meus humildes versos podem tanto
Que co desejo meu se iguale a arte,
Especial matéria me sereis;
E, celebrado em triste e longo canto,
Se morreste nas mãos do fero Marte,
Na memória das gentes vivereis!

57

À sepultura del-Rei D. João III

Quem jaz no grão sepulcro, que descreve
Tão ilustres sinais no forte escudo?
— Ninguém; que nisso, enfim, se torna tudo;
Mas foi quem tudo pôde e tudo teve.

---

(1) Este soneto é consagrado à morte, em Ceuta, de D. António de Noronha, filho do 2.º Conde de Linhares. A ele o Poeta igualmente dedica a *Écloga — Que grande variedade vão fazendo...* Esta afeição pelo jovem fidalgo levou Stork a supor que o Poeta haja sido seu preceptor.

— Foi Rei? — Fez tudo quanto a Rei se deve;
Pôs na guerra e na paz devido estudo.
Mas quão pesado foi ao Mouro rudo
Tanto lhe seja agora a terra leve.
— Alexandre será? — Ninguém se engane;
Que sustentar, mais que adquirir se estima.
— Será Adriano, grão senhor do Mundo?
— Mais observante foi da Lei de cima.
— É Numa? — Numa não, mas é Joane
De Portugal, terceiro sem segundo.

58

— Não passes, caminhante! — Quem me chama?
— Ũa memória nova e nunca ouvida.
De um que trocou finita e humana vida
Por divina, infinita e clara fama.
— Quem é que tão gentil louvor derrama?
— Quem derramar seu sangue não duvida
Por seguir a bandeira esclarecida
De um capitão de Cristo, que mais ama.
— Ditoso fim, ditoso sacrifício,
Que a Deus se fez e ao mundo juntamente!
Apregoando direi tão alta sorte.
— Mais poderás contar a toda a gente
Que sempre deu sua vida claro indício
De vir a merecer tão santa morte.

---

7. Imperador de Roma.
9. Rei de Roma.

Soneto 58. Lembra Juromenha que este soneto pode ter sido dedicado a D. Gonçalo da Silveira, a cujo martírio em Moçambique o Poeta se refere n'*Os Lusíadas* (X-93). O fidalgo ilustre tinha vestido a roupeta de jesuíta para *seguir um capitão de Cristo, que mais ama.*

SONETOS DA EDIÇÃO DE 1598, ORGANIZADA POR ESTÊVÃO LOPES

59

Oh! quão caro me custa o entender-te,
Molesto Amor, que, só por alcançar-te,
De dor em dor me tens trazido a parte
Onde em ti ódio e ira se converte!
Cuidei que, pera em tudo conhecer-te,
Me não faltasse experiência e arte;
Agora vejo na alma acrescentar-te
Aquilo que era causa de perder-te.
Estavas tão secreto no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, não sabia
Que me senhoreavas deste jeito.
Descobriste-te agora; e foi por via
Que teu descobrimento e meu defeito,
Um me envergonha e outro me injuria.

60

Em prisões baixas fui um tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros;
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte, a meu pesar, tem já quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que Amor não quer cordeiros nem bezerros;
Vi mágoas, vi misérias, vi desterros.
Parece-me que estava assi ordenado.
Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoso,
Só por ver que cousa era viver ledo.

Mas minha estrela, que eu já agora entendo,
A Morte cega e o Caso duvidoso
Me fizeram de gostos haver medo.

61

Conversação doméstica afeiçoa,
Ora em forma de boa e sã vontade,
Ora de ũa amorosa piadade,
Sem olhar qualidade de pessoa.
Se despois, porventura, vos magoa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando Amor, que tudo, enfim perdoa.
Não são isto que falo conjecturas,
Que o pensamento julga na aparência,
Por fazer delicadas escrituras.
Metida tenho a mão na consciência,
E não falo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiência.

62

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso;
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;

---

2. O mesmo que *Acaso*.

Soneto 62. Neste soneto, que o Dr. José Maria Rodrigues julga provar a sua tese da paixão do Poeta pela Infanta D. Maria, há reminiscências petrarquistas nos mesmos traços em que ele viu o desenho da Infanta.

11. Em si — ed. de 1598.

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser fermosa;
Fala de quem a morte e a vida pende,
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;
Repouso nela alegre e comedido:
Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

63

Ondados fios de ouro reluzente,
Que, agora da mão bela recolhidos,
Agora sobre as rosas estendidos,
Fazeis que sua graça se acrecente;
Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios encendidos,
Se de cá me levais alma e sentidos,
Que fora, se de vós não fora ausente?
Honesto riso, que entre a mor fineza
De perlas e corais nasce e parece,
Se na alma em doces ecos não o ouvisse;
Se, imaginando só tanta beleza,
De si em nova glória a alma se esquece,
Que será quando a vir? Ah! quem a visse!

---

14. *Beleza* — ed. de 1598.
20. Vid. nota da pág. 215.

64

Ferido sem ter cura parecia
O forte e duro Télefo temido,
Por aquele que na água foi metido
A quem ferro nenhum cortar podia.
Ao apolíneo Oráculo pedia
Conselho pera ser restituído.
Respondeu que tornasse a ser ferido
Por quem o já ferira, e sararia.
Assi, Senhora, quer minha ventura
Que, ferido de ver-vos, claramente
Com vos tornar a ver Amor me cura.
Mas é tão doce vossa fermosura,
Que fico como hidrópico doente,
Que co beber lhe cresce mor secura.

65

O culto divinal se celebrava
No templo donde toda a criatura
Louva o feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

---

2. *Télefo,* filho de *Hércules* e de *Augea,* foi ferido na guerra troiana por *Aquiles* (aquele que foi *metido na água que o tornou invulnerável* — lembra o Poeta, nos versos seguintes), mas sarou mediante um emplasto fetio da ferrugem da lança que o golpeara. Frequentemente se alude a este mito, para designar a cousa que traz consigo o remédio do mal que pode causar.

Soneto 65. Soneto imitado do III de Petrarca.

Ali Amor que o tempo me aguardava
Onde a vontade tinha mais segura,
Nũa celeste e angélica figura
A vista da razão me salteava.
Eu, crendo que o lugar me defendia
E seu livre costume não sabendo
— Que nenhum confiado lhe fugia —
Deixei-me cativar; mas já que entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

66

Na metade do Céu subido ardia
O claro, almo Pastor, quando deixavam
O verde pasto as cabras, e buscavam
A frescura suave da água fria.
Com a folha da árvore sombria
Do raio ardente as aves se emparavam;
O módulo cantar, de que cessavam,
Só nas roucas cigarras se sentia;
Quando Liso, pastor, num campo verde
Natércia, crua Ninfa, só buscava
Com mil suspiros tristes que derrama.
— Porque te vás de quem por ti se perde,
Pera quem pouco te ama? — suspirava —
[E] o eco lhe responde: — Pouco te ama.

67

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faíscas me mostrou um dia,
Donde um puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.
A vista, que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento doce e leve.
Jura Amor que brandura de vontade
Causa o primeiro efeito; o pensamento
Endoudece, se cuida que é verdade.
Olhai como Amor gera, num momento,
De lágrimas de honesta piadade,
Lágrimas de imortal contentamento.

68

O raio cristalino se estendia
Pelo Mundo. da Aurora marchetada.
Quando Nise, pastora delicada,
Donde a vida deixava se partia.
Dos olhos, com que o sol escurecia,
Levando a vista em lágrimas banhada,
De si, do Fado e tempo magoada,
Pondo os olhos no céu, assi dezia:
— Nasce, sereno Sol, puro e luzente:
Resplandece, fermosa e roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente;
Que a minha, sabe tu que, desde agora,
Jamais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste nehũa outra pastora.

69

Já a saudosa Aurora destoucava
Os seus cabelos de ouro, delicados,
E as flores nos campos esmaltados
Do cristalino orvalho borrifava,
Quando o fermoso gado se espalhava
De Sílvio e de Laurente pelos prados;
Pastores ambos, e ambos apartados
De quem o mesmo amor não se apartava.
Com verdadeiras lágrimas, Laurente,
— Não sei — dezia — ó ninfa delicada,
Porque não morre já quem vive ausente,
Pois a vida sem ti não presta nada.
Responde Sílvio: — Amor não o consente,
Que ofende as esperanças da tornada.

Soneto 69. O Índice do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro indica pelo 1.º verso este soneto entre os de Diogo Bernardes, mas entre os indicados como de Camões parece figurar este mesmo, no verso inicial, truncado — *Já a roxa aurora clara* e no verso *(pág. 70)* — *Já a saudosa aurora destoucava,* ou melhor, como D. Carolina emenda a pág. 96, do seu livro com o mesmo título — *Já a roxa e branca aurora destoucava.* Como Bernardes o não incluiu na sua obra, devemos concluir que pode estar certa a atribuição a Camões.

13-14. O Amor não consente na morte do ausente, porque ela implicaria nele a falta de esperança no regresso.

70

Suspiros inflamados , que cantais
A tristeza com que eu vivi tão ledo,
Eu mouro e não vos levo, porque hei medo
Que ao passar do Lete vos percais.
Escritos pera sempre já ficais
Onde vos mostrarão todos co dedo,
Como exemplo de males; que eu concedo
Que pera aviso de outros estejais.
Em quem, pois, virdes falsas esperanças
De Amor e da Fortuna, cujos danos
Alguns terão por bem-aventuranças,
Dizei-lhe que os servistes muitos anos,
E que em Fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor não há senão enganos.

---

4. É o rio do Inferno, onde as sombras, obrigadas a beber das suas águas, logo esquecem o passado. Tem-se corrigido para *Leteio,* por causa da métrica, mas na ed. de 1598 ocorre *Lete,* o que obriga a ler como duas sílabas *Que ao...* — e isto é perfeitamente regular na métrica do tempo.

71

Aquela fera humana que enriquece
Sua presuntuosa tirania
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor um mal que falta quando cresce;
Se nela o Céu mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se enobrece?
Ora, enfim, sublimai vossa vitória,
Senhora, com vencer-me e cativar-me:
Fazei disto no mundo larga história,
Que, por mais que vos veja maltratar-me,
Já me fico logrando desta glória
De ver que tendes tanta de matar-me.

72

Ditoso seja aquele que sòmente
Se queixa de amorosas esquivanças;
Pois por elas não perde as esperanças
De poder nalgum tempo ser contente.
Ditoso seja quem, estando ausente,
Não sente mais que a pena das lembranças;
Porque, inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor quando se sente.
Ditoso seja, enfim, qualquer estado,
Onde enganos. desprezos e isenção
Trazem o coração atormentado.
Mas triste quem se sente magoado
De erros em que não pode haver perdão,
Sem ficar na alma a mágoa do pecado.

---

19. Absente — ed. 1598.

73

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro, lasso e trabalhado,
De um naufrágio cruel já salvo a nado,
Só o ouvir falar nele o faz medroso;
E jura que em que veja bonançoso
O violento mar, e sossegado,
Não entra nele mais, mas vai forçado
Polo muito interesse cobiçoso;
Assi, Senhora, eu, que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de não mais em outra ver-me;
Minha alma, que de vós nunca se ausenta,
Dá-me por preço ver-vos, faz tornar-me
Donde fugi tão perto de perder-me.

74

Se pena por amar-vos se merece,
Quem dela livre está? ou quem isento?
Que alma, que rezão, que entendimento
Em ver-vos se não rende e obedece?
Que mor glória na vida se oferece
Que ocupar-se em vós o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em ver-vos se não sente, mas esquece.

---

6. *Sossegado* liga-se com o adjectivo *bonançoso: — em que (mesmo que) veja bonançoso e sossegado o violento mar.*

12. Assim nas duas primeiras eds., em vez de *Com a alma.* Mas integra-se melhor no sentido geral do soneto esta disposição entre o *eu* (a razão e a vontade) e a *minha alma* (as tendências subconscientes): *eu procurando de não mais...;* e *minha alma faz tornar-me donde fugi.*

Mas se merece pena quem amando
Contino vos está, se vos ofende,
O mundo matareis, que todo é vosso.
Em mim podeis, Senhora, ir começando,
Que claro se conhece e bem se entende
Amar-vos quanto devo e quanto posso.

75

Foi já num tempo doce cousa amar,
Enquanto me enganava a esperança;
O coração, com esta confiança,
Todo se desfazia em desejar.
Oh! vão, caduco e débil esperar!
Como se desengana ũa mudança!
Que, quanto é mor a bem-aventurança,
Tanto menos se crê que há-de durar.
Quem já se viu contente e prosperado,
Vendo-se em breve tempo em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoado;
Porém, quem tem o mundo exprimentado,
Não o magoa a pena nem o espanta,
Que mal se estranhará o costumado.

76

No mundo quis o Tempo que se achasse
O bem que por acerto ou sorte vinha;
E, por exprimentar que dita tinha,
Quis que a Fortuna em mim se exprimentasse.
Mas por que meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,
Por ver se se mudava a sorte dura;
A vida pus nas mãos de um leve lenho.
Mas, segundo o que o Céu me tem mostrado,
Já sei que deste meu buscar ventura
Achado tenho já que não a tenho.

77

Vós que, de olhos suaves e serenos,
Com justa causa a vida cativais,
E que os outros cuidados condenais
Por indevidos, baixos e pequenos;
Se inda do Amor domésticos venenos
Nunca provastes, quero que saibais
Que é tanto mais o amor depois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.
E não cuide ninguém que algum defeito,
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito;
Antes o dobra mais; e, se atormenta,
Pouco e pouco o desculpa o brando peito;
Que Amor com seus contrários se acrescenta.

78

Quem quiser ver de Amor ũa excelência
Onde sua fineza mais se apura,
Atente onde me põe minha ventura,
Por ter de minha fé experiência.

Soneto 78. Há neste soneto sugestões do soneto de Petrarca — XV *In V.*

Onde lembranças mata a longa ausência.
Em temeroso mar, em guerra dura,
Ali a saudade está segura,
Quando mor risco corre a paciência.
Mas ponha-me a Fortuna e o duro Fado
Em nojo, morte, dano e perdição,
Ou em sublime e próspera ventura;
Ponha-me, enfim, em baixo ou alto estado;
Que até na dura morte me acharão
Na língua o nome e na alma a vista pura.

79

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Soneto 79. Este soneto é um dos muitos que o hábito petrarquista das antíteses inspirou na lírica europeia de quinhentos.

11. Na ed. de 1598 — *Amor é um fogo...*
16. Ibid. — *É um andar solitário...*
18. Ibid. — *É um cuidar...*

80

Fiou-se o coração de muito isento
De si, cuidando mal que tomaria
Tão ilícito amor tal ousadia
Tal modo nunca visto de tormento.
Mas os olhos pintaram tão a tento
Outros que visto tem na fantasia,
Que a rezão temerosa do que via
Fugiu, deixando o campo ao pensamento.
Ó Hipólito casto que de jeito
De Fedra, tua madrasta, foste amado,
Que não sabia ter nenhum respeito;
Em mim vingou o Amor teu casto peito,
Mas está desse agravo tão vingado,
Que se arrepende já do que tem feito.

81

Se tomar minha pena em penitência
Do erro em que caiu o pensamento,
Não abranda, mas dobra meu tormento:
A isto e a mais obriga a paciência.

Soneto 80. Este soneto que, sem explicação, a edição de 1932 não inclui, é dos que podem excitar a imaginação dos biógrafos romanceadores, com suas alusões a um *amor ilícito*, que no Poeta vingou a castidade de *Hipólito* perante a paixão incestuosa da madrasta *Fedra*... Seria por isso que o não inseriu aquela edição?

16. Note-se a distinção entre *razão* e *pensamento*, este último significando *estado de alma, vida interior, involuntária inclinação amorosa.*

E se ũa cor de morto na aparência,
Um espalhar suspiros vãos ao vento,
Em vós não faz, Senhora, movimento,
Fique meu mal em vossa consciência.
E se de qualquer áspera mudança
Toda a vontade isenta Amor castiga,
Como eu vi bem no mal que me condena,
E se em vós não se entende haver vingança,
Será forçado, pois Amor me obriga,
Que eu só de vossa culpa pague a pena.

82

Pensamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mim ressuscitais,
Dizei-me: Ainda não vos contentais
De terdes quem vos tem tão descontente?
Que fantasia é esta, que presente
Cada hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos e com sombras atentais
Quem nem por sonhos pode ser contente?
Vejo-vos, pensamentos, alterados,
E não quereis, de esquivos, declarar-me
Que é isto que vos traz tão enleados?
Não me negueis, se andais pera negar-me;
Porque, se contra mim 'stais levantados,
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

83

Se, depois de esperança tão perdida,
Amor pola ventura consentisse
Que inda algũa hora breve alegre visse
De quantas tristes viu tão longa vida;

---

23. Na ed. de 1598 *Que, se contra...*
27. *Que ainda* — ed. 1598.

Ũa alma já tão fraca e tão caída,
Por mas alto que a sorte me subisse,
Não tenho pera mim que consentisse
Alegria tão tarde consentida.
Não tão sòmente Amor me não mostrou
Ũa hora em que vivesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou;
Mas inda tanta pena me consente
Que co o contentamento me tirou
O gosto de algũa hora ser contente.

84

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais,
E se torna, não tornam as idades.
Razão é já, ó anos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que mostrais,
Nem todos pera um gosto são iguais,
Nem sempre são conformes as vontades.
Aquilo a que já quis é tão mudado,
Que quase é outra cousa; porque os dias
Têm o primeiro gosto já danado.
Esperanças de novas alegrias
Não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
Que do contentamento são espias.

---

23. Várias edições têm geralmente corrigido *errado*, que ocorre na ed. de 1598, para *irado*.

85

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquela alma me aparece
Que pera mim foi sonho nesta vida.
Lá nũa soidade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro pera ela; e ela então parece
Que mais de mim se alonga, compelida.
Brado: — Não me fujais, sombra benina! —
Ela, os olhos em mim cum brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser,
Torna a fugir-me. E eu gritando: *Dina...*
Antes que diga: *mene,* acordo, e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

86

No tempo que de Amor viver soía,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em várias flamas vàriamente ardia.
Que ardesse num só fogo não queria
O Céu, por que tivesse exprimentado
Que nem mudar as causas ao cuidado
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andava isento,
Foi como quem co peso descansou,
Por tornar a cansar com mais alento.

---

5. Entenda-se a palavra no seu sentido etimológico, equivalendo a *solidão, sitio deserto.*

Louvado seja Amor em meu tormento,
Pois pera passatempo seu tomou
Este meu tão cansado sofrimento!

87

Que poderei do mundo já querer,
Que naquilo em que pus tamanho amor,
Não vi senão desgosto e desamor,
E morte, enfim, que mais não pode ser?
Pois vida me não farta de viver,
Pois já sei que não mata grande dor,
Se cousa há que mágoa dê maior,
Eu a verei; que tudo posso ver.
A morte, a meu pesar, me assegurou
De quanto mal me vinha; já perdi
O que a perder o medo me ensinou.
Na vida, desamor sòmente vi;
Na morte, a grande dor que me ficou.
Parece que pera isto só nasci!

88

A Pêro Moniz que morreu no mar de Monte Félix, em epitáfio

No mundo poucos anos, e cansados,
Vivi, cheios de vil miséria dura:
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustros acabados.
Corri terras e mares apartados,
Buscando à vida algum remédio ou cura;
Mas aquilo que, enfim, não quer Ventura,
Não o alcançam trabalhos arriscados.
Criou-me Portugal na verde e cara
Pátria minha Alanquer; mas ar corruto,
Que neste meu terreno vaso tinha,

Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar, que bates na Abássia fera e avara,
Tão longe da ditosa Pátria minha!

89

Ilustre e dino ramo dos Meneses,
Aos quais o providente e largo Céu,
Que errar não sabe, em dote concedeu
Rompessem os maométicos arneses;
Desprezando a Fortuna e seus reveses,
Ide pera onde o Fado vos moveu:
Erguei flamas no mar alto Eritreu,
E sereis nova luz aos Portugueses.
Oprimi com tão firme e forte peito
O pirata insolente, que se espante
E trema Taprobana e Gedrosia.
Dai nova causa à cor do Arabo Estreito:
Assim que o Roxo Mar, daqui em diante,
O seja só co o sangue de Turquia!

90

— Que levas, cruel Morte? — Um claro dia.
— A que horas o tomaste? — Amanhecendo.
— Entendes o que levas? — Não o entendo.
— Pois quem to faz levar? —Quem o entendia.

Soneto 89. O Poeta dirige-se a D. Fernando de Meneses, filho do Vice-Rei da Índia D. Afonso de Noronha, e que alcançou uma grande vitória dos Turcos, no Mar Vermelho.

Soneto 90. Este soneto é atribuído no *Índice* do Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro ao Duque de Aveiro, e a Camões na ed. de 1598. No Ms. de Faria de Sousa, trazia a rubrica: «A D. Maria de Távora, filha de Luís Álvaro de Távora.

— Seu corpo quem o goza? — A terra fria.
— Como ficou sua luz? — Anoitecendo.
— Lusitânia que diz? — Fica dizendo:
«Enfim, não mereci Dona Maria».
— Mataste quem a viu? — Já morto estava.
— Que diz o cru Amor? — Falar não ousa.
— E quem o faz calar? — Minha vontade.
— Na Corte que ficou? — Saudade brava.
— Que fica lá que ver? — Nenhũa cousa.
Mas fica que chorar sua beldade.

91

A D. Leonis Pereira (1)

Vós, ninfas da gangética espessura,
Cantai suavemente, em voz sonora,
Um grande capitão que a roxa Aurora
Dos filhos defendeu da Noite escura.
Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Áurea Quersoneso afouta mora,
Pera lançar do caro ninho fora
Aqueles que mais podem que a Ventura.
Mas um forte Leão, com pouca gente,
A multidão tão fera como néscia
Destruindo, castiga e torna fraca.
Pois, ó ninfas, cantai! que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grécia,
O nobre Leonis fez em Malaca!

---

(1) Era filho de D. Manuel Pereira, Conde da Feira, e defendeu Malaca contra o rei de Achém, em 1568.

92

Ao segundo conde de Redondo, D. João Coutinho (1)

Dos ilustres antigos que deixaram
Tal nome que igualou fama à memória,
Ficou por luz do tempo a larga história
Dos feitos em que mais se assinalaram.
Se se com cousas destes cotejaram
Mil vossas, cada ũa tão notória,
Vencera a menor delas a mor glória
Que eles em tantos anos alcançaram.
A glória sua foi — ninguém lha tome —,
Seguindo cada um vários caminhos,
Estátuas levantando no seu Templo.
Vós, honra portuguesa e dos Coutinhos,
Ilustre Dom João, com melhor nome
A vós encheis de glória, a nós de exemplo.

93

Epitáfio na sepultura de D. Henrique de Meneses, governador da Índia (2)

Esforço grande, igual ao pensamento;
Pensamentos em obras divulgados,
E não em peito tímido encerrados
E desfeitos depois em chuva e vento;

---

(1) Em mais de um poema o Poeta se refere ao espirituoso fidalgo que foi o 2.º Conde de Redondo, Capitão de Arzila, Vice-Rei da Índia, D. João Coutinho.

(2) O governador da Índia tinha morrido em 1526. A que título escreveria o Poeta este epitáfio, tão longo tempo depois da sua morte, e insistindo sobre pormenores que não podia conhecer pessoalmente? Será o soneto de Camões? Será consagrado a D. Henrique de Meneses?

Ânimo da cobiça baixa isento,
Dino por isso só de altos estados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Povos do Malabar sanguinolento;
Gentileza de membros corporais,
Ornados de pudica continência,
Obra por certo rara da Natura:
Estas virtudes e outras muitas mais,
Dinas todas da homérica eloquência,
Jazem debaixo desta sepultura.

94

Aquela que, de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança,
Por ũa breve e súbita mudança,
Contrária a sua honra e qualidade;
Venceu à formosura a honestidade,
Venceu no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De si, da gente e do mundo esquecida,
Feriu com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue a força do tirano.
Estranha ousadia! estranho feito!
Que, dando morte breve ao corpo humano,
Tenha sua memória larga vida!

11-21. O Poeta refere-se a Lucrécia, dama romana, mulher de Tarquínio Colatino, a qual se suicidou por ter sido ultrajada por Sexto, filho de Tarquínio o Soberbo, facto que determinou a reacção que levou à implantação da república em Roma.

95

Os vestidos Elisa revolvia
Que lhe Eneias deixara por memória,
Doces despojos da passada glória,
Doces, quando seu Fado o consentia.
Entre eles a fermosa espada via
Que instrumento foi da triste história;
E, como quem de si tinha a vitória,
Falando só com ela, assi dizia:
— Fermosa e nova espada, se ficaste
Só pera executares os enganos
De quem te quis deixar, em minha vida,
Sabe que tu comigo te enganaste;
Que, pera me tirar de tantos danos,
Sobeja-me a tristeza da partida.

96

Verdade, amor, rezão, merecimento
Qualquer alma farão segura e forte,
Porém, fortuna, caso, tempo e sorte
Têm do confuso mundo o regimento.
Efeitos mil resolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte;
Mas sabe que o que é mais que vida e morte
Que não o alcança humano entendimento.

---

1. *Elisa* ou *Dido*, fundadora e rainha de Cartago. *Eneias*, que ali aportou depois de um naufrágio, no regresso de Tróia, despertou-lhe a paixão que a levou ao suicídio, quando o amante retirou para a Itália. É um dos episódios da *Eneida*, de Virgílio.

Doutos varões darão rezões subidas,
Mas são experiências mais provadas,
E por isto é melhor ter muito visto.
Cousas há i que passam sem ser cridas,
E cousas cridas há sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

97

Com grandes esperanças já cantei,
Com que os deuses no Olimpo conquistara;
Depois vim a chorar porque cantara
E agora choro já, porque chorei.
Se cuido nas passadas que já dei,
Custa-me esta lembrança só tão cara,
Que a dor de ver as mágoas que passara,
Tenho pela mor mágoa que passei.
Pois logo, se está claro que um tormento
Dá causa que outro na alma se acrescente,
Já nunca posso ter contentamento.
Mas esta fantesia se me mente?
Oh! ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente?

Soneto 97. Este e os três seguintes sonetos, inclusos na edição das *Rimas*, ainda em vida de Diogo Bernardes, foram pelo P.e Pedro Ribeiro atribuídos a este poeta, no seu *Índice*. Posto que isto abale a segurança de que sejam de Camões, não deixa esta hipótese de ter probabilidades, visto que nem Bernardes os incluiu na sua obra, nem consta que reclamasse contra a atribuição que o defraudava. Por isso aqui os inserimos como aliás o fazem as edições mais modernas.

98

Despois que quis Amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartiu,
Entregou-me à Fortuna, porque viu
Que não tinha mais mal que em mim mostrasse.
Ela, por que do Amor se avantajasse
No tormento que o Céu me permitiu,
O que pera ninguém se consentiu,
Pera mim só mandou que se inventasse.
Eis-me aqui vou com vário som gritando,
Copioso exemplário pera a gente
Que destes dois tiranos é sujeita,
Desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que deste tão pequeno está contente!

99

Bem sei, Amor, que é certo o que receio;
Mas tu, porque com isso mais te apuras,
De manhoso mo negas e mo juras
No teu dourado arco; e eu to creio.
A mão tenho metida no meu seio
E não vejo os meus danos, às escuras;
Porém perfias tanto e me asseguras,
Que me digo que minto e que me enleio.
Não sòmente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço, e a mim me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano.
Oh! poderoso mal a que me entrego!
Que, no meio do justo desengano,
Me possa inda cegar um Moço cego!

---

19. *Teu seio* — ed. 1598.
21. *E tu contudo tanto me asseguras* — ed. 1598.

100

Quem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha
Que, despois de perder um bem que tinha,
Não sabe mais que cousa é ser contente!
Quem fosse apartando-se da gente,
Ela por companheira e por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
E eu a ela o pesar que tanto sente!
Ditosa ave! que ao menos, se a Natura
A seu primeiro bem não dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste quem de longe quis ventura,
Que pera respirar, lhe falte o vento,
E pera tudo, enfim, lhe falte o mundo!

SONETOS DA EDIÇÃO DE 1616, ORGANIZADA POR DOMINGOS FERNANDES

101

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado;
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lágrimas criando.
Cantei; mas se me alguém pergunta quando,
Não sei; que também fui nisso enganado.
É tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledo estou julgando.
Fizeram-me cantar, manhosamente,
Contentamentos não, mas confianças;
Cantava, mas já era ao som dos ferros.
De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças,
Onde a Fortuna injusta é mais que os erros?

102

Por sua ninfa, Céfalo deixava
A Aurora, que por ele se perdia,
Posto que dá princípio ao claro dia,
Posto que as roxas flores imitava.

Soneto 102. A Mitologia conta assim mesmo o caso. Apenas acrescenta que a reconciliação entre os esposos se fez, e que *Pócris* foi morta por uma seta do marido, que disparou julgando-lhe o vulto um animal, quando ela se ocultava para lhe vigiar a fidelidade.

Ele, que a bela Prócris tanto amava
Que só por ela tudo enjeitaria,
Deseja de atentar se lhe acharia
Tão firme fé como ela nele achava.
Mudado o trajo, tece um duro engano:
Outro se finge, preço põe diante;
Quebra-se a fé mudável — e consente.
Oh! engenho sutil pera seu dano!
Vede que manhas busca um cego amante,
Pera que sempre seja descontente!

103

Sentindo-se tomada a bela esposa
De Céfalo, no crime consentido,
Pera os montes fugia do marido
E não sei se de astuta ou vergonha.
Porque ele, enfim, sofrendo a dor ciosa,
De amor cego e forçoso compelido,
Após ela se vai como perdido,
Já perdoando a culpa criminosa.
Deita-se aos pés da ninfa endurecida,
Que do cioso engano está agravada;
Já lhe pede perdão, já pede a vida.
Oh! força da afeição desatinada!
Que, da culpa contra ele cometida,
Perdão pedia à parte que é culpada!

104

O céu, a terra, o vento sossegado...
As ondas, que se estendem pela areia...
Os peixes, que no mar o sono enfreia...
O nocturno silêncio repousado...

---

18. *Perdendo*, ed. de 1616.

O pescador Anónio, que, deitado
Onde co vento a água se meneia,
Chorando, o nome amado em vão nomeia,
Que não pode ser mais que nomeado:
— Ondas — dezia — antes que Amor me mate,
Tornai-me a minha Ninfa, que tão cedo
Me fizestes à morte estar sujeita.
Ninguém lhe fala; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

105

Despois que viu Cibele o corpo humano
Do fermoso Átis seu verde pinheiro,
Em piadade o vão furor primeiro
Convertido, chorou seu grave dano.
E, fazendo a sua dor ilustre engano,
A Júpiter pediu que o verdadeiro
Preço da nobre palma e do loureiro
Ao seu pinheiro desse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso
Que as estrelas, subindo, tocar possa,
Vendo os segredos lá do céu superno.
Oh! ditoso pinheiro! Oh! mais ditoso
Quem se vir coroar da folha vossa,
Cantando à vossa sombra verso eterno!

106

O filho de Latona esclarecido,
Que com seu raio alegra a humana gente,
Ó hórrido Fiton, brava serpente
Matou, sendo das gentes tão temido.
Feriu com arco e de arco foi ferido,
Com ponta aguda de ouro reluzente;
Nas tessálicas praias, docemente,
Pela ninfa Peneia andou perdido.
Não lhe pôde valer pera seu dano
Ciência, diligências, nem respeito
De ser alto, celeste e soberano.
Se este nunca alcançou nem um engano
De quem era tão pouco em seu respeito,
Eu que espero de um ser que é mais que humano?

107

Que modo tão sutil da Natureza,
Pera fugir ao mundo e seus enganos,
Permite que se esconda em tenros anos
Debaixo de um burel tanta beleza!
Mas enconder-se não pode aquela alteza
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos
Resistência não sinto, ou fortaleza.

---

1. *Apolo*. A serpente *Fiton* que matou era a que lhe perseguira a Mãe, por ciúmes de *Juno*, causados por seus amores com *Júpiter*, pai de Apolo. A ninfa *Peneia*, filha de *Peneu*, é *Dafne*, a quem *Apolo* metamorfoseou em loureiro, por fugir às suas instâncias.

Quem quer livre ficar de dor e pena,
Vendo-a ou trazendo-a na memória,
Na mesma razão sua se condena.
Porque quem mereceu ver tanta glória
Cativo há-de ficar, que Amor ordena
Que de juro tenha ela esta vitória.

108

Senhor João Lopes, o meu baixo estado
Ontem vi posto em grau tão excelente,
Que vós que sois inveja a toda a gente,
Só por mim vos quiséreis ver trocado.
Vi o gesto suave e delicado,
Que já vos fez contente e descontente,
Lançar ao vento a voz tão docemente,
Que fez o ar sereno e sossegado.
Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguém diria em muitas; eu só, cego,
Magoado fiquei na doce fala.
Mas mal haja a Fortuna e o Moço cego!
Um, porque os corações obriga a tanto;
Outra, porque os estados desiguala.

109

Na desesperação já repousava
O peito longamente magoado,
E, com seu dano eterno concertado,
Já não temia, já não desejava;

---

7. Trata-se de João Lopes Leitão, o mesmo por duas vezes citado nas *Redondilhas*, (págs. 82 e 90).

Quando ũa sombra vã me assegurava
Que algum bem me podia estar guardado
Em tão fermosa imagem, que o treslado
Na alma ficou, que nela se enlevava.
Que crédito que dá tão fàcilmente
O coração àquilo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!
Ah! deixem-me enganar, que eu sou contente;
Que, posto que maior meu dano seja,
Fica-me a glória já do que imagino.

110

Presença bela, angélica figura,
Em quem quanto o Céu tinha nos tem dado;
Gesto alegre, de rosas semeado,
Entre as quais se está rindo a Fermosura;
Olhos onde tem feito tal mistura
Em cristal branco o preto marchetado,
Que vemos já no verde delicado
Não esperanças, mas enveja escura;
Brandura, aviso e graça, que aumentando
A natural beleza cum desprezo,
Com que, mais desprezada, mais se aumenta:
São as prisões de um coração que, preso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a sereia na tormenta.

111

Diversos dões reparte o Céu benino
E quer que cada ũa um só possua;
Assi ornou de casto peito a Lua,
Ornamento do assento cristalino;

De graça, a mãe fermosa do menino,
Que nessa vista tem perdido a sua;
Palas, de discrição, que imite a tua;
De valor Juno, só de império dino.
Mas junto agora o mesmo Céu derrama
Em ti o mais que tinha, e foi o menos,
Em respeito do Autor da Natureza;
Que, a seu pesar, te dão, fermosa Dama,
Diana honestidade e graça Vénus,
Palas aviso seu, Juno a nobreza.

112

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
Natureza de leite e sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgíneas faces imitando;
Nunca do vento a ira, que arrancando
Os troncos vão, o teu injúria sinta;
Nem por malícia de ar te seja extinta
A cor que está teu fruito debuxando,
Que pois me emprestas doce e idóneo abrigo
A meu contentamento, e favoreces
Com teu suave cheiro minha glória,
Se não te celebrar como mereces,
Cantando-te, sequer farei contigo
Doce, nos casos tristes, a memória.

113

Gentil Senhora, se a Fortuna imiga,
Que contra mim com todo o Céu conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Por que em mais graves casos me persiga,

---

4. *De valor junto...*, ed. de 1616.
15. Na ed. de 1598 — *Nunca da ira e do vento...*, o que é certamente erro do copista ou tipógrafo.

Comigo levo esta alma, que se obriga,
Na mor pressa de mar, de fogo, de ira,
A dar-vos a memória que suspira
Só por fazer convosco eterna liga.
Nesta alma, onde a Fortuna pode pouco,
Tão viva vos terei, que frio e fome
Vos não possam tirar,nem mais perigos.
Antes, com som da voz trémulo e rouco
Por vós chamando, só com vosso nome
Farei fugir os ventos e os imigos.

114

Por cima destas águas, forte e firme,
Irei por onde as sortes o ordenaram,
Pois por cima de quantas me choraram
Aqueles claros olhos pude vir-me.
Já chegado era o fim de despedir-me;
Já mil impedimentos se acabaram,
Quando rios de amor se atravessaram
A me impedir o passo de partir-me.
Passei-os eu com ânimo obstinado,
Com que a morte forçada e gloriosa
Faz o vencido já desesperado.
Em que figura, ou gesto desusado,
Pode já fazer medo a morte irosa
A quem tem a seus pés rendido e atado?

115

Tal mostra dá de si vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças e o poder da Natureza
Com sua claridade mais apura.

---

9. *Bradando por vós...*, ed de 1616.

Quem viu ũa confiança tão segura,
Tão singular esmalte da beleza,
Que não padeça mais, se ter defesa
Contra vossa gentil vista procura?
Eu, pois, por escusar essa esquivança,
A razão sujeitei ao pensamento,
Que rendida os sentidos lhe entregaram.
Se vos ofende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas relíquias da vida que escaparam.

116

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
Mas, porque assim o pedia o coração,
Quis Amor ser vencido da Razão.
Ora que caso pode haver maior!
Novo modo de morte e nova dor!
Estranheza de grande admiração,
Que perde suas forças a afeição,
Por que não perca a pena o seu rigor!
Pois nunca houve fraqueza no querer,
Mas antes muito mais se esforça assim
Um contrário com outro por vencer.
Mas a Razão, que a luta vence, enfim,
Não creio que é Razão; mas há-de ser
Inclinação que eu tenho contra mim.

---

18. *Porque não perca a pena a cada um*, ed. de 1598. O exemplar dos Reservados da B. N. traz a correcção manuscrita.

117

Seguia aquele fogo, que o guiava,
Leandro, contra o mar e contra o vento;
As forças lhe faltavam já, e o alento;
Amor lhos refazia e renovava.
Despois que viu que a alma lhe faltava,
Não esmorece, mas, no pensamento,
Que a língua já não pode, seu intento
Ao mar que lho cumprisse, encomendava.
— Ó mar — dizia o moço só consigo —
Já te não peço a vida; só queria
Que a de Hero me salvasses; não me veja.
Este meu corpo morto lá o desvia
Daquela torre. Sê-me nisto amigo,
Pois no meu maior bem me houveste enveja!

118

Coitado! que em um tempo choro e rio;
Espero e temo, quero e aborreço;
Juntamente me alegro e entristeço;
De ũa cousa confio e desconfio.
Avoo sem asas; estou cego e guio;
E no que valho mais menos mereço
Calo e dou vozes, falo e emudeço,
Nada me contradiz, e eu aporfio.

Soneto 117. Este soneto foi tema corrente no Renascimento. Fora Marcial que o tratara num madrigal, mas Camões deve-o ter conhecido através de Garcilaso ou Boscan. O episódio mitológico é situado no Helesponto.

Soneto 118. Este soneto é estudado por D. Carolina Michaëlis no *Revue Hispanique*. VII ano, pág. 98. Correu em língua espanhola, mas pode ser tradução do original camoniano.

15. Na 1.ª edição: ...*que em algum tempo*...
16. Na mesma: *Espero, temo e quero e aborreço;*
21. Na mesma: *Calando*...

Qu'ria, se ser pudesse, o impossível;
Qu'ria poder mudar-me, e estar quedo;
Usar de liberdade, e ser cativo;
Queria que visto fosse, e invisível;
Qu'ria desenredar-me, e mais me enredo:
Tais os extremos em que triste vivo!

119

Vós outros, que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercícios;
A quem, vendo do mundo os benefícios,
O regimento seu está encoberto;
Dedicai, se quereis, ao Desconcerto
Novas honras e cegos sacrifícios;
Que, por castigo igual de antigos vícios,
Quer Deus que andem as cousas por acerto
Não caiu neste modo de castigo
Quem pôs culpa à Fortuna, quem sòmente
Crê que acontecimentos há no Mundo.
A grande experiência é grão perigo;
Mas o que a Deus é justo e evidente
Parece injusto aos homens, e profundo.

120

Cá nesta Babilónia, donde mana
Matéria a quanto mal o mundo cria,
Cá onde o puro Amor não tem valia,
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

---

6. Na 1.ª ed.: *Tais os extremos são...*

21. Babilónia para o Poeta é Goa. Este soneto lembra o poema *Sôbolos rio que vão,* que vem inserto a pág. 101 deste volume.

Cá, onde o mal se afina e o bem se dana,
E pode mais que a honra a tirania;
Cá, onde a errada e cega Monarquia
Cuida que um nome vão a Deus engana;
Cá neste labirinto, onde a nobreza,
Com esforço e saber pedindo vão
Às portas da cobiça e da vileza;
Cá neste escuro caos de confusão,
Comprindo o curso estou da Natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

121

Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que pera mim bastava amor sòmente.
Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.
Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa [a] que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Génio de vinganças!

122

Dos Céus à Terra desce a mor Beleza,
Une-se à nossa carne e fá-la nobre;
E sendo a humanidade dantes pobre,
Hoje subida fica à mor alteza.

Busca o Senhor mais rico a mor pobreza;
Que como ao mundo o seu amor descobre,
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por elas o mesmo Céu despreza.
Como? Deus em pobreza à terra desce?
O que é mais pobre tanto lhe contenta,
Que este sòmente rico lhe parece.
Pobreza este Presépio representa;
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quanto mais o é, mais lhe contenta.

123

A Morte que da Vida o nó desata
Os nós que dá o Amor cortar quisera
Coa ausência, que é contra ele espada fera.
E co tempo, que tudo desbarata.
Duas contrárias, que ũa a outra mata,
A morte contra o Amor ajunta e altera:
Ũa é Razão contra a Fortuna austera;
Outra, contra a Razão Fortuna ingrata.
Mas mostre a sua imperial potência
A Morte em apartar de um corpo a alma,
Duas num corpo o Amor ajunte e una,
Por que assi leve triunfante a palma
Amor da Morte, apesar da ausência,
Do tempo, da Razão e da Fortuna.

---

11. Na ed. de 1616. *Amor*, em vez de *A Morte*. — O exemplar da Biblioteca Nacional está corrigido à pena para *A Morte*.

13. Na mesma ed. *Na ausência* ...

124

Delgadas, claras águas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Adonde a falsa e pérfida esperança,
Longo tempo após si me trouxe cego:
De vós me aparto, mas porém não nego
Que a memória que de vós me alcança
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego.
Não quero de meus males outra glória
Senão que lhe mostreis em vossas águas
As dos meus olhos, com que os seus se banhem.
Já pode ser que com minha memória,
Vendo meus males, vendo minhas mágoas,
As suas com as minhas se acompanhem.

125

Correm turvas as águas deste rio
Que as do céu e as do monte as enturbaram;
Os campos florescidos se secaram;
Intratável se fez o vale, e frio.
Passou o V'rão, passou o ardente Estio;
Ũas cousas por outras se trocaram;
Os fementidos Fados já deixaram
Do mundo o regimento ou desvario.

Soneto 124. Este soneto e os três seguintes estão nas mesmas condições que os 97 a 100. Atribui-os o P.e Pedro Ribeiro a Diogo Bernardes.

8. Na ed. de 1616 ocorre *não me achego*, o que deve ser erro.

19. Vid. nota de pág. 123.

Tem o tempo sua ordem já sabida;
O mundo não; mas anda tão confuso,
Que parece que dele Deus se esquece.
Casos, opiniões, natura e uso
Fazem que nos pareça desta vida
Que não há nela mais que o que parece.

126

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homens apartado,
E dos tratos humanos esquecido.
Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quase que sobre ele ando dobrado,
Tenho por baixo, rústico, enganado
Quem não é com meu mal engrandecido.
Vá revolvendo a terra, o mar e o vento,
Busque riquezas, honras a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma;
Que eu só em humilde estado me contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso fermoso gesto dentro na alma.

---

15. Ed. de 1616 — *Vão...*
16. Na mesma ed. *Buscam.*

127

Cantando estava um dia bem seguro,
Quando, passando, Sílvio me dezia
(Sílvio, pastor antigo, que sabia
Por o canto das aves o futuro):
— Méris, quando quiser o Fado escuro,
A oprimir-te virão em um só dia
Dous lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro.
Bem foi assi; porque um me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava;
E outro, por meu dano, me matou
A cordeira gentil que eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha!

SONETOS DA EDIÇÃO DE 1668, ORGANIZADA POR D. ANTÓNIO ÁLVARES DA CUNHA.

128

Vós que escutais em rimas derramado
Dos suspiros o som que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro, em parte do que sou mudado;
Sabei que busca só do já cantado
No tempo em que ou temia ou esperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piadade, e não perdão, o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho sentimento
Só me rendeu ser fábula da gente
(Do que comigo mesmo me envergonho),
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheçam claramente
Que quanto ao mundo apraz é breve sonho.

129

Moradoras gentis e delicadas
Do claro e áureo Tejo, que metidas
Estais em suas grutas escondidas,
E com doce repouso sossegadas;
Agora estais de amores inflamadas,
Nos cristalinos paços entretidas;
Agora no exercício embevecidas
Das telas de ouro puro matizadas;

Soneto 129. Este soneto é traduzido de Garcilaso.

Movei dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos belos, consentindo
Que lágrimas derramem de tristura.
E assi, com dor mais própria ireis ouvindo
As queixas que derramo da Ventura,
Que com penas de Amor me vai seguindo.

130

Enquanto Febo os montes acendia,
Do Céu com luminosa claridade,
Por evitar do ócio a castidade,
Na caça o tempo Délia despendia.
Vénus, que então de furto descendia
Por cativar de Anquises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quase zombando dela, lhe dezia:
— Tu vais com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredam o sentido.
— Milhor é — respondia a deusa pura —
Nas redes leves cervos ir tomando
Que tomar-te a ti nelas teu marido.

---

9. Acautelar contra o ócio.

10. *Délia* é o sobrenome de *Diana*, por ter nascido na ilha de *Delos*. Esta era a deusa da caça, que permanentemente a ocupava.

12. *Anquises*, príncipe troiano, casado a ocultas com *Vénus*.

20. *Vulcano*, marido de *Vénus*, tendo-a surpreendido nos braços de *Marte*, deus da guerra, teceu em torno dos amantes rede invisível que os prendeu, para espectáculo dos deuses, que o deus ultrajado foi chamar.

131

Não vás ao monte, Nise, com teu gado,
Que eu lá vi que Cupido te buscava;
Por ti sòmente a todos perguntava,
No gesto menos plácido que irado.
Ele publica, enfim, que lhe hás roubado
Os melhores farpões da sua aljava;
E com um dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado.
Fuge de ver-te lá nesta aventura,
Porque, se contra ti o tens iroso,
Pode ser que te alcance com mão dura.
Mas ai! que em vão te advirto temeroso,
Se à tua incomparável fermosura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

132

A violeta mais bela que amanhece
No vale, por esmalte da verdura,
Com seu pálido lustre e fermosura,
Por mais bela, Violante, te obedece.
Perguntas-me porquê? Porque aparece
Em ti seu nome e sua cor mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais floresce.
Oh luminosa flor, oh Sol mais claro,
Único roubador de meu sentido,
Não permitas que Amor me seja avaro!
Oh penetrante seta de Cupido,
Que queres? Que te peça, por reparo,
Ser, neste vale, Eneias desta Dido?

133

De quantas graças tinha, a Natureza
Fez um belo e riquíssimo tesouro,
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza.
Pôs na boca os rubis, e na pureza
Do belo rostro as rosas, por quem mouro;
No cabelo o valor do metal louro;
No peito a neve em que a alma tenho accsa.
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez deles um sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Enfim, Senhora, em vossa compostura
Ela a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

134

Tornai essa brancura à alva açucena,
E essa purpúrea cor às puras rosas;
Tornai ao sol as chamas luminosas
Dessa vista que a roubos vos condena.
Tornai à suavíssima sirena
Dessa voz as cadências deleitosas;
Tornai a graça às Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena;

Soneto 134. Circula um soneto em espanhol contemporâneo deste e tão parecido, que um deles é tradução do outro. Qual o original? Escreveu-os o Poeta a ambos? Vid. Juromenha *Obras de Camões*, 2.º volume., pág. 439.

Tornai à bela Vénus a beleza;
A Minerva o saber, o engenho e arte;
E a pureza à castíssima Diana.
Despojai-vos de toda essa grandeza
De dões; e ficareis em toda a parte
Convosco mesma, que é só ser inumana.

135

Orfeu enamorado que tañía
Por la perdida ninfa, que buscaba,
En el Orco implacable donde estaba,
Con la arpa y con la voz le enternecía.
La rueda de Ixión no se movía,
Ningún atormentado se quejaba,
Las penas de los otros ablandaba,
Y todas las de todos él sentía.
El son pudo obligar de tal manera,
Que, en dulce galardón de lo cantado,
Los infernales Reyes, condolidos,
Le mandaron volver su compañera,
Y volvióla á perder lo desdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.

---

6. *Convosco só* ed. de 1668.

9. É o deus do Inferno (o mesmo que *Plutão*). Camões designa por este nome o mesmo Inferno.

11. *Nuda* por *rueda* na ed. de 1668. Por tentar corromper *Juno*, mulher de *Júpiter*, este precipitou-o no Inferno, onde foi ligado com serpentes a uma roda em incessante movimento.

14. Eis a imagem do verdadeiro poeta — sentindo as dores do mundo, dá-lhes a expressão rítmica que as alivia.

136

*V*encido está de amor
O mais que pode ser
*S*ujeita a vos servir e
*O*ferecendo tudo
*C*ontente deste bem,
*O*u hora em que se viu
*M*il vezes desejando
*O*utra vez renovar
*C*om esta pretensão
A causa que me guia
*T*ão sobrenatural,
*J*urando não seguir
*V*otando só por vós
*O*u ser no vosso amor
*M*eu pensamento,
*V*encida a vida,
*I*nstituída,
A vosso intento.
*L*ouva o momento
*T*ão bem perdida;
A tal ferida,
*S*eu perdimento.
*E*stá segura
*N*esta empresa,
*H*onrosa e alta,
*O*utra ventura,
*R*ara firmeza,
*A*chado em falta.

137

Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra do seu doce pensamento,
Tais queixas espalhava ao leve vento,
Cum brando suspirar da alma saído.
— A quem me queixarei, cego, perdido,
Pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem falo? A quem digo meu tormento,
Que onde mais chamo, sou menos ouvido?

---

9. *Essa* ed. de 1668.

14. Muitas edições para tornar este verso mais inteligível, apresentam a lição :*Sem ser...* em vez de *Ou ser...* Esta última é imposta pelo duplo acróstico — *Vos* [*s*] *o como cativo, Mui alta senhora* — e não ofende a lógica, se entendermos a frase em sentido dilemático: *votando...* ou [*de contrário*] *ser no vosso amor...*

Oh! bela Ninfa, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto me encareces?
Porque queres que sempre me querele?
— Eu quanto mais te busco, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assi que co mal cresce a causa dele,

138

Este amor que vos tenho, limpo e puro,
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Tê-lo dentro nesta alma só procuro.
De haver nele mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso ou duro Fado,
Nem o supremo bem ou baixo estado,
Nem o tempo presente nem futuro.
A bonina e a flor asinha passa;
Tudo por terra o Inverno e Estio deita;
Só pera meu amor é sempre Maio.
Mas ver-vos pera mim, Senhora, escassa,
E que essa ingratidão tudo me enjeita,
Traz este meu amor sempre em desmaio.

139

Quem presumir, Senhora, de louvar-vos
Com humano saber, e não divino,
Ficará de tamanha culpa dino
Quamanha ficais sendo em contemplar-vos.
Não pretenda ninguém de louvor dar-vos,
Por mais que raro seja, e peregrino:
Que vossa fermosura eu imagino
Que Deus a ele só quis comparar-vos.

---

4. *Mais te vejo* — ed. 1668.

Ditosa esta alma vossa, que quisestes
Em posse pôr de prenda tão subida,
Como, Senhora, foi a que me destes.
Milhor a guardarei que a própria vida;
Que, pois mercê tamanha me fizestes,
De mim será jamais nunca esquecida.

140

Dizei, Senhora, da Beleza ideia:
Pera fazerdes esse áureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino?
De que escondida mina ou de que veia?
Dos vossos olhos essa luz febeia,
Esse respeito, de um império dino,
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medeia?
De que escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas, orientais
Que, falando, mostrais no doce riso?
Pois vos formastes tal como quisestes,
Vigiai-vos de vós, não vos vejais;
Fugi das fontes: lembre-vos Narciso.

---

7. Platão concebia, para além do *mundo sensível, o mundo intelegível,* onde habitavam as ideias que projectadas no primeiro davam, truncadas, as realidades que o povoam. Ser *ideia de beleza* é ser a *mesma beleza* e não apenas uma mulher em quem ela se reflecte.

14. É, na mitologia grega, uma grande feiticeira, mulher de *Jasão*.

20. Segundo a mitologia, era tão formoso, que de si próprio ficou enamorado, quando, ao voltar da caça, se mirou numa fonte.

141

El vaso reluziente y cristalino,
De Ángeles agua clara y olorosa,
De blanca seda ornado y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino,
Bien claro parecía el don divino
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca ninfa, graciosa
Más que el rubio luzero matutino.
Nel vaso vuestro corpo se afigura,
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua — vuestra anima pura;
La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones y la ligadura
Con que mi libertad fue asida dellos.

142

Pues lagrimas tratais, mis ojos tristes,
Y en lagrimas pasais la noche y dia,
Mirad si es llanto este que os envia
Aquella por quien vos tantas vertistes.
Sentid, mis ojos bien esta que vistes;
Y si ella lo es, oh gran ventura mia!
Por muy bien empleados los habria
Mil cuentos que por esta sola distes.
Mas una cosa mucho deseada,
Aunque se vea cierta, no es creida,
Cuanto más esta, que me es enviada.
Pero digo, aunque sea fingida,
Que basta que por lagrima sea dada,
Porque sea por lagrima tenida.

143

A fermosura desta fresca serra
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;
O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra;
Enfim, tudo o que a rara Natureza
Com tanta variedade nos of'rece,
Me está, se não te vejo, magoando.
Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
Sem ti, perpètuamente estou passando
Nas mores alegrias mor tristeza.

144

Senhora já desta alma, perdoai
De um vencido de Amor os desatinos,
E sejam vossos olhos tão beninos
Com este puro amor, que da alma sai.
A minha pura fé sòmente olhai,
E vede meus extremos se são finos;
E, se de algũa pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.

Soneto 143. Nota Lord Beckford que este soneto lhe foi recitado por Bocage, que dele dizia, comovido de entusiasmo: «Foi este soneto que me fez poeta».

Não seja a dor que abrasa o triste peito
Causa por onde pene o coração,
Que tanto em firme amor vos é sujeito.
Guardai-vos do que alguns, Dama, dirão
— Que, sendo raro em tudo vosso objeito.
Possa morar em vós ingratidão.

145

Olhos fermosos, em quem quis Natura
Mostrar do seu poder altos sinais,
Se quiserdes saber quanto possais,
Vede-me a mim, que sou vossa feitura.
Pintada em mim se vê vossa figura,
No que eu padeço retratada estais;
Que, se eu passo tormentos desiguais,
Muito mais pode vossa fermosura.
De mim não quero mais que o meu desejo;
Ser vosso, e só de ser vosso me arreio,
Por que o vosso penhor em mim se assele.
Não me lembro de mim, quando vos vejo,
Nem do mundo; e não erro, porque creio
Que, em lembrar-me de vós, cumpro com ele.

146

Num tão alto lugar, de tanto preço,
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfalece nele inda o desejo,
Vendo quanto por mim o desmereço.
Quando esta tal baixeza em mim conheço,
Acho que cuidar nele é grão despejo,
E que morrer por ele me é sobejo
E mor bem pera mim do que mereço.

O mais que natural merecimento
De quem me causa um mal tão duro e forte
O faz que vá crescendo de hora em hora.
Mas eu não deixarei meu pensamento,
Porque, inda que este mal me cause a morte,
Un bel morir tutta la vita onora.

147

Crescei, desejo meu, pois que a Ventura
Já vos tem nos seus braços levantado;
Que a bela causa de que sois gerado
O mais ditoso fim vos assegura.
Se aspirais por ousado a tanta altura,
Não vos espante haver ao Sol chegado;
Porque é de águia real vosso cuidado,
Que quanto mais o sofre, mais se apura.
Ânimo, coração! que o pensamento
Te pode inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.
Que cresças inda mais é já forçoso,
Porque, se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido é venturoso.

---

6. É um verso de Petrarca.

Soneto 147. Este soneto foi publicado anónimo na *Miscelânea*, de Leitão de Andrade, mas como de Camões na ed. de 1668. Inserimo-lo, porque não se lhe conhece outra atribuição.

148

Nunca em amor danou o atrevimento;
Favorece a Fortuna a ousadia;
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A estrela nele encontra que lhe é guia;
Que o bem que encerra em si a fantesia
São ũas ilusões que leva o vento.
Abrir-se devem passos à ventura;
Sem si próprio ninguém será ditoso;
Os princípios sòmente a sorte os move.
Atrever-se é valor e não loucura;
Perderá por covarde o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.

149

Criou a Natureza damas belas,
Que foram de altos plectros celebradas;
Delas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor delas.
Elas, diante vós, são as estrelas,
Que ficam, com os ver, logo eclipsadas.
Mas, se elas têm por Sol essas rosadas
Luzes de Sol maior, felices elas!

Soneto 148. id. nota anterior, também verdadeira para este soneto.

Em perfeição, em graça e gentileza,
Por um modo entre humanos peregrino,
A todo belo excede essa beleza.
Oh! quem tivera partes de divino
Pera vos merecer! Mas se pureza
De amor vale ante vós, de vós sou dino.

150

Ũa admirável erva se conhece
Que vai ao Sol seguindo, de hora em hora,
Logo que ele do Eufrates se vê fora,
E, quando está mais alto, então floresce.
Mas, quando ao Oceano o carro desce,
Toda a sua beleza perde Flora,
Porque ela se emurchece e se descora;
Tanto coa luz ausente se entristece!
Meu Sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rostro que dá vida,
Cria flores em seu contentamento;
Mas logo em não vos vendo, entristecida
Se murcha e se consume em grão tormento.
Nem há quem vossa ausência sofrer possa.

151

Sustenta meu viver ũa esperança
Derivada de um bem tão desejado,
Que quando nela estou mais confiado,
Mor dúvida me põe qualquer mudança.

---

7. *Erva* por *planta* — o girassol.
11. *O Oceano ao carro desce* ed. 1668.

E quando inda este bem na mor pujança
De seus gostos me tem mais enlevado,
Me atormenta então ver eu que alcançado
Será por quem de vós não tem lembrança.
Assi que, nestas redes enlaçado,
Apenas dou a vida, sustentando
Ũa nova matéria a meu cuidado:
Suspiros de alma tristes arrancando,
Dos silvos dũa pedra acompanhado,
Estou matérias tristes lamentando.

152

Se com desprezos, Ninfa, te parece
Que podes desviar do seu cuidado
Ũm coração constante, que se of'rece
A ter por glória o ser atormentado,
Deixa a tua porfia, e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado,
Pois não sentes, nem vês que em teu mal cresce,
Crescendo em mi, de ti mais desamado.
O esquivo desamor com que me tratas
Converte em piadade, se não queres
Que cresça o meu querer e o teu desgosto.
Vencer-me com cruezas nunca esperes;
Bem me podes matar, e bem me matas;
Mas sempre há-de viver meu pressuposto.

---

21. *Em teu desgosto* ed. 1668.

24. A palavra tem aqui o sentido de *alma*. Inclinação de alma, e, assim, como ela eterna.

153

A chaga que, Senhora, me fizestes,
Não foi pera curar-se em um só dia;
Porque crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes.
De causar tanta dor não vos doestes?
Mas, a doer-vos, dor me não seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vós, que em mim visse, não quisestes.
Os olhos com que todo me roubastes
Foram causa do mal que vou passando;
E vós estais fingindo o não causastes.
Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
Ir-se a minha alma neles abrasando.

154

Quando a suprema dor muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
É força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.
Assi, de erro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano ou fingimento
Dizer que em tal descanso mais se acerta.

---

5. *Vos não doestes* ed. 1668.

Soneto 153. Em um ms. traz a rubrica: *A uma freira das Chagas.*

5-8. Se a amada se doesse da sua dor, esta perderia a razão de ser, pois teria esperança de ver o que ela não queria que ele em si experimentasse — a alegria do amor correspondido.

Porque essa própria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-mo de um certo modo ser presente.
Ditosa é, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa dela em mim se sente
Um bem que, inda sem ver-vos, reconheço.

155

Já claro vejo bem, já bem conheço
Quanto aumentando vou o meu tormento;
Pois sei que fundo em água, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;
Que Aracne sou, pois já com Palas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a um vaso intento,
Aspirando a esse Céu que não mereço.
Quero achar paz em um confuso Inferno;
Na noite, do Sol puro a claridade;
E o suave Verão no duro Inverno.
Busco em luzente Olimpo escuridade,
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

156

Se me vem tanta glória só de olhar-te,
É pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te,
Grã paga de um engano é desejar-te.

---

11. *Que Arancne*, pois ed. 1668.

11. *Aracne* foi metamorfoseada em aranha por *Minerva*, ou *Palas*, com quem quis competir como tecedeira. *Soneto 156*. Vid. nota final.

Se aspiro por quem és a celebrar-te,
Sei certo por quem sou que hei-de ofender-te;
Se mal me quero a mim por bem querer-te,
Que prémio querer posso mais que amar-te?
Porque um tão raro amor não me socorre?
Ó humano tesouro! Ó doce glória!
Ditoso quem à morte por ti corre!
Sempre escrita estarás nesta memória;
E esta alma viverá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha é a vitória.

157

Lembranças, que lembrais meu bem passado,
Pera que sinta mais o mal presente,
Deixai-me, se quereis, viver contente,
Não me deixeis morrer em tal estado.
Mas se também de tudo é ordenado
Viver, como se vê, tão descontente,
Venha, se vier, o bem por acidente,
E dê a morte fim a meu cuidado.
Que muito melhor é perder a vida,
Perdendo-se as lembranças da memória,
Pois fazem tanto dano ao pensamento.
Assi que nada perde quem perdida
A esperança traz de sua glória
Se esta vida há-de ser sempre em tormento.

158

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza;
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora;

---

15. *Está ordenado* ed. 1668.
21. *Pois tanto dano fazem* ed. 1668.

O tempo busca e acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza;
Mas não pode acabar minha tristeza,
Enquanto não quiserdes vós, Senhora.
O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste;
O tempo, a tempestade em grão bonança.
Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena e o prazer desta esperança.

159

Posto me tem Fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder já, de perdido;
Não tenho que mudar já, de mudado.
Todo o bem pera mim é acabado;
Daqui dou o viver já por vivido;
Que, aonde o mal é tão conhecido,
Também o viver mais será 'scusado.
Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convém;
E curarei um mal com outro mal.
E, pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal este só remédio tem,
Não me culpem em querer remédio tal.

9-10. Entenda-se: *Estou certo de que o tempo não abrandará o peito de diamante...*

160

Diana prateada, esclarecida
Com a luz que do claro Febo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho, reluzia.
Cem mil milhões de graças lhe influía,
Quando me apareceu o excelente
Raio de vosso aspecto, diferente
Em graça e em amor do que soía.
Eu, vendo-me tão cheio de favores
E tão propínquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara e a noite escura,
Pois nela destes cor a meus amores;
Donde colijo claro que não posso
De dia pera vós já ter ventura.

161

Se de vosso fermoso e lindo gesto
Nasceram lindas flores pera os olhos,
Que pera o peito são duros abrolhos,
Em mim se vê, mui claro e manifesto,
Pois vossa fermosura e vulto honesto
Em os ver, de boninas vi mil molhos;
Mas se meu coração tivera antolhos,
Não vira em vós seu dano e mal funesto.
Um mal visto por bem, um bem tristonho,
Que me traz elevado o pensamento
Em mil, porém diversas, fantasias.
Nas quais eu sempre ando e sempre sonho,
E vós não cuidais mais que em meu tormento
Em que fundais as vossas alegrias.

---

1. *Diana* é a Lua, na antiga mitologia mitificada em deusa.

22. *O mal funesto* ed. 1668.

162

Doce sonho, suave e soberano,
Se por mais longo tempo me durara!
Ah! quem de sonho tal nunca acordara,
Pois havia de ver tal desengano!
Ah! deleitoso bem! ah! doce engano!
Se por mais largo espaço me enganara!
Se então a vida mísera acabara,
De alegria e prazer morrera ufano,
Ditoso, não estando em mi, pois tive,
Dormindo, o que acordado ter quisera.
Olhai com que me paga meu destino!
Enfim, fora de mim ditoso estive.
Em mentiras ter dita, razão era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

163

Doce contentamento já passado
Em que todo o meu bem já consistia,
Quem vos levou da minha companhia
E me deixou de vós tão apartado?
Quem cuidou que se visse neste estado,
Naquelas breves horas de alegria,
Quando minha ventura consentia
Que de enganos vivesse meu cuidado?
Fortuna minha foi cruel e dura
Aquela que causou meu perdimento,
Com a qual ninguém pode ter cautela.
Nem se engane nenhũa criatura,
Que não pode nenhum impedimento
Fugir do que [lhe] ordena sua estrela.

164

Quando cuido no tempo que contente
Vi as pérolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonhos um tesouro,
Parece tenho tudo aqui presente.
Mas tanto que se passa este acidente
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro
Por que de imaginar também me ausente.
Já foram dias em que por ventura
Vos vi, Senhora, se, assi dizendo, posso
Co coração seguro estar sem medo;
Agora, em tanto mal não mo assegura
A própria fantasia e nojo vosso:
Eu não posso entender este segredo!

165

— Que esperais, esperança? — Desespero.
— Quem disso a causa foi? — Ũa mudança.
— Vós, vida, como estais? — Sem esperança.
— Que dizeis, coração? — Que muito quero.

---

13. Na ed. de 1932 este verso aparece assim modificado:

Da própria fantasia o enojo vosso.

Mas o sentido da frase é suficientemente claro, sem a alteração arbitrária.

— Que sentis, alma, vós? — Que amor é fero.
— E, enfim, como viveis? — Sem confiança.
— Quem vos sustenta, logo? — Ũa lembrança.
— E só nela esperais? — Só nela espero.
— Em que podeis parar? — Nisto em que estou.
— E em que estais vós? — Em acabar a vida.
— E tende-lo por bem? — Saber que sou.
— Quem vos obriga assi? — Saber que sou.
— E quem sois? — Quem de todo está rendida.
— A quem rendida estais? — A um só querer.

166

Quando, Senhora, quis Amor que amasse
Essa grã perfeição e gentileza,
Logo deu por sentença que a crueza
Em vosso peito Amor acrescentasse.
Determinou que nada me apartasse,
Nem disfavor cruel, nem aspereza,
Mas que em minha raríssima firmeza
Vossa isenção cruel se executasse.
E, pois tendes aqui oferecida
Esta alma vossa a vosso sacrifício,
Acabai de fartar vossa vontade.
Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;
Acabará morrendo em seu ofício.
Sua fé defendendo e lealdade.

167

Sempre, cruel Senhora, receei,
Medindo vossa grã desconfiança,
Que desse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei.
Perca-se, enfim, já tudo o que esperei,
Pois noutro amor já tendes esperança.
Tão patente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dei.
Dei-vos a alma, a vida e o sentido;
De tudo o que em mim há vos fiz senhora.
Prometeis e negais o mesmo Amor.
Agora tal estou que, de perdido,
Não sei por onde vou, mas algũa hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

168

Quem pudera julgar de vós, Senhora,
Que com tal fé podia assi perder-vos,
E vir eu por amor a aborrecer-vos?
Que hei-de fazer sem vós sòmente ũa hora?
Deixastes quem vos ama e vos adora,
Tomastes quem quiçá não sabe ver-vos.
Eu fui o que não soube merecer-vos,
E tudo entendo e choro, triste, agora.
Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrar-vos verdadeira,
Inda que clara estava esta verdade.
Em mim viverá ela sempre inteira;
E se pera perder já a vida é tarde,
A morte não fará que vos não queira.

---

25. *Inda que está tão clara* ed. 1668.

169

Chorai, ninfas, os Fados poderosos
Daquela soberana fermosura!
Onde foram parar — na sepultura! —
Aqueles reais olhos graciosos!
Ó bens do mundo, falsos e enganosos!
Que mágoas pera ouvir! Que tal figura
Jaza sem resplandor na terra dura,
Com tal rosto e cabelos tão fermosos!
Das outras que será, pois poder teve
A morte sobre cousa tanto bela
Que ela eclipsava a luz do claro dia?
Mas o mundo não era dino dela,
Por isso mais na terra não esteve;
Ao Céu subiu, que já [se] lhe devia.

170

Ai, inimiga cruel! que apartamento
É este que fazeis da pátria terra?
Quem do paterno ninho vos desterra,
Glória dos olhos, bem do pensamento?
Is tentar da Fortuna o movimento
E dos ventos cruéis a dura guerra?
Ver brenhas de água e o mar feito em serra,
Levantado de um vento e de outro vento?
Mas, já que vós partis sem vos partirdes,
Parta convosco o Céu tanta ventura,
Que seja mor que aquela que esperardes.
E só nesta verdade ide segura:
Que ficam mais saudades com partirdes,
Do que breves desejos de chegardes.

171

Na ribeira de Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pela memória
Aquele breve bem, aquela glória,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.
Da causa de meus males perguntado
Me foi: — Como não cantas a história
De teu passado bem, e da vitória
Que sempre de teu mal hás alcançado?
Não sabes que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta, pois, e não chores dessa sorte.
Respondo com suspiros: — Quando cresce
A muita saudade, o piadoso
Remédio é não cantar senão a morte.

172

Ah! minha Dinamene! assim deixaste
Quem não deixara nunca de querer-te!
Ah! Ninfa minha, já não posso ver-te!
Tão asinha esta vida desprezaste!
Como já para sempre te apartaste
De quem tão longe estava de perder-te?
Puderam estas ondas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?

Soneto 171. Este soneto é inspirado no mesmo salmo bíblico que o poema *Sôbolos rios que ondas vão. Vid.* pág. 101.

15. Vid. nota da pág.213.

15. Assim *duraste* — ed. 1668.

Nem falar-te sòmente a dura Morte
Me deixou, que tão cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste!
Oh mar! oh céu! oh minha escura sorte!
Que pena sentirei valha tanto,
Que inda tenha por pouco viver triste?

173

Fortuna, em mim guardando seu direito,
Em verdade derrubou minha alegria.
Oh! quanto se acabou naquele dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!
Quando contemplo tudo, bem suspeito
Que a tal bem tal descanso se devia,
Por não dizer o mundo que podia
Achar-se em seu engano bem perfeito.
Mas se a Fortuna o fez por descontar-me
Tamanho gosto, em cujo sentimento
A memória não faz senão matar-me,
Que culpa pode dar-me o sofrimento,
Se a causa que ele tem de atormentar-me,
Eu tenho de sofrer o seu tormento?

174

Ah! Fortuna cruel! Ah duros Fados!
Quão asinha em meu dano vos mudastes!
Passou o tempo que me descansastes,
E agora descansais cos meus cuidados.
Deixastes-me sentir os bens passados,
Pera mor dor da dor que me ordenastes;
Então nũa hora juntos mos levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.

---

4. *Escura morte* — ed. 1668.

Ah! Quanto milhor fora não vos ver,
Gostos que assi passais tão de corrida,
Que fico duvidoso se vos vi!
Sem vós já me não fica que perder,
Se não se for esta cansada vida,
Que por mor perda minha não perdi!

175

Se a Fortuna inquieta e mal olhada,
Que a justa lei do Céu consigo infama,
A vida quieta, que ela mais desama,
Me concedera, honesta e repousada,
Pudera ser que a Musa, alevantada
Com luz de mais ardente e viva flama,
Fizera ao Tejo, lá na pátria cama,
Adormecer co som da lira amada.
Porém, pois o destino trabalhoso,
Que me escurece a Musa fraca e lassa,
Louvor de tanto preço não sustenta,
A vossa, de louvar-me pouco escassa,
Outro sujeito busque valeroso,
Tal qual em vós ao mundo se apresenta.

---

13. Deste verso se depreende que o Poeta escreveu o soneto no Ultramar. Responde por ele a versos em que era louvado.

176

A D. Simão da Silveira, em resposta de outro seu, pelos mesmos consoantes, mandando-lhe perguntar quem fora o primeiro poeta que fizera sonetos

De um tão felice engenho, produzido
De outro, que o claro Sol não viu maior,
É trazer cousas altas no sentido,
Todas dinas de espanto e de louvor.
Museu foi antiquíssimo escritor,
Filósofo e poeta conhecido,
Discípulo do músico amador
Que co som teve o Inferno suspendido.
Este pode abalar o monte mudo,
Cantando aquele mal, que eu já passei,
Do mancebo de Abido mal sisudo.
Agora contam já, segundo achei,
Tasso, e o nosso Boscão, que disse tudo
Dos segredos que move o cego Rei.

Soneto 176. Observa com razão Juromenha que o soneto não parece responder à pergunta, pois jamais se disse que Museu fora o criador do soneto.

7. O músico amador é Orfeu. *Vid.* nota da pág. 168.

11. É *Leandro*. *Vid.* o Soneto 111.

13. A referência é a Bernardo Tasso, pai de Torcato. O poema deste último — *Gerusalemme Liberata* — que lhe deu a celebridade, só foi publicado em 1575. Camões imitou versos de B. Tasso. Boscão é o poeta espanhol, amigo de Garcilaso, mais uma vez citado e aproveitado pelo nosso lírico.

177

Já não sinto, Senhora, os desenganos
Com que minha afeição sempre tratastes,
Nem ver o galardão que me negastes,
Merecido por fé, há tantos anos.
A mágoa choro só, só choro os danos
De ver por quem, Senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos.
Dobrada glória dá qualquer vingança
Que o ofendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com cousa justa;
Mas eu de vossos males e esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quisera tanto à vossa custa.

178

Quando se vir com água o fogo arder,
E misturar co dia a noite escura,
E a terra se vir naquela altura
Em que se vêem os céus prevalecer;
O Amor por razão mandado ser
E a todos ser igual nossa ventura,
Com tal mudança vossa fermosura,
Então a poderei deixar de ver.

Soneto 177. Este soneto vem no índice do P.e Pedro Ribeiro atribuído a Bernardes.

Soneto 178. Este soneto, decalcado sobre o XXXVII de Petrarca, foi atribuído a Bernardes pelo índice do P.e Pedro Ribeiro.

Porém, não sendo vista esta mudança
No mundo, como claro está não ver-se,
Não se espere de mim deixar de ver-vos.
Que basta estar em vós minha esperança,
O ganho da minha alma, e o perder-se,
Pera não deixar nunca de querer-vos.

179

Quem vos levou de mim, saudoso estado,
Que tanta sem-razão comigo usastes?
Quem foi por quem tão presto me negastes,
Esquecido de todo o bem passado?
Trocastes-me um descanso em um cuidado
Tão duro, tão cruel qual me ordenastes;
A fé que tínheis dado me negastes,
Quando mais nela estava confiado.
Vivia sem receio deste mal.
Fortuna, que tem tudo à sua mercê,
Amor com desamor me revolveu
Bem sei que neste caso nada vale,
Que quem nasceu chorando, justo é
Que pague com chorar o que perdeu.

SONETOS ACRESCENTADOS PELA EDIÇÃO DE 1685, ORGANIZADA POR FARIA E SOUSA

180

Ilustre Gracia, nombre de una moza,
Primera malhechora, en este caso,
Á Mondoñedo, á Palma, al cojo Traso,
Sugeto digno de imortal coroza;
Si en medio de la iglesia no reboza
El manto á vuestro rostro tan devaso,
Por vos dirán las gentes, recio y paso:
Veis quien con el demonio se retoza;
Puede mover los montes sin trabajo;
Con palabras el curso al água enfrena;
Por las ondas hará camino enjuto.
Averguenza su patrio y rico Tajo,
Que por ellas hombres leva, más que arena.
De que paga al infierno gran tributo.

181

De frescas belvederes rodeadas
Estão as puras águas desta fonte;
Fermosas ninfas lhes estão defronte;
A vencer e a matar acostumadas.
Andam contra Cupido levantadas
As suas graças, que não há quem conte;
Doutro vale esquecidas, doutro monte,
A vida passam neste sossegadas.

Soneto 180. Este soneto imita um de Garcilaso – *Illustre honor del nombre de Cardonna*. É esta Grácia a mesma a quem são consagradas as redondilhas da pág. 151?

O seu poder juntou, sua valia,
Amor, já não sofrendo este desprezo,
Sòmente por se ver delas vingado;
Mas, vendo-as, entendeu que não podia
De ser morto livrar-se, ou de ser preso
— E ficou-se com elas desarmado.

182

Nos braços de um silvano adormecendo
Se estava aquela ninfa que eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foi escurecendo.
Ó bela Vénus! porque estás sofrendo
Que a maior fermosura do teu coro
Em um poder tão vil perca o decoro
Que o mérito maior lhe está devendo?
Eu levarei daqui por pressuposto,
Desta nova estranheza que fizeste,
Que em ti não pode haver cousa segura.
Que, pois o claro lume, o belo rosto
Àquele monstro tão disforme deste,
Não creio que haja Amor, senão Ventura.

183

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel ou rigoroso.

---

15. O mesmo que *suposição*.

Amor é brando, é doce e é piadoso.
Quem o contrário diz não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido,
E aos homens, e inda aos deuses, odioso.
Se males faz Amor, em mi se vêm;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.
Mas todas suas iras são de Amor;
Todos estes seus males são um bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.

184

Onde mereci eu tal pensamento,
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co vencimento?
Em glória se converte o meu tormento,
Quando, vendo-me, estou tão bem perdido;
Pois não foi tanto mal ser atrevido,
Como foi glória o mesmo atrevimento.
Vivo, Senhora, só de contemplar-vos;
E, pois esta alma tenho tão rendida,
Em lágrimas desfeito acabarei.
Porque não me farão deixar de amar-vos
Receios de perder por vós a vida,
Que por vós vezes mil a perderei.

185

Quanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos,
Pois todos vão fazer seus fundamentos
Só no mesmo em que está seu próprio dano!

Na incerta vida estribam de um humano;
Dão crédito a palavras que são ventos;
Choram depois as horas e os momentos
Que riram com mais gosto em todo o ano.
Não haja em aparências confianças;
Entende que o viver é de emprestado;
Que o de que vive o mundo são mudanças.
Mudai, pois, o sentido e o cuidado,
Sòmente amando aquelas esperanças
Que duram pera sempre com o amado.

186

Nem o tremendo estrépito da guerra,
Com armas, com incêndios espantosos,
Que despacham pelouros perigosos,
Bastantes a abalar ũa alta serra,
Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Depois que viu os olhos tão fermosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos
De mi todo se aparta e se desterra.
A vida posso ao fogo e ferro dar,
E perdê-la em qualquer duro perigo,
E nele, como fénix, renovar.
Não pode mal haver pera comigo,
De que eu já me não possa bem livrar,
Senão do que me ordena Amor imigo.

187

Onde acharei lugar tão apartado
E tão isento em tudo da ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?

Algum bosque medonho e carregado,
Ou selva solitária, triste e escura;
Sem fonte clara ou plácida verdura,
Enfim, lugar conforme a meu cuidado?
Porque ali, nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa e livremente;
Que, pois a minha pena é sem medida,
Ali triste serei em dias ledos
E dias tristes me farão contente.

188

Qual tem a borboleta por costume,
Que, enlevada na luz da acesa vela,
Dando vai voltas mil, até que nela
Se queima agora, agora se consume,
Tal eu correndo vou ao vivo lume
Desses olhos gentis, Aónia bela;
E abraso-me, por mais que com cautela
Livrar-me a parte racional presume.
Conheço o muito a que se atreve a vista,
O quanto se levanta o pensamento,
O como vou morrendo claramente;
Porém, não quer Amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer; que em tal tormento,
Qual em glória maior, está contente.

Soneto 188. Soneto traduzido livremente do XCII de Petrarca.

189

Se em mim, ó Alma, vive mais lembrança
Que aquela só da glória de querer-vos,
Eu perca todo o bem que logro em ver-vos,
E de ver-vos também toda a esperança.
Veja-se em mi tão rústica esquivança,
Que possa indino ser de conhecer-vos;
E, quando em mor empenho de aprazer-vos,
Vos ofenda, se em mi houver mudança.
Confirmado estou já nesta certeza;
Examine-me vossa crueldade,
Exprimente-se em mi vossa dureza.
Conhecei já de mi tanta verdade,
Pois, em penhor e fé desta pureza,
Tributo vos fiz ser o que é vontade.

190

Debaixo desta pedra sepultada
Jaz do mundo a mais nobre fermosura,
A quem a Morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida tem roubada,
Sem ter respeito àquela assim estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do Sol a clara luz tinha eclipsada.

Soneto 90. Quem era esta dama? Faria e Sousa, para cuja imaginação não havia mistérios, esforçou-se por demonstrar (?) que era Catarina de Ataíde.

Do Sol peitada foste, cruel Morte,
Pera o livrar de quem o escurecia;
E da Lũa, que ante ela luz não tinha.
Como de tal poder tiveste sorte?
E, se a tiveste, como tão asinha
Tornaste a luz do mundo em terra fria?

191

Alma gentil, que à firme Eternidade
Subsiste clara e valerosamente,
Cá durará de ti perpètuamente
A fama, a glória, o nome e a saudade.
Não sei se é mor espanto em tal idade
Deixar de teu valor inveja à gente,
Se um peito de diamante ou de serpente
Fazeres que se mova a piadade.
Invejosas da tua acho mil sortes,
E a minha mais que todas invejosa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.
Oh! ditoso morrer! sorte ditosa!
Pois o que não se alcança com mil sortes,
Tu com ũa só morte o alcançaste!

192

Ditosas almas, que ambas juntamente
Ao céu de Vénus e de Amor voastes,
Onde um bem que tão breve cá lograstes
Estais logrando agora eternamente;

Soneto 191. É provável que este soneto se refira a D. António de Noronha (*Vid.* nota ao soneto 56).
Soneto 192. Não se sabe a quem é dedicado este soneto.

Aquele estado vosso tão contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente já o trocastes,
Onde sem sobressalto o bem se sente.
Triste de quem cá vive tão cercado,
Na amorosa fineza, de um tormento
Que a glória lhe perturba mais crescida!
Triste, pois me não vale o sofrimento,
E Amor, pera mais dano, me tem dado
Pera tão duro mal, tão larga vida!

193

Ditosa pena, como a mão que a guia
Com tantas perfeições da sutil arte,
Que, quando com razão venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a fantasia.
Porém Amor, que efeitos vários cria,
De ti cantar me manda em toda a parte,
Não em plectro belígero de Marte,
Mas em suave e branda melodia.
Teu nome, Emanuel, de um ao outro pólo
Voando, se levanta e te pregoa,
Agora, que ninguém te levantava.
E porque imortal sejas, eis Apolo
Te oferece de flores a coroa
Que já de longo tempo te aguardava.

Soneto 193. Foi atribuído a Camões por Faria e Sousa e é dedicado a Manuel Barata, que o publicou, mas sem o nome do Poeta, na sua arte de escrever, intitulada — *Exemplares de diversas sortes de letras.* Este livro apareceu à luz pòstumamente em 1590, mas o que F. e S. diz é que Barata aproveitou o soneto, quando publicava, ou seja, quando preparava para a publicação aquela obra. De aí não haver impossibilidade cronológica na atribuição a Camões.

SONETOS PUBLICADOS POR JUROMENHA E POR ESTE EXTRAÍDOS DO MANUSCRITO QUE, ENTRE 1557 E 1589, ORGANIZOU LUÍS FRANCO (CORREIA)

194

Todas as almas tristes se mostravam
Pela piadade do Feitor divino,
Onde, ante o seu aspecto benino,
O devido tributo lhe pagavam.
Meus sentidos então livres estavam.
Que até i foi costume o seu destino,
Quando uns olhos, de que eu não era dino,
A furto da Razão me salteavam.
A nova vista me cegou de todo;
Nasceu do descostume a estranheza
Da suave e angélica presença.
Pera remediar-me não há i modo?
Oh! porque fez a humana natureza
Entre os nascidos tanta diferença?

195

Memória de meu bem, cortado em flores
Por ordem de meus tristes e maus Fados,
Deixai-me descansar com meus cuidados
Nesta inquietação de meus amores.
Basta-me o mal presente, e os temores
Dos sucessos que espero infortunados,
Sem que venham, de novo, bens passados
Afrontar meu repouso com suas dores.

Soneto 194. Cp. com o soneto *III. in V.*, de Petrarca.
6. *Constante* — Juromenha.

Perdi nũa hora [tudo] quanto em termos
Tão vagarosos e largos, alcancei;
Leixai-me, pois, lembranças desta glória.
Cumpre se acabe a vida nestes ermos,
Porque neles com meu mal acabarei
Mil vidas, não ũa só — dura memória!...

196

Em um batel que com doce meneio
O aurífero Tejo dividia,
Vi belas damas, ou, melhor diria:
Belas estrelas e um Sol no meio.
As delicadas filhas de Nereu,
Com mil vozes de doce harmonia,
Iam horando a bela companhia,
Que (se eu não erro) por honrá-la veio.
Ó fermosas Nereidas, que, cantando,
Lograis agora visão serena
Que a vida, em tantos males, quer trazer-me,
Dizei-lhe que olhe que se vai passando
O curto tempo, e, a tão longa pena,
O espírito é pronto, a carne enferma.

Soneto 196. Outro que lembra um de Petrarca — o CLXX.

16. *Lograis aquela visão* — Juromenha.

20. Trata-se de um latinismo, provocado pela rima? Em latim, ao lado do adjectivo *infirmus, -a, um*, há o adjectivo do mesmo significado *infirmis, -e*. Há quem corrija *trazer-me* para *trazer-ma*, trocando, assim, a irregularidade do adjectivo pela da sintaxe do verbo...

20. *O tempo é pronto* — Juromenha.

197

Do están los claros ojos que colgada
Mi alma detras si llevar solían?
Do están las dos mexillas que vencían
La rosa quando está más colorada?
Do está la roxa boca y adornada
Con dientes que de nieve parecían?
Los cabellos que el oro escurecían,
Do están, y aquella mano delicada?
O toda linda! do estarás ahora
Que no te puedo ver, y el gran deseo
De verte me da muerte cada hora!
Mas no mirais mi grande devaneo,
Que tengo yo en mi alma a mi Señora,
E diga: Donde estás, que te no veo!

198

Ondas que por el mundo caminando
Contino vais llevadas por el viento,
Llevad embuelto en vos mi pensaminento,
Do está la que do está lo está causando.
Dizilde que os estoy acrescentando,
Dizilde que de vida no hay momento,
Dizilde que no muere mi tormento,
Dizilde que no vivo ya esperando.
Dizilde quan perdido me hallastes,
Dizilde quan ganado me perdistes,
Dizilde quan sin vida me matastes.
Dizilde quan llagado me feristes,
Dizilde quan sin mi que me dexastes,
Dizilde quan con ella que me vistes!

---

2. *Tras si* — Juromenha.
25. *Que sin* — Juromenha.

199

Senhora minha, se de pura inveja
Amor me tolhe a vista delicada,
A cor, de rosa e neve semeada,
E dos olhos a luz que o Sol deseja,
Não me pode tolher que vos não veja
Nesta alma, que ele mesmo vos tem dada,
Onde vos terei sempre debuxada,
Por mais cruel imigo que me seja.
Nela vos vejo, e vejo que não nasce
Em belo e fresco prado deleitoso
Senão flor que dá cheiro a toda a serra.
Os lírios tendes nũa e noutra face.
Ditoso quem vos vir, mas mais ditoso
Quem os tiver, se há tanto bem na terra!

200

De piedra, de metal, de cosa dura,
El alma, dura ninfa, os ha vestido,
Pues el cabello es oro endurecido,
Y marmol es la fronte en su blancura.
Los ojos, esmeralda verde y escura;
Granata las mexillas; no fingido,
El labrio es un robí no poseydo;
Los blancos dientes son de perla pura.
La mano de marfil, y la garganta
De alabastro, por donde como yedra
Las venas van de azul mui rutilante.

---

18. *Es la fuente* — Juromenha.
25. *Las venas son* — Juromenha.

Mas lo que más en toda vos me espanta,
Es ver que, por que todo fuese piedra,
Tenéis el corazón como diamante.

201

O dia em que nasci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar;
Não torne mais ao Mundo, e, se tornar,
Eclipse nesse passo o Sol padeça.
A luz lhe falte, o Sol se [lhe] escureça,
Mostre o Mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça.
As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rostro, a cor perdida,
Cuidem que o Mundo já se destruiu.
Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao Mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu!

SONETOS EXTRAÍDOS POR JUROMENHA DO MANUSCRITO DE D. CECÍLIA DE PORTUGAL E OUTROS

202

Se a ninguém tratais com desamor,
Antes a todos tendes afeição,
E se a todos mostrais um coração
Cheio de mansidão, cheio de amor;
Desde hoje me tratai com desfavor,
Mostrai-me um ódio esquivo, ũa isenção;
Poderei acabar de crer então
Que sòmente a mi me dais favor
Que, se tratais a todos brandamente,
Claro é que aquele é só favorecido
A quem mostrais irado o continente.
Mal poderei eu ser de vós querido,
Se tendes outro amor na alma presente,
Que amor é um, não pode ser partido.

203

Aqueles claros olhos que chorando
Ficavam, quando deles me partia,
Agora que farão? Quem mo diria?
Porventura estarão em mim cuidando?
Se terão na memória, como ou quando
Deles me vim tão longe de alegria?
Ou se estarão aquele alegre dia
Que torne a vê-los, na alma figurando?

Se contarão as horas e os momentos?
Se acharão num momento muitos anos?
Se falarão coas aves e cos ventos?
Oh! bem-aventurados fingimentos,
Que nesta ausência tão doces enganos
Sabeis fazer aos tristes pensamentos!

204

Transunto sou, Senhora, neste engano.
Tratar dele comigo é escusado,
Que mal pode de vós ser enganado
Quem de outras como vós tem desengano.
Já sei que foi à custa de meu dano
Que só no doce dar tendes cuidado;
Mas pera como eu sou de vós julgado,
Mui vãs são as esp'ranças deste ano.
Tratei grão tempo o Amor, e daqui veio
Conhecer o fingido fàcilmente,
Que tal é, gentil Dama, o que mostrais.
De treslida caístes neste enleio;
Querei de mim o que eu quiser boamente,
Que no al a costa arriba caminhais.

---

2. *E tratar dele* — Juromenha.

7. Entenda-se: Sou um resumo de exemplos, um compêndio de experiências.

VARIANTES E NOTAS

I — *REDONDILHAS*

Pág. 3

Fica agora sendo a flor
6 *A cor que nos olhos tendes.*
Entenda-se: *A fina flor das cores.*

15 *Alcançar as águas...* Eds. de 1595 e 1598.
A ininteligibilidade do sentido desta última lição levou-nos a preferir a primeira, que é a corrente.

Pág. 4

4 *Estas do mar são.* Eds. de 1595 e 1598.
A lição parece incorrecta. O Poeta utiliza um trocadilho já usado por um poeta dos Cancioneiros medievais — *Paio Gomes Charinho.*

Pág. 6

1 *De pequena tomei amor...*
É mote citado por Gil Vicente, na *Comédia de Rubena.*

Pág. 7

6 *Tenho sabido, enfim...* Eds. de 1595 e 1598.
É evidente que a integrante faz falta à lógica do período, posto que não seja necessária a métrica do verso.

Pág. 8

8 *Sobre falso coração...* Ms. de Juromenha.

Pág. 9

18 *De mi tão longe...* Ed. de 1598.

20 *Eram cruéis matadores...* Ed. de 1598.
A última estrofe deste poema vem apenas nas Eds. de 1595 e 1598.

Pág. 12

21 *Mas no se espera...* Ed. de 1598.

Pág. 16

10 *De como alumbram al ciclo.* Eds. de 1595 e 1598.

Pág. 17

4 *A lindeza vossa.* Eds. de 1595 e 1598.

Pág. 23

1 *Pois me faz dano olhar-vos.* Eds. de 1595 e 1598.

Pág. 24

13 *Quem, senão eu, não teria...?* Ed. de Jurom.

Pág. 25

A cantiga sobre o mote — *Sem vós e com o meu cuidado* — que começa: *Querendo Amor esconder-vos,* é da ed. de 1668. Foi confundida com a feita sobre o mote:

Sem vós e com meu cuidado,
Olhai com quem e sem quem

Pág. 38

30 *Desconforme da sua.* Ed. de 1598.

Pág. 40

3 *Que me veio atormentar.* Ed. de 1685.

Pág. 41

13 *E não tenho que vos dar.* Ed. de 1595.

Pág. 45

1 *Triste vida se me ordena.*

Sobre este mote vem na Ed. da *Imprensa Portuguesa,* de 1874: «*No Cancioneiro Ms. de Luís Franco, fl. 102, traz a rubrica: Vilancete de Francisco de Morais, com a sigla marginália: Anda nas Glosas e está como no impresso*».

Pág. 51

23 *Que tem seu remo mudado.* Ed. de 1595 e 1598.

Pág. 52

11 *Dama de ilustre valor.* Ms. de Jurom.

15 *Que se converta em amor* Ms. de Jurom.

20 *Querer-vos cada vez mais.* Ms. de Jurom.

24 *Vendo que em tanta aflição.*
25 *Não pode haver crescimento.* Ms. de Jurom.

26 *Todavia,*
Amor tem tanta valia,
Quando quer,
Que o que já não pode ser
Faz ele em nós cada dia. Ms. de Jurom.

As redondilhas seguintes são no Ms. de Juromenha muito diferentes. Não vale, porém, a pena transcrevê-las, porque são destituídas de qualquer interesse na substância ou na forma, imperfeitíssima.

Pág. 54

15 *Que ainda não quero muito.* Ed. de 1955.

Pág. 56

5 *Assi de mim que não nego.* Ed. de 1595.
5 *Assi a mi que não vejo*
Co'os olhos o que desejo. Ed. de 1663.

O nosso texto é o da ed. de 1598.

Pág. 59

21 *Tomaria não seu meu,*
Se não fôreis tanto sua. Ms. de Jurom.

Pág. 60

1 *Nos olhos e na afeição.* Ms. de Jurom.

10 *Para que não venha a ser.* Ms. de Jurom.

21 *Só por ver*
Tudo o que possa escrever. Ms. de Jurom.

Outras diferenças se verificam no mesmo Ms., mas são insignificantes e algumas evidentes erros de cópia.

Pág. 65

15 *Falar, o mais me consente.* Ed. de 1595.

18 *Dizei: porque me mentis?* Eds. corrigidas.
19 *Prometeis e então fugis?*
20 *Pois sem tomar tudo é nada.* Ibid.

25 *Deixai-me vós o servir.* Eds. corrigidas.
26 *Quanto fica mais contente.* Ed. de 1595.
27 *O que cumpre que o que mente.* Ed. de 1595.

Pág. 66

3 *Enganou-me; teve a minha,*
Dá-lhe pouco de perdê-las. Ed. de 1595.

Pág. 72

17 *Sem perigo do mais mal.* Ms. de Jurom.

20 *Mas onde entrou por amigo*
Se levantou por senhor. Ms. de Jurom.

23 *Aquele passo mortal*
Que eu terei por menos mal. Ibid.

No mesmo Ms. vem mais esta redondilha, que nem a 1.ª nem qualquer das eds. posteriores insere:

Casada, bem vejo eu
Que sois alheia e não vossa,
Mas quem deste mal se apossa

Também é vosso e não seu.
Já que a vós Amor me deu,
Dai-me vós aquele sinal
De vos pesar de meu mal.

Pág. 74

6 *Que em vós me matará.* Ms. de Jurom.

Eis as restantes estrofes, que vêm no mesmo Ms.:

Que se em vós estou trocado,
O mal que mal me quiser,
Para me na alma doer,
Em vós há-de ser mostrado.
Nem me espanto
Que me queirais mal, enquanto
Querer-vos menos não posso.
Pois, Senhora, ser tão vosso
Me tem já custado tanto.

De outra parte quem duvida
Ser tão alta minha sorte
Que vos ame até à morte?
Porque me negais a vida?
Se pagais
Niso a morte que me dais,
Oh! não me sejais esquiva;
Não por que eu, Senhora, viva,
Mas pera que vós vivais.

Que tanto mais qualquer dano
Vosso que o meu sentiria,
Quanto é maior a valia
De alma, que do corpo humano.
De verdade,
Que já vossa humanidade
De que se aqueixe não tem;
Pois pera as almas também
Fez Amor enfermidade.
Se a verdade dizer posso,
Estar doente convinha;
Vós não, que sois alma minha,
Eu sim, que sou corpo vosso.

Nisso da 2.ª estrofe, refere-se à doença que ela está sofrendo.

Pág. 89

No Ms. de Juromenha há alterações aos versos do *Banquete dado na Índia*, mas tão leves que não vale a pena transcrevê-las.

Pág. 97

A última estrofe da ed. de 1595 é a penúltima desta pág.. As restantes foram acrescentadas na ed. de 1598.

Pág. 120

3 *Os hortelões delas*. Ms. de Jurom.

Pág. 123

11 *Mas eu de lembranças*. Ms. de Jurom.

Pág. 126

10 *Não me estimais mais que o chão*. Ed. de 1598.

Pág. 133

14 *Foi pôr em alto lugar,*
Perde as penas de voar,
Ganha as penas de tormento. Ms. genealógico de M. S. [de Faria.

Escreve Juromenha — *Ob. de Cam. 4.º vol. pág. 452:* «Por acaso em um livro genealógico que pertenceu a Manuel Severim de Faria, o mesmo escritor que escreveu uma biografia do Poeta, encontrámos o que deu assunto a este poema e que aqui transcrevemos: «Silvas: Casa do Regedor. Jorge da Silva, filho terceiro do Regedor. João da Silva, irmão de Diogo da Silva. Casou com D. Luísa de Barros, filha herdeira de Jorge de Barros e D. Filipa de Melo, de quem não teve filhos. Foi fidalgo de grandes brios e altivos pensamentos; sendo moço, namorou a Infante D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel, e fez tais extremos que, chegando a notícia

de El-Rei D. João III, irmão da Infanta, o mandou prender no Limoeiro, onde esteve o tempo que pareceu bastante para seu castigo, e a esta prisão e amores, fez Luís de Camões umas voltas àquela cantiga: *Perdigão perdeu a pena*, etc., que começam: *Perdigão que o pensamento*, etc.

Quarta parte das Famílias Nobres de Portugal. Segue a assinatura de Manuel Severim de Faria. Na folha primeira que está colada à capa, tem esta nota: «O P.e Prior do Hospital do Beato, João de Deus, de Montemor, me fez m. deste livro em Fevereiro de 1649. — Manuel Severim de Faria».

Pág. 135

9 *Vencer-te Amor não o nego*. Ms. de Jurom.

13 *Porque é rapaz ruim.*
Dei-lhe ũa rouba zombando
Disse-me ele: Estais-me dando,
Por seres maior que mim?
Pois se vos eu descarrego... Ibid.

19 *Descarega: Tá! rapaz*. Ibid.

Pág. 143

13 *Já sem o vós saberdes...* Ed. de 1616.

Pág. 153

Eis os versos dirigidos por Heitor da Silveira ao Viso-Rei, aos quais Luís de Camões deu *ajuda:*

Vossa Senhoria creia
Que não apura o engenho
Fome, se é como a que tenho,
Mas afraca e corta a veia.
E quem o contrário sente,
Está farto em toda a hora,
Como estou faminto agora.
Mas Marta, se está contente,
Dá-lhe pouco de quem chora.

E pois Vossa Senhoria
Em geral a tudo acode,
Acuda a mi, que só pode,
Dar-me no engenho valia.
Esperte esta musa minha,
Que o tempo traz sonolenta;
Valha-lhe nesta tormenta
Com essa doce mezinha,
Que só dá vida e contenta.

Acuda com provisão,
Não no papel, mas provida
De ouro e prata; que esta vida
Não sustentam papéis, não.
De feitor a tesoureiro,
Ser-me-ia trabalho grande.
Vossa Senhoria mande
Algum remédio, primeiro,
Com que a Morte o ferro abrande.

Pág. 155

A cantiga sobre o Mote Alheio:

Sem vós e com meu cuidado
Olhai com quem — e sem quem.

devia vir entre as publicadas na ed. de 1595, na pág. 25, onde vem a feita sobre o mote — *Sem vós e com meus cuidados,* que começa: *Querendo amor esconder-nos,* e que por seu turno deveria ser deslocada para as da ed. de 1668.

Pág. 156

11 *Nunca fez coisa que errasse.* Ms. de Jurom.

Pág. 161

2 *Quiséreis representar,*
Houvera por bom partido
Dar-lho a alma do santido,
Pera a glória do lugar. Ed. de 1668.

Pág. 166

4 *Apelos, se vivo fora,*
Por vós debuxos pintara. Ms. de Jurom.

Pág. 169

10 *Helisa e Dido morreram*
Por se ver sem esperança;
Eu, vendo vossa mudança. Ibid.

Pág. 171

1 *Leandro foi dar à costa*
Na praia de sua bonança;
E eu na vossa esperança. Ibid.

9 *E vós sois deusa da terra.* Ibid.

Pág. 172

8 *Que em vos vendo sentiram,*
E eu choro o que eles viram.
Orfeu com sua harpa... Ibid.

Pág. 173

10 *Roma o mundo sogigou...* Ibid.

13 *Sereia na fermosura...* Ibid.

Pág. 174

8 *Páris lhe julgou a sorte;*
Vós a mim dareis a morte. Ibid.

11 *Porque não fostes, Senhora,*
Presente naquela hora. Ibid.

Eis mais estrofes do Ms. de Juromenha:

Caim dizem que matou
Abel, sendo seu irmão;
A mim vossa ingratidão

Caim se mostrou matador
Por inveja que havia;
Vós a mim por outra via

Minerva foi mui cruel,
Mas não chegou a metade
Da vossa grã crueldade.

Salomão por adorar
Ua mulher, se perdeu;
E por vós me perdi eu.

II — *SONETOS*

1

13 *Entendei que...* Ed. de 1668.

2

19 *Farei o amor a todos evidente*
Pintando mil desejos delicados,
Lágrimas doces, suspiros cansados,
Temor, saudades juntamente.
Também de vossas duras asperezas
Desprezos seus, fervores enganosos,
Contentar-me-ei dizendo a menor parte.
Porém pera dizer vossas belezas,
Airoso gesto e olhos graciosos,
Aí falta saber, engenho e arte.

Ms. de Luís Franco.

3

10 *Despedindo no rústico...* Eds. corirgidas.

13 *Com pronta vista...* Ibid.

14 *Em morte lhe converte o caro ninho.* Ms. de Jurom. [e ed. de 1598.

4

23 *Nas belas fases e na boca e testa.* Eds. corrig.

4 *Se estão de vosso gesto...* Ms. de L. Franco.

5

15 *Ali manda, ali mora...*
Ali vive das gentes namorado. Ms. de L. Franco.

18 *Imagens são adonde...* Eds. corrig.

22 *Raios de ouro verá que as desejosas...* Ms. de L. Franco.

6

26 *Que esmaltavam por cima...* Eds. corrig.

7

14 *Como a abraçar a luz...* Ms. de Jurom.

18 *Vos foi beijar na parte em que se via.* Ibid.

21 *Na vista a quem o Sol temores deve.* Eds. corrig.

8

2 *Sibela, linda ninfa...* Ms. de L. Franco.

3 *Subida nũa árvore...* Ed. de 1595.

9

17 *Casar com um vil vaqueiro...* Ms. de L. Franco.

20 *As rosas que seu gesto...* Ms. de L. Franco.

21 *O descontentamento lhas mudava...* Eds. corrig.

26 *Tornaram verde prado em serra dura.* Ibid.

10

3 *Ê que Amor fazer só quis experiência...* Ibid.

6 *A que faças morte resistência?*
7 *Ê que costume faço da paciência.* Eds. corrig.

9 *Pois porque estás comendo...*
10 *Se a ferro te costumas? — Ê que ordena...* Ibid.

14 *E não quero eu...* Ibid.

11

17 *Outras tantas...* Ibid.

21 *Oh! como curaria o dano...*
Quem o seu mal tão mal sabia? Ed. de 1595 e Ms. de [Jurom.

25 *Inclinavam de mágoa...* Eds. corrig.

28 *Aos que fez...* Ibid.

12

11 *Duro castigo em tanta...*
12 *Quis a pena tomar da culpa alheio.* Ibid.

13

23 *Mas fez maior milagre...* Eds. corrig.

14

10 *Bem salvar-me cuidei...* Ibid.

12 *Contudo, se vos tinha...* Ibid.

14 *Ser-vos ela bem pouca...*
15 *Pois inda que eu me achasse...* Ibid.

17 *Eu a levo maior...* Ibid.

15

21 *Que a ela só por prémio...* Ibid.

25 *Em lugar de Raquel, lhe deu...* Ibid.

16

8 *Deseja lograr vida...* Ibid.

14 *Estando postos já...* Ibid.

17

2 *Compostos de concerto...* Ibid.

6 *Nem me alegrem.* Ms. de L. Franco.

7 *Nem as águas claras que das fontes vêm.* Ms. de L. [Franco.

9 *Regar-me-ei com lágrimas...* Eds. corrig.

18

14 *Que farei c'os cabelos...* M. de L. Franco.

19

1 *Dríades, que com seta sempre andais...* Eds. corrig.

2 *Os subjectivos servos...* Ms. de L. Franco.

5 *Deixai logo as aljavas e águas frias,*
6 *E vinde, ninfas belas...*
7 *A ver como de uns olhos...* Eds. corrig.

9 *Mas em vão não vereis, porque achareis...* Ibid.

A redacção do nosso texto é a do Ms. e L. Franco. A da ed. de 1595 é:

Mas não vireis em vão, que me achareis...

20

16 *Um repouso gravíssimo e honesto.* Ms. de Jurom.

21

8 *Pois com ele tal alma...* Eds. corrig.

10 *Que como o acidente...* Ed. de 1598 e Ms. de L. Franco.

12 *Está no pensamento como ideia...*

13 *O vivo e puro amor...* Ed. de 1595 e Ms. de L. Franco.

22

18 *O Mundo todo abraço* Ms. de Jurom.
19 *É tudo quanto sinto desconcerto...* Ms. de L. Franco.

23

7 *Já é tempo, já...* Eds. corrig.
7 *Razão é já...* Ms. de L. Franco.

8 *Se desça de sua falsa...* Ibid.

9 *Mas se Amor se não rege...* Ms. de Jurom.

24

22 ..... mudam-se as *confianças,*
23 ..... *mudanças.* Ms. de L. Franco.

26 *Diferentes de nossas esperanças,*
Nem ficam daqui mais que as lembranças
Do bem passado ou das adversidades.
Mas as do bem tão más são de sofrer,
Que é muito melhor poder passar
Qualquer trabalho, pena e desprazer.
Porque tudo, enfim, se há-de perder,
Muito mais vale a pena do pesar,
Do que contenta a glória do prazer. Ibid.

25

9 *Se não perder a vista só em vê-los...* Ed. de 1595.

..... *só por vê-los.* Ms. de Jurom.

14 *E já me não ficava mais...* Ms. de L. Franco.
15 *Assi que alma, que vida, que esperança*
16 *E que quanto for meu...*
17 *Mas de tudo o interesse* Eds. corrig.

26

3 *É este amor tão alto...* Ms. de L. Franco.

8 *Só porque nunca falte...* Ed. corrig.

12 *Assi meu pensamento por a parte...* Ibid.

14 *Vai pedir herética baixeza.* Ms. de L. Franco.

27

19 *Tanto da vida humana...* Ms. de L. Franco.

21 *Assi que em termo tal...*
22 *Pouco vem a fazer quem...* Eds. corrig.

3 *Sentirá que não pode conhecê-las...* Ibid.
..... *merecê-las...* Ms. de L. Franco.
4 *Pois de tanta estranheza sois no mundo...* Eds. corrig.

28

15 *E se ver-vos nesta alma, enfim...* Eds. corrig.

29

2 *Com o sol em beleza...* Ibid.

5 *Meus sentidos prostrados...* Ibid.
6 *Assi cegos a tanta majestade...* Ibid.

9 *Porém, se então me vedes...* Ibid.
10 *Esse áspero desprezo...* Ibid.

12 *Oh! gentil cura! Oh! estranho...* Ibid.
13 *Que dareis co'um favor que vós não dais,*
14 *Quando com um desprezo me dais vida?* Eds. corrig.

30

15 *Se as penas que por vós, donzela ingrata,*
Passo, vivesse tanto em sofrê-las,
17 *Que visse escuro...* Ms. de Luís Franco.

21 *Deixando a linda cor...*
Mudada de ouro fino em fina...

1 *Também, Senhora, então vereis...* Eds. corrig.

3 *Quando não presta já...* Ms. de L. Franco.
4 *Suspirareis então...* Eds. corrig.

31

7 *Para que quereis, Senhora, que padeça*
8 *Tanta pena sem cabo nem cabeça?* Ms. de L. Franco.

11 *Entendei que por muito que vos peça.* Eds. corrig.
12 *Poderei merecer...*
13 *Pois não consente...* Ibid.

18 *E se o valor de nossos amadores...* Ibid.

32

4 *Sustentarão a guerra...* Ms. de L. Franco.

6 *É preciso que tudo...* Eds. corrig.

10 *Com meter-me...* Eds. corrig.

34

2 *Hilário o ardor dela...*
3 *Que o repouso do fogo em que ele...* Ms. de L. Franco.

6 *O doce som...* Ms. de L. Franco.

8 *Que na vontade de outro...* Eds. corrig.

35

21 *Ditosos os sentidos que sofriam.* Ibid.
22 *Está-se em seu objecto...* Ms. de L. Franco.

10 *Que ainda não espere dele mais.* Ms. de L. Franco.
11 *De longo tempo já me acostumais...* Eds. corrig.

14 *De sofrer tormentos que me dais.* Ibid.

17 *Que pois não posso ter mais resistência...* Ibid.

37

22 *Tristezas não cansadas de cansar-me...* Ibid.

2 *Onde nunca de lá possa tornar-me* Ibid.

4 *Enquanto a fraca voz me não deixar.*
5 *E se em montes, se em prados, e se em vales,*
6 *Piadade mora algũa, algum amor...* Ibid.

38

12 *Porque a guardo...* Ibid.
13 *Pois a fé...* Ibid.

24 *Mas contente, estarei com...* Ibid.

40

16 *Derrubar o meu alto...* Ibid.

21 *Dai já fim a um tormento...* Ed. de 1595.
22 *Assi de ambos contente será...* Eds. corrig.
23 *Em vós por acabar-me...*
24 *Em mim...* Ibid.

41

2 *O teu sagrado...* Ms. de L. Franco.

5 *Não cuides de forçar-me, que destruía...* Ms. de Jurom.

7 *Não cures de forçar-me...* Ms. de L. Franco.

11 *Enquanto quis aquela em quem eu moro...* Ms. de Jurom.

13 *E se inda não estás de mim vingado...* Ed. de 1595.

42

15 *Grande tempo há que eu...* Ms. de L. Franco.

28 *Que não tenha...* Ms. de L. Franco.

43

9 *Mas como pode ser...* Eds. corrig.

44

24 *Que cousa outra algũa...* Ibid.

45

5 *Por ũa praia...* Ibid.

10 ..... *a em que eu moro.* Ms. de Jurom.

12 *Mas se a vós, ondas, peço...* Ms. de L. Franco.

46

20 *Saía dando à terra...* Eds. corrig.

25 *Juntando-se formaram largo...* Ibid.

48

16 *Tão cedo deste corpo...* Ms. de L. Franco.
17 *Repousa tu no Céu...* Ibid.

2 *Memória deste mundo...* Ibid.

8 *Pede a Deus...* Ibid.

50

3 ..... *praia saudosa...* Ms. de L. Franco.

7 *Ali estando leda e ali...* Ibid.

11 *Comovida aqui...* Eds. corrig.

13 *E enfim...* Ibid.
14 ..... *que tanto dura.* Ms. de L. Franco.

51

19 *Minguando a idade vai, crescendo o dano...* Eds. corrig.
20 *Perdeu-se-me...* Eds. corrig.

53

15 *... acento e voz...* Ms. de Jurom.
16 *De elegâncias que são tão...* Eds. corrig.

19 *Porém de vossa pena ilustre mana...* Ibid.

5 *Ambas se podem nele chamar raras.* Ibid.

Eis o soneto a que este responde e foi atribuído por Faria e Sousa a João Lopes Leitão:

Quem é este que na harpa lusitana
Abate as musas gregas e latinas,
E faz que ao Mundo esqueçam as plautinas
Graças, com graça e alegre lira ufana?
Luís de Camões é, que a soberana
Potência lhe influiu partes divinas,
Por quem aspiram as flores e boninas
Da homérica musa e mantuana.
Se tu, triunfante Roma, este alcançavas
No teu teatro e cena luminosa,
Nunca do grão Terêncio te admiraras.
Mas antes sem contraste, curiosa
Estátua de ouro ali lhe levantaras,
Contente de centura tão ditosa.

54

6 *Que escureças a fama que hão ganhado*
7 *Aqueles que a ganharam a infiéis...* Eds. corrig.
8 *Que vencidas tenhais da morte as leis...* Ibid.
9 *E que vencêsseis tudo, enfim, armado...* Ibid.

12 *Sobre vencerdes, pois, tanto inimigo...* Eds. corrig.

14 *No mundo o vosso nome...* Eds. corrig.
15 *O que nos dá mais fama...* Ibid.

55

23 *Este da própria inveja tão cantado,*

29 *Este, enfim, raio de Mavorte irado...* Eds. corrig.

2 *Por este outro Viriado...*
3 *E chora a perda sua eternamente.* Eds. corrig.

57

21 *Quem jaz no grão jazigo...* Ed. de 1595.

2 *É Rei que pôs na paz devido estudo.* Ms. de L. Franco.

6 *Mais que o adquirir o sustentar estima.* Eds. corrog.

58

21 *Pregoando direi...* Eds. corrig.

23 *Que sempre deu na vida...* Ibid.

59

7 *Mas na alma vejo agora acrescentar-te...* Ibid.
7 *Se agora vejo na alma...* Ms. de L. Franco.

60

Este soneto andava no Ms. de Juromenha juntamente com mais três:

O tempo está vingado à custa minha.

Coitado que em tempo choro e rio.

Tristezas com passar tristes gemidos.

Encimava-os a seguinte rubrica: «Trovas que fez um preso, dizendo o mal que fizera e lamentando a fortuna e tempo».

61

5 *Ora em forma de limpa...* Eds. corrig.

7 *Sem buscar...* Ms. de L. Franco.

Este soneto vem no *Cancion. de Fernandes Tomás* atribuído a Soropita. Tal atribuição deve ser errónea. Assim o infere D. Carolina Michaëlis, do facto de nenhum outro Ms. a confirmar e vir entre os sonetos de Camões no *Cancion de Luís Franco.*

62

5 *Fala do que ou já vida ou morte pende...* Eds. corrig.

7 *Repouso na alegria comedido...* Ibid.

63

13 ...*sobre as rosas esparzidos*... Ed. corrig.
14 *Fazeis que sua beleza se acrescente*... Ed. de 1598.

16 ..... *raios escondidos*... Ms. Jurom.

21 *Oh! quem seus doces ecos... já lhe ouvisse!* Eds. corrig.

64

5 *Quando ao apolíneo*... Eds. corrig.

7 *Respondeu-lhe: tornasse*... Eds. corrig.

13 *Que bebendo*... Eds. corrig.

65

3 *Com humana e angélica*... Ms. de L. Franco.
Com ũa rara e angélica... Eds. corrig.

6 *De seu livre*... Eds. corrig.

8 ..... *mas hoje, vendo*... Eds. corrig.

66

13 *O verde prado*... Ms. de Jurom.

15 *Com a folha das árvores*... Eds. corig.

17 *O mudo silêncio quebrantavam*
Das roucas cicades a harmonia. Ms. L. Franco.

20 *Natércia, cruel*... Ibid.

68

15 *O raio de ouro fino*... Ms. de L. Franco.

19 ... *com que as almas acendia*... Ibid.
20 *Levando a luz*... Eds. corrig.

23 ..... *alegre e ardente,*
24 *Esclarece, fermosa e roxa Aurora...* Ms. de L. Franco.
24 *Resplandece, purpúrea e branca aurora...* Eds. corrig.

69

1 *Já a roxa e branca Aurora...* Ibid.

3 *E das flores os campos...* Ibid.

8 *De quem se o coração...* Ms. de L.Franco.

11 *Porque não morrerá...* Ms. L. Franco.

Em aditamento à nota que sobre este soneto se insere na pág. 226, cumpre dizer que a data mais provável da morte de Bernardes é o ano de 1596 e que é igualmente de toda a probabilidade que as *Flores de Lima,* posto que pòstumamente publicadas (em 1597), foram por ele coligidas e preparadas para a edição.

70

5 ..... *cá ficais...* Ms. Jurom.

9 ..... *largas esperanças...* Eds. corig.

71

11 *Fazei dela...* Ibid.

13 *Pois por mais...* Ibid.

73

2 *O marinheiro todo trabalhado,*
3 ..... *saindo a nada,*
4 *Só de ouvir falar nele está...* Ibid.

Firme jura que o vê-lo bonançoso
Do seu lar o não tire sossegado;
Mas esquecido já do horror passado
Dele a fiar se torna cobiçoso. Ibid.

12 *Com a alma que de vós nunca se ausenta,*
13 *Me torno, por cobiça de ganhar-me,*
Onde estive tão perto de perder-me. Ibid.

74

18 *No instante em que vos vê não obedece?* Eds. corrig.
19 *Qual mor glória na vida já se oferece*
Que a de ocupar-se em vós o pensamento?
Não só todo rigor, todo tormento
Com ver-vos não magoa mas se esquece.
Porém se heis-de matar a quem amando,
Ser vosso de amor tanto só pretende... Ibid.

75

5 *Enquanto me enganou ũa esperança...* Ibid.

12 ..... *com gostos prosperado,*
13 *Vendo-se brevemente...* Ibid.

77

11 *Se do Amor os domésticos...* Ibid.

15 *E não presuma alguém...* Ibid.

78

24 *Porque de minha fé faça exp'riência.* Eds. corrig.

1 ..... *a larga ausência...* Ibid.

3 *A saudade ali 'stá mais segura,*
4 *Quando risco maior corre a paciência.* Ibid.

6 *Em morte, ou nojo, ou dano ou perdição...* Ibid.

80

Este soneto relaciona-o Juromenha, como já o havia feito Faria e Sousa, com o *Auto del-Rei Soleuco*, escrito escrito pelo Poeta. Storck intitula-o *Antiochus' Klage* —

A dor de Antíoco (o príncipe do auto que se apaixona pela madrasta) — e supõe que fosse escrito para cumprir a rubrica — *Aqui lê o papel.* A rainha leria em voz baixa o papel que a aia apanha do chão e onde estariam escritos estes versos do enteado.

81

15 *Se tomo a minha pena em penitência*
Do error em que caiu o pensamento,
Não abrando, mas dobro meu tormento,
Que a tanto e mais obriga a paciência. Ibid.

5 *Mas se...* Ibid.

7 *Como eu vejo no mal...* Ibid.

82

14 *De ter a quem vos tem...* Ibid.

16 *Cada dia ante os olhos...* Ms. de L. Franco.

17 *Com uns sonhos tão vãos inda tentais...* Eds. corrig.

22 *Não me negueis se andais pera enganar-me...* Ms. de [L. Franco.

83

26 *Amor por causa algũa...* Eds. corrig.

2 *(Quando a sorte mais alto me subisse)...* Eds. corrig.

5 *Nem tão sòmente...* Ibid.

84

13 *O tempo que se vai...* Eds. corrig.

85

7 *Corro após ela...* Eds. corrig.

12 *Torna a fugir-me; torno a bradar: Dina...* Eds. corrig.
13 *E antes que acabe em* mene... Ms. de Jurom.

Este soneto vem atribuído a Bernardes no *Índice* do P.e P. Ribeiro. Incluímo-lo, porém, porque o inculcam como probabilíssimamente do Poeta a sua inserção na ed. de 1598 e ainda a referência que parece fazer a *Dinamene* o passo, citado no Prefácio, do Ms. da *Década VIII*, de Couto.

87

5 *Pois no mesmo em que pus...* Eds. corrig.
6 ..... *e desfavor.* Ibid.
6 ..... *e pouco amor.* M. de Jurom.

10 *Se houver cousa que...* Eds. corrig.
11 *Eu haverei por bem que pôde ser.* Ms. de L. Franco.

88

24 ..... *não dá ventura,*
25 *Não o dão os trabalhos...* Eds. corrig.

28 ..... *terreno vaso tinha...* Ibid.

89

5 *Aos quais com larga mão o largo Céu...* Ed. de 1616.

Este soneto não vem na lista de Juromenha nem na de T. Braga, por não vir na tábua da ed. de 1589, posto venha no texto.

90

1 *Tal corpo onde ficou?...* Ms. de L. Franco.

4 *Que diz? — Não mereci a grã Maria.* Eds. corrig.

6 *Que discorre o Amor?...* Ibid.

10 *Que glória lhe faltou? — Esta beldade.* Ibid.

91

22 *Ó ninfas, cantai pois...* Ibid.

92

2 *Um nome digno de imortal memória...* Ibid.

5 *Se com suas acções se cotejaram...* Ibid.

11 *Estátuas mereceu no heróico Templo.* Ibid.

13 *Claríssimo D. João...* Ibid.

93

17 *E não em peito túmido...* Ms. de L. Franco.

7 *Obra por certo da celeste Altura...* Eds. corrig.
8 *Estas virtudes raras e outras mais...* Ibid.

94

22 *Oh ousadia estranha!...* Eds. corrig.
22 *Oh estranha ousadia!...* Ms. de Jurom.

95

2 *Que Eneias lhe deixara...* Eds. corrig.

8 *Com ela assim falando lhe dizia...* Ms. de Jurom.
9 *Fermosa e crua espada...* Ms. de L. Franco.
10 *Só porque exëcutasses os enganos...* Eds. corrig.

96

22 *Não se alcança de humano...* Ibid.

1 *Doutos varões deram...* Ms. de L. Franco.
..... *mais prezados...* Ibid.

3 *E por tanto é mĩlhor ter muito visto.* Ed. corrig.

Este soneto foi excluído da ed. de 1932, mas sem qualquer explicação. Em nenhum outro Códice se lhe encontrou qualquer outra atribuição.

98

6 *Na pena a que ele só me reduziu...* Ibid.

8 *Pera mim consentiu...* Ibid.

99

18 *Nesse teu arco de ouro...* Ibid.

21 *E tu contudo tanto me asseguras...* Ed. de 1598 e [Ms. de L. Franco.

A ed. do nosso texto é a das Eds. corigidas.

100

5 *Quem fosse assi...* Ms. de L. Franco.
5 *E quem fosse...* Eds. corrig.

8 *E eu a ela também a que ela sente.* Eds. corrig.

O nosso texto dá a lição do Ms. de Luís Franco. À de 1598 falta a copulativa.

101

12 ..... *se tudo mente?* Eds. corrig.
13 *Porém que culpas ponho...* Ibid.

102

8 *Oh sotil invenção...* Ibid.

No *Indice* do P.e P. Ribeiro vem como de Bernardes, com a lição — *A terra, o céu e o vento sossegado.*

105

14 *Convertido chorava o grave dano.* Eds. corrig.
15 *E à sua dor fazendo...* Ibid.

106

3 *Matar pôde a Pitónica serpente*
4 *Que mortes mil havia produzido.* Ibid.

9 ..... *contra seu dano*
10 *Saber, nem diligências...* Ibid.

12 *Pois se um deus nunca viu...* Ibid.

107

19 *Mas não pode esconder-se...* Ibid.

2 *Vendo-a já, já trazendo-a...* Ibid.

109

9 *Pois, posto que maior...* Ibid.

110

10 *Em cristal puro o negro...* Ibid.

111

26 *E quer que cada ũa alma...* Ibid.

28 *Por isso ornou...*
29 *Que o primeiro orbe ilustra...* Ibid.

3 *Palas de ciência não maior que a tua;*
4 *Tem Juno da nobreza o império dino.*
5 ..... *o largo Céu derrama...* Ibid.

9 *Seu peito a Lũa, sua graça Vénus...* Ibid.

113

25 *Senhora minha, se a fortuna imiga*
Que em minha sina com todo o Céu conspira...

114

12 *Irei por onde as sortes ordenaram...* Ed. de 1616.
13 *Pois por cima de quantas derramam...* Eds. corrig.

20 ..... *forçada gloriosa...* Ibid.

115

25 *Tal mostra de si dá...* Ibid.

1 *Quem confiança há visto...* Ibid.
1 *Que não padeça mal de mais graveza,*
Se resistir a seu amor procura? Ibid.

5 ..... *tal esquivança...* Ibid.

7 *A quem logo os sentidos se entregaram...* Ibid.

10 ..... *que ficaram.* Ibid.

Pensamento (v. 6) significa *inclinação amorosa.*

116

17 *Pois, enfim, seu vigor perde a afeição,*
18 ..... *o seu vigor.* Ibid.
19 *Fraqueza nunca a houve...* Ibid.

22 *Mas a razão que altiva vence, enfim...* Ms. de L. Franco

117

3 *Quebravam-lhe ondas o animoso alento...* Eds. corrig.

5 *Com sentir já que quase lhe faltava,*
6 *Sem nada esmorecer no pensamento,*
7 *(Não podendo falar) do seu intento*
8 *O fim ao surdo mar encomendava!* Ibid.

11 *Que a de Hero me salves...* Ed. de 1616.
12 *Este defunto corpo...* Eds. corrig.

119

10 ..... *fica encoberto...* Eds. corrig.

Diz F. e Sousa ter visto este soneto num Ms. como de D. Luís de Ataíde, em resposta ao soneto e Camões — *Que vençais... Fique sob reserva a sua camonianidade*, como fica na penumbra o seu sentido.

120

11 *Cuida que um nome não a desengana.* Eds. de 1616 [e 1685.

É já do século XIX a correcção para *a Deus engana.* E creio que a 1.ª ed. que a traz é a de Barreto Feio e G. Monteiro.

121

17 *Que já as frequências suas me ensinaram...* Eds. corrig.

122

26 *Une-se à carne nossa...* Ed. de 1616.
26 *Une-se à nossa carne e a faz nobre...* Eds. corrig.

Nem a ed. de 1932 nem a do Dr. Costa Pimpão inserem este soneto, posto que se lhe não conheça outra atribuição.

123

11 *Amor que da vida...* Ed. de 1616.

17 *Ũa, Razão...* Eds. corrig.

22 *Por que assi leve triunfante a palma*
23 *Amor da Morte, apesar da ausência.* Ed. de 1616.

No nosso texto está indevidamente uma vírgula após *palma* (v. 22). O sentido é evidentemente: *pera que Amor leve a palma da Morte, ou seja: vença a Morte...*

124

1 *Doces e claras águas...* Eds. corrig.
1 *Claras e doces águas...* Ms. de L. Franco.

3 *Onde a comprida e pérfida...* Ed. de 1616.
3 *Adonde a falsa e pérfida...* Ms. de L. Franco.

5 *De vós me aparto e porém...* Ed. de 1616.
6 *Que inda a memória longa que me alcança...*

5 *De vós me aparto, mas porém...* Ms. de Jurom.

7 *Me não deixa de vós...* Eds. corrig.

Os dois tercetos da nossa ed. são os do Ms. de Luís Franco. Os tercetos da ed. de 1616 são estes:

Bem pudera a Fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e estranha,
Oferecido ao mar remoto, e vento.
Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas asas do ligeiro pensamento,
Pera vós, águas, voa e em vós se banha.

125

16 *Que as rápidas enchentes enturbaram...* Eds. corrig.

19 *Passou, como o Verão, o ardente Estio...* Ibid.

1 *Já o tempo a ordem sua tem sabida...* Ibid.

126

10 *E de humanos comércios...* Ibid.

133

Este soneto vem na *Miscelânea,* de Leitão de Andrada. Mas o texto desta foi certamente corrigido por Faria e Sousa. Assim:

3 *E com rubis, com rosas...* Miscel.

6 *Do belíssimo rostro por quem mouro,*
As rosas; no cabelo raios de ouro

7 ..... *tenho presa.* Ibid.

10 ..... *em que se apura...*
Com que fez mais clara a luz do dia
Enfim, em vossa angélica figura
Mostrou a perfeição que em cós havia
De rubis, rosas, ouro e neve pura. Ibid.

135

Faria e Sousa duvidou (!) da autenticidade deste

soneto, por considerar a 2.ª quadra — *lo mejor deste S.* — a trad. quase literal de uma estrofe de Jorge de Montemor. É disparatada a afirmação. Não há a mínima semelhança.

136

6 ..... *Assi ferida...* Eds. corrig.

8 *Outras mil renovar...* Ibid.

11 *Tão estranha, tão doce, honrosa e alta.* Ed. de 1668.
12 *Jurando não querer...* Ibid.

139

21 *Quem, Senhor, presume...* Ibid.

142

15 *Pues siempre sin cesar...* Ibid.

147

Na *Miscelânea*, de Leitão de Andrade, vêm as seguintes variantes, ou melhor, os seguintes versos, que Faria e Sousa terá *corrigido:*

8 *Em seus braços nos leva...*
Que o princípio... Miscel.

11 *Se subis...*
Não espante vos ver ao Sol chegado;

14 *Que quanto ao Sol se achega mais se apura.* Ibid.

16 ..... *fazer mui mais ditoso...* Ibid.

18 *Cresceres inda mais...*
Porque foi de ousado...
Já hoje de atrevido... Ibid.

148

Eis a lição da *Miscelânea:*

3 *Que sempre...* Miscel.

5 *Quem sobe ao estrelado...*

La acha sua estrela que o guia... Ibid.
Lá acha sua estrela que o guia... Ibid.

8 ..... *que as leva o vento.* Ibid.
9 *Abrir-se deve o pano...*
Ninguém em si mesmo haverá ditoso... Ibid.

14 *O bem que vossa graça dar-lhe pode.* Ibid.

Faria e Sousa diz ter visto este soneto num Ms. em Castelhano e com algumas diferenças. Seria no *Cancion. do Conde de Villamediana,* a quem é atribuído.

150

Publica-o a *Miscelânea,* de L. de Andrade. Eis as diferenças:

7 *Nascendo o sol do mar, logo aparece*
Da erva que o segue de hora em hora,
Saindo das ondas do Eufrates fora,
E, estando no meio céu, toda floresce.
Mas como no oceano...
Sua beleza, que lhe dava Flora,
Pouco a pouco se murcha e se descora;
Tanto com sua ausência...

151

Sem razão que se conheça, pois lhe não foi atribuída outra procedência, este soneto foi excluído da ed. de 1932.

156

21 *Se grão glória me vem de olhar-te...* Ed. de 1616.

24 *Grão pago de engano é desejar-te.* Ibid.

1 *Se quero por quem és louvar-te,*
2 *Sei certo por quem sou ofender-te.* Ibid.

5 *Porque amor tão raro sempre fere.* Ibid.

7 *Que quer mais a alma que te serve.* Ibid.
8 *Escrita estarás em minha memória...* Ibid.
9 *E a alma viverá que por ti morre.* Ibid.
10 *Que ao fim da batalha é a vitória.*

Este soneto aparece em espanhol na obra de Pedro da Costa Perestrelo, e D. Carolina Michaëlis transcreveu-o para as *Poesias* de Sá de Miranda do Ms. de Juromenha, que ela julgava fidedigno. Quem será o autor? Dá-o Faria e Sousa como de Camões e dele nos oferece uma lição que, na verdade, não desmerece do Poeta, ao contrário da de 1616. Inserimo-lo com toda a reserva, e apenas porque o facto de o considerar F. e S. de Camões não basta para concluir que o não seja.

157

14 *Morrer não me deixeis...*
15 *Se de todo contudo está no Fado,*
Que eu morra de viver tão descontente,
Venha-me todo o bem por acidente
E todo o mal me venha por cuidado.
Que muito milhor é perder-se a vida,
Perdendo-se as lembranças da memória,
Pois fazem tanto dano ao pensamento.
Porque, enfim, nada perde quem perdida
A esperança tem já daquela glória.
Que fazia suave o seu tormento. Eds. corrig.

Será este soneto o mesmo que *Doces lembranças minhas do passado*, atribuído a Bernardes pelo P.e P. Ribeiro?

161

15 *Senhora, se de vosso lindo gesto...* Ms. de L. Franco.

19 *Que vossa fermosura e vulto honesto...* Ibid.

22 *Não vira em vós seu dano o mal funesto.* Eds. corrig.

25 *Em mil venci diversas fantasias.* Ms. de L. Franco.

168

16 *Que ũa tal fé pudesse assi perder-vos?* Eds. corrig.

18 *Se por amar-vos chego a aborrecer-vos...* Ibid.
19 *Deixais a quem vos ama ou vos adora...* Ibid.

26 *Esta, enquanto eu viver, vereis inteira...*
E se em vão meu querer nos persuade,
Mais vosso não querer faz que vos queira. Ibid.
26 *Esta, enquanto eu vos vir...* Ed. de 1685.
E se em vão meu querer nos persuade,
Mais vosso não querer faz que vos queira. Ibid.

170

17 *Ai! quem do amado ninho vos desterra...* Eds. corrig.

21 *Ver brenhas de ondas? feito o mar em serra...* Ibid.

25 *Que se avantaje àquela que esperardes.* Ibid.
26 *E só desta verdade ide segura:*
Que fazeis mais saudades com vos irdes,
Do que levais desejo por chegardes. Ibid.

171

O *Indice* do P.e P. Ribeiro atribui a Bernardes um soneto *Ah! minha Félis fermosa, assi deixaste...* Será o mesmo?

172

6 *Quem nunca deixar pôde de querer-te!*
Que já, ninfa gentil, não possa ver-te! Ibid.

16 *Em que não deixou nunca de querer-te...* Ms. de [L. Franco.

19 *Como por tempo eterno te apartaste...* Eds. corrig.

21 ..... *essas águas defender-te!*

2 *Me deixou que apressada o negro manto*
Lançar sobre teus olhos consentisse! Ibid.

5 *Qual vida perderei que valha tanto...* Ibid.

173 e 174

Estes sonetos são excluídos da ed. de 1932, sem explicação alguma. Não se lhes deu qualquer outra atribuição e não lhes falta sabor camoniano.

23 *Com os vossos cuidados me cansastes...* Eds. corrig.

25 *Fizestes-me provar gostos passados.*
E vossa condição neles provastes:
Singelos em ũa hora mos levastes... Ibid.

1 *Quanto milhor me fora que não vira*
Os doces bens de Amor! Ah bens suaves!
Quem me deixa sem vós, porque me deixa?
De queixar-te, alma minha, te retira,
Alma, de alto caída em penas graves,
Pois tanto amaste em vão, em vão te queixa. Ibid.

178

16 *Juntar-se ao claro dia...*
E a terra colocada lá na altura... Ibid.

19 *Quando Amor à Razão obedecer*
E em todos for igual ũa ventura,
Deixarei eu de ver tal fermosura
E de a amar deixarei depois de a ver. Ibid.

2 *No mundo, por que, enfim, não pode ver-se,*
Ninguém mudar-me queira de querer-vos. Ibid.

5 *E o ganhar-se a minha alma ou o perder-se,*
Para dos olhos meus nunca perder-vos. Ibid.

INDICE

Prefácio ..... IX-LIV

REDONDILHAS

A alma que está of'recida 162
Afuera, consejos vanos 176
Ai de mim, mas de vós ai 182
Amor cuja proveniência 156
Amor loco, amor loco 56
Amor, que a todos ofende 70
Amores de ũa casada 72
A morte, pois que sou vosso 49
Ana quiseste que fosse 166
Apartaram-se os meus olhos 9
Aquela cativa (Endechas a Bárbara, escrava) 92
Campos bem-aventurados 43
Catarina bem promete 65
Cinco galinhas e meia 153
Coifa de beirame 83
Com razão queixar-me posso 165
Com vossos olhos Gonçalves 67
Conde, cujo ilustre peito 87
Corre sem vela e sem leme (Labirinto a queixar-se do mundo) 50
Da alma e de quanto tiver 15
Da doença em que ardeis 73
Dama de estranho primor 52
De atormentado e perdido 64
De dentro tengo mi mal 18
De pequena tomei amor 6
De que me serve fugir 24
Descalça vai pela neve 10
Descalça vai pera a fonte 154
Deu, Senhora por sentença 75
Deus te salve, Vasco amigo 138
De vós quererdes meu mal 178
De vuestros ojos centellas 16
Do la mi ventura 148
Enforquei minha Esperança 67
Esconjuro-te, Domingas 134
Esperanças mal tomadas 181

Esses alfinetes vão 61
Este mundo es el camino (Disparates da Índia)... 95
Falso cavaleiro ingrato 8
Ferro, fogo, frio e calma 155
Foi-se gastando a esperança 158
Guardai-me esses olhos belos 179
Há um bem que chega e foge 57
Irme quiero, madre 11
Justa fué mi perdición 26
Mas porém a que cuidados? 41
Minha alma, lembrai-vos dela 19
Minina dos olhos verdes 1
Minina fermosa 121
Minina fermosa e crua 59
Minina, não sei dizer 71
Muito sou meu inimigo 86
Na fonte está Lianor 137
Não estejais agravada 78
Não posso chegar ao cabo 152
Não sei se me engana, Helena 63
No monte de Amor andei 184
Nos livros doutos se trata (Pedido ao Viso-Rei, a favor de Heitor da Silveira 153
Ojos, herido me habéis 157
Olhai que dura sentença 74
Olhos em que estão mil flores 151
Olhos não vos mereci 126
Ó meus altos pensamentos 180
Os bons vi sempre passar (Ao desconcerto do mundo) 136
Pastora da serra 140
Peço-vos que me digais 76
Pequenos contentamentos 131
Pera evitar dias maus 186
Pera qué me dán tormiento 17
Perdigão perdeu a pena 133
Perguntais-me quem me mata? 127
Pois a tantas perdições 132
Pois dano me faz olhar-vos 23
Porqué no miras, Giraldo 139
Pus o coração nos olhos 126
Pus meus nũa funda 69
Qual terá culpa de nós? 85
Quando me quer enganar 63

Que diabo há tão danado? 158
Qué veré que me contente 150
Que vistes, meus olhos 183
Quem disser que a barca pende 164
Quem no mundo quiser ser 94
Quem ora soubesse! 5
Quem se confia em olhos 150
Querendo escrever um dia 28
Retrato, vós não sois meu 160
Saudade minha 13
Se a alma ver-se não pode 128
Se de meu mal me contento 20
Se derivais de verdade 79
Se Helena apartar 120
Se me desta terra for 130
Se me levam águas 3
Se na alma e no pensamento 127
Se não quereis padecer 89
Se vossa Dama vos dá 82
Sem olhos vi o mal claro 135
Sem ventura é por demais 47
Sem vós e com meu cuidado ..... 25 e 155
Senhora pois me chamais 69
Senhora, se eu alcançasse 60
Sôbolos rios que vão (Babel e Sião) 101
Sois fermosa e tudo tendes 142
Suspeitas que me quereis? 38
Tende-me mão nele 124
Todo es poco lo posible 58
Trabalhos descansariam 47
Triste vida se me ordena 45
Trocai o cuidado 21
Tudo pode ũa afeição 20
Tudo tendes singular 146
Vede bem se nos meus dias 58
Vejo-a na alma pintada 55
Venceu-me amor, não o nego 135
Ver e mais guardar 17
Verdes são as hortas 119
Verdes são os campos 123

Vi chorar uns claros olhos 146
Vida da minha alma 22
Vida da minha alma! 149
Vós, Senhora, tudo tendes 2
Vós sois ũa dama 163
Vos tenéis mi corazón 14
Vosso bem-querer, Senhora? 129

SONETOS

A chaga que, Senhora, me fizestes 277
A fermosura desta fresca serra 143
A morte que da Vida o nó desata 258
A violeta mais bela que amanhece 264
Ah! Fortuna cruel! Ah! duros Fados 288
Ah! minha Dinamene! assim deixaste 287
Ai, inimiga cruel! Que apartamento 286
Alegres campos, verdes arvoredos 195
Alma gentil, que à firme Eternidade 299
Alma minha gentil, que te partiste 213
Amor, com a esperança já perdida 210
Amor é fogo que arde sem se ver 232
Amor que o gesto humano na alma escreve 225
Apartava-se Nise de Montano 212
Apolo e as nove Musas, discantando 206
Aquela fera humana que enriquece 228
Aquela que, de pura castidade 249
Aquela triste e leda madrugada 212
Aqueles claros olhos que chorando 306
Árvore, cujo pomo, belo e brando 252
Bem sei, Amor, que é certo o que receio 244
Busque Amor novas artes, novo engenho 205
Cá nesta Babilónia donde mana 256
Cantando estava um dia bem seguro 261
Cara minha inimiga, em cuja mão 214
Chorai, ninfas, os Fados poderosos 286
Coitado! que em um tempo choro e rio 255
Com grandes esperanças já cantei 243
Como fizeste, Pórcia, tal ferida 192
Como quando do mar tempestuoso 229
Conversação doméstica afeiçoa 221
Correm turvas as águas deste rio 259
Crescei, desejo meu, pois que a Ventura 273
Criou a Natureza damas belas 274
Dai-me ũa lei, Senhora, de querer-vos 208
De frescas belvederes rodeadas 293
De piedra, de metal, de cosa dura 304
De quantas graças tinha a Natureza 265
De tão divino acento em voz humana 216
De um tão felice engenho, produzido 290
Debaixo desta pedra está metido 217
De vós me aparto, ó Vida! Em tal mudança 211

Debaixo desta pedra sepultada 298
Delgadas, claras águas do Mondego 259
Depois que quis Amor que eu só passasse 244
Despois que viu Cibele o corpo humano 248
Diana prateada, esclarecida 281
Ditosa pena, como a mão que a guia 300
Ditosas almas, que ambas juntamente 299
Ditoso seja aquele que sòmente 228
Diversos dões reparte o Céu benino 251
Dizei, Senhora, da Beleza ideia 269
Do están los claros ojos que colgada 303
Dos Céus à Terra desce a mor Beleza 257
Dos ilustres antigos que deixaram 240
Doce contentamento já passado 282
Doce sonho, suave e soberano 282
Doces lembranças da passada glória 213
El vaso reluziente y cristalino 270
Em fermosa Leteia se confia 193
Em flor vos arrancou de então crescida 218
Em prisões baixas fui um tempo atado 220
Em um batel que com doce meneio 302
Enquanto Febo os montes acendia 263
Enquanto quis Fortuna que tivesse 187
Erros meus, má fortuna, amor ardente 257
Esforço grande, igual ao pensamento 240
Está o lascivo e doce passarinho 188
Está-se a Primavera trasladando 188
Este amor que vos tenho, limpo e puro..... 268
Eu cantarei de amor tão docemente 187
Eu cantei já e agora vou chorando 246
Ferido sem ter cura perecia 223
Fermosos olhos, que na idade nossa 202
Fiou-se o coração de muito isento 233
Foi já num tempo doce cousa amar 230
Fortuna em mim guardando seu direito 288
Gentil Senhora, se a Fortuna imiga 252
Grão tempo há já que soube da Ventura 210
Ilustre e dino ramo dos Meneses 238
Ilustre Gracia, nombre de una moza 293
Indo o triste pastor todo embebido 267
Já a saudosa Aurora destoucava 226
Já claro vejo bem, já bem conheço 278
Já não sinto, Senhora, os desenganos 291

Julga-me a gente toda por perdido 260
Leda serenidade deleitosa 221
Lembranças, que lembrais meu bem passado 279
Lembranças saudosas, se cuidais 207
Lindo e subtil trançado, que ficaste 196
Males, que contra mim vos conjurastes 209
Memória de meu bem, cortado em flores 301
Moradoras gentis e delicadas 262
Na desesperação já repousava 250
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades 199
Na metade do Céu subido ardia 224
Na ribeira de Eufrates assentado 287
Náiades, vós, que os rios habitais 196
Não passes, caminhantle — Quem me chama? 219
Não vás ao monte, Nise, com teu gado 264
Nem o tremendo estrépido da guerra 296
No mundo poucos anos, e cansados 237
No mundo quis o Tempo que se achasse 230
No tempo que de amor viver soía 236
Nos braços de um silvano adormecendo 294
Num bosque que das ninfas se habitava 191
Num jardim adornado de verdura 189
Num tão alto lugar, de tanto preço 272
Nunca em amor danou o atrevimento 274
O céu, a terra, o vento sossegado 247
O cisne, quando sente ser chegada 195
O culto divinal se celebrava 223
O dia em que nasci moura e pereça 305
O filho de Latona esclarecido 249
O fogo que na branda cera ardia 190
O raio cristalino se estendia 225
O tempo acaba o ano, o mês e a hora 279
Oh! Como se me alonga de ano em ano 215
Oh! Quão caro me custa o entender-te 220
Olhos fermosos, em que quis Natura 272
Ondados fios de ouro reluzente 222
Ondas que por el mundo caminando 303
Onde acharei lugar tão apartado 296
Onde mereci eu tal pensamento 295
Orfeu enamorado que tañía 266
Os reinos e os impérios poderosos 216
Os vestidos Elisa revolvia 242
Passo por meus trabalhos tão isento 208

Pede o desejo, Dama, que vos veja 201
Pelos extremos raros que mostrou 193
Pensamentos, que agora novamente 234
Pois meus olhos não cansam de chorar 207
Por cima destas águas, forte e firme 253
Porque quereis, Senhora, que ofereça 204
Por sua ninfa, Céfalo deixava 246
Posto me tem Fortuna em tal estado 280
Presença bela, angélica figura 251
Pues lagrimas tratais, mis ojos tristes 270
Qual tem a borboleta por costume 297
Quando a suprema dor muito me aperta 277
Quando cuido no tempo que contente 283
Quando da bela vista e doce riso..... 201
Quando de minhas mágoas a comprida 236
Quando o sol encoberto vai mostrando 215
Quando, Senhora, quis Amor que amasse 284
Quando se vir com água o fogo arder..... 291
Quando vejo que meu destino ordena 211
Quanta incerta esperança, quanto engano 295
Quantas vezes do fuso se esquecia 192
Que esperais, esperanças? — Desespero 283
Que levas, cruel Morte? — Um claro dia 238
Que me quereis, perpétuas saudades 235
Que modo tão subtil da Natureza 249
Que poderei do mundo já querer 237
Que vençais no Oriente tantos reis 217
Quem diz que Amor é falso ou enganoso 294
Quem fosse acompanhando juntamente 245
Quem jaz no grão sepúlcro, que descreve 218
Quem pode livre ser, gentil Senhora 189
Quem presumir, Senhora, de louvar-vos 268
Quem pudera julgar de vós, Senhora 285
Quem quiser ver de Amor ũa excelência..... 231
Quem vê, Senhora, claro e manifesto 200
Quem vos levou de mim, saudoso estado 292
Se a Fortuna inquieta e mal olhada..... 289
Se a ninguém tratais com desamor 306
Se as penas com que Amor tão mal me trata 203
Se com desprezos, Ninfa, te parece 276
Se de vosso fermoso e lindo gesto 281
Se, depois de esperança tão perdida 234
Se em mim, ó Alma, vive mais lembrança..... 298

Se me vem tanta glória só de olhar-te 278
Se pena por amar-vos se merece 229
Se tanta pena tenho merecida 204
Se tomar minha pena em penitência 233
Seguia aquele fogo, que o guiava..... 255
Sempre a Razão vencida foi de Amor..... 254
Sempre, cruel Senhora, receei 285
Senhor João Lopes, o meu baixo estado..... 250
Senhora já desta alma, perdoai..... 271
Senhora minha, se de pura inveja 304
Sentindo-se tomada a bela esposa 247
Sete anos de pastor Jacob servia..... 194
Suspiros inflamados, que cantais 227
Sustenta meu viver ũa esperança 275
Tal mostra dá de si vossa figura 253
Tanto de meu estado me acho incerto 198
Tempo é já que minha confiança 199
Todas as almas tristes se mostravam 301
Todo o animal da calma repousava..... 206
Tornai essa brancura à alva assucena..... 265
Tomava Daliana por vingança 191
Tornou-me vossa vista soberana 194
Transforma-se o amador na cousa amada 198
Transunto sou, Senhora, neste engano 307
Ũa admirável erva se conhece 275
Um mover de olhos, brando e piadoso 197
Vencido está de amor meu pensamento 267
Verdade, amor, rezão, merecimento 242
Vós, ninfas da gangética espessura 239
Vós outros, que buscais repouso certo..... 256
Vós que, de olhos suaves e serenos 231
Vós que escutais em rimas derramado 262
Vossos olhos, Senhora, que competem 203

VARIANTES E NOTAS

Redondilhas 309
Sonetos 319

INDICE DAS EDIÇÕES

DAS REDONDILHAS

	Págs.
Edição de 1595	1-118
» » 1598	119-135
» » 1616	136-153
» » 1668	154-175
» dos inéditos publicados por Juromenha	176-186

DOS SONETOS

	Págs.
Edição de 1595	187-219
» » 1598	220-245
» » 1616	246-261
» » 1668	262-292
» » 1685	293-300
» dos inéditos publicados por Juromenha	301-306

CORRIGENDA DE MAIOR IMPORTÂNCIA

Pág.	18	linha	6	está	*en cuerpo* em vez *de el curpo*
»	20	»	6	»	*todo humano* em vez de *todo o humano*
»	20	»	17	»	*souber* em vez de *soube*
»	22	»	8	»	*Pois* em vez de *Mais*
»	30	»	2	»	*de clara* em vez *da clara*
»	32	»	16	»	*irei eu queixando* em vez de *irei queixando*
»	82	Nota		»	*1-4* em vez de *5-8*
»	156	»	4	»	*Levar o imigo* em vez de *Levar imigo*

Como foi notado nas *Variantes e Notas,* estão trocadas as composições das págs. 25 e 154, sobre o mote — *Sem vós, e com meu cuidado.*

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA — LISBOA